PÁGINA CENTRAL: «LISBOA CIDADE DESCONEXA» POR NUNO PORTAS

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

TERÇA-FEIRA, 17 DE JUNHO DE 1969 N.º 16 699 ANO 49.º UM ESCUDO

luz verde nos caminhos da FORTUNA

1 X 2

TOTOBOLA

EXAMES

— Eh, pá, se fossem todas assim! — **tal exclamação ouviu-a, esta manhã, o repórter de várias bocas, e, por esse País fora, em todos os liceus, onde hoje principiaram as escritas do 7.º ano, deve ter sido repetida por cerca de 25 mil raparigas e rapazes, que tantos foram, aproximadamente, os que prestaram provas de Organização Política e Administrativa da Nação, disciplina que abriu o calendário dos exames do ensino secundário.**

Entretanto, desnecessário se torna sublinhar que o «Diário de Lisboa», que foi o primeiro jornal português — há precisamente dez anos — a publicar os pontos de exame, e as respectivas soluções, uma vez mais o faz, no próprio dia ou no dia seguinte, consoante as horas a que se realizarem as provas.

Além disso, e como sempre também, o nosso jornal está aberto a todas as sugestões, críticas e informações que, sobre os exames, os leitores nos queiram enviar — com vista a debater, tão livremente quanto nos seja permitido, múltiplos problemas.

(Ler na pág. 17)

Vão ser suspensos os voos de auxílio de S. Tomé para Biafra

— anunciou o coronel Wichman

S. TOMÉ, 17. — Os voos de auxílio á população do Biafra terão de ser suspensos entre hoje e amanhã — anunciou esta manhã o coronel Wichman, director de operações de uma das organizações ecuménicas que trabalham em S. Tomé para esse fim.

O coronel Wichman explicou que a decisão era motivada pelo facto de as forças nigerianas terem passado a dispor de uma nova instalação de radar que põe em perigo os aviões de transporte de auxílio.

FOME EXTREMA

COPENHAGUE, 17 — (R.) — Biafra enfrentará uma fome extrema como resultado de uma paragem temporária nos voos de transporte de alimentos do Auxílio das Igrejas Conjuntas (J.C.A.), segundo círculos informativos ligados a este movimento.

A J.C.A. tem vindo a realizar os seus voos de auxílio a partir da ilha portuguesa de São Tomé, até ao campo de aviação de Uli, em Biafra.

Um informador do Auxílio da Igreja Escandinava, que é responsável pelas operações de voos em Biafra, afirmou ontem á noite que os bombardeiros nigerianos tinham atacado e danificado consideràvelmente o campo de aviação de Uli durante as ultimas quatro noites.

A redução de voos começou no dia 15, altura em que apenas um avião, a partir de São Tomé, entrou em Biafra.

A Cruz Vermelha cessou os seus voos de auxílio a partir de Cotonou, Daomé, e de Fernando Pó, Guiné Equatorial, há cinco dias, após ter sido abatido um avião sueco da Cruz Vermelha Internacional, incidente em que morreram os quatro tripulantes do avião.

O CHAFARIZ NÃO FUNCIONA

Milhares de pessoas, nesta Lisboa do século XX, estão privadas de água para beber. A angústia de milhares de moradores de Olivais Velho principiou exactamente na última sexta-feira, dia 13, dia de Santo António. Mas Santo António, que concerta as bilhas, não concerta o chafariz de Olivais Velho... **(Ler na última página).**

TERMINOU A REUNIÃO DE MOSCOVO

NEM TODOS OS PAÍSES APOIAM TOTALMENTE O DOCUMENTO FINAL

MOSCOVO, 17 — (R.) — Terminou hoje a conferência comunista mundial com uma cerimónia solene da assinatura do documento que servirá de base à luta contra o imperialismo.

Delegações de 14 partidos Comunistas retiraram o seu apoio total ao documento.

Porém é certo que o Kremlin irá considerar a conferência como um retumbante êxito e apresentar as divergências como pormenores sem importancia.

Apenas uma delegação, a da Republica Dominicana, se recusou terminantemente a assinar o documento. Houve outras duas, a do Partido sueco e a do Partido cubano, que foram á conferência como observadores e também não assinaram.

As delegações britanica, norueguesa e da reunião

(Continua na 13.ª página)

HOJE 32 PÁGINAS
VISADO
PELA CENSURA

AS COMEMORAÇÕES DO V CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE VASCO DA GAMA INICIAM-SE EM LISBOA NO DIA 8 DE JULHO PRÓXIMO

(Ler notícia na página 17)

A crise nas indústrias de pesca e conservas comentada pelo presidente da respectiva corporação

O presidente da Corporação da Pesca e Conservas, sr. José António Ferreira Barbosa, enviou-nos a carta que a seguir vai reproduzida. Nessa carta vemos esclarecidas e sublinhadas algumas circunstâncias da acção daquele dirigente no que diz respeito a iniciativas suas perante o desenrolar da crise naquele nosso tradicionalmente importante sector económico. Essa crise atingiu agora um momento e um ponto que se traduzem pelas mais graves inquietações. Deu o «Diário de Lisboa», por isso, apropriado relevo às conclusões da recente reunião daquela corporação, comentando-as como facto para que nos pareceu conveniente atrair a consciência dos que se julgam interessados nas condições de vida do País.

Reconhece e louva o presidente da Corporação tanto a nossa atenção como o sentido dos nossos comentários. Mas faz um esclarecimento ao ponto em que lhe censurámos o que nos pareceu ser a sua tardia intervenção. Pelo contrário, diz-nos, não descurou de informar o Governo, de a situação e os problemas, o que diz ter feito correctamente em devido tempo. Só agora, porém, esses problemas «vão ser ou já estão sendo apreciados por forma conveniente por quem de direito». A correcção não altera o sentido do que escrevemos. Não nos parece bastante o dizer-se que a culpa se fixou no degrau tal ou tal da escada das responsabilidades. Verifica-se que não se agiu a tempo. Foi isso que se verificou e foi o que lamentámos.

É a seguinte a carta do sr. Ferreira Barbosa:

«Cabe-me agradecer-lhe sinceramente o relevo consentido pelo seu jornal aos problemas das pescas e conservas com o publicação da notícia sobre a última reunião do Conselho desta corporação e «nota do dia» de 5 do corrente.

Uma reserva me permito opor a algumas das considerações desta última: sempre e desde há longos anos a indústria das conservas de peixe, pela voz dos seus representantes qualificados, vem chamando a atenção e solicitando medidas tendentes à solução possível dos seus problemas, nalguns casos sempre os mesmos, noutros sucessivamente alterados pelas circunstâncias de momento. Aliás, as próprias colunas do «Diário de Lisboa», muito amàvelmente e sempre postas à disposição quando solicitadas, podem disso dar testemunho.

Creia, sr. director, que seria injusto o afirmar-se que os Grémios dos Industriais de Conservas de Peixe e o próprio organismo de coordenação económica do sector, o Instituto Português de Conservas de Peixe, não tenham estado atentos ao desenvolvimento da situação e sugerido, desde há muito tempo, as providências que lhes pareceram oportunas.

Por seu turno, o Grémio dos Armadores da Pesca da Sardinha também se têm ocupado largamente dos seus próprios problemas e manifestado as suas legítimas apreensões sobre o desenvolvimento de uma situação que, mercê da conjugação de vários factores, se tem vindo a degradar progressivamente.

Quanto à Corporação de que sou presidente, julgo poder afirmar sem receio de desmentido que nunca descurou o cumprimento daqueles que são os seus deveres e atribuições fundamentais: o estimular e apoiar a acção dos organismos corporativos responsáveis e o de informar, correctamente e em devido tempo, o Governo sobre a situação e os problemas das actividades económicas que ela integra. Da menor ou nenhuma, conforme os casos, receptividade ou audiência às suas diligências, não lhe cabe a culpa. Anima-me, porém, a esperança de que, agora e finalmente, os nossos problemas vão ser ou já estão sendo apreciados de forma conveniente por quem de direito.

Das várias reuniões dos diversos órgãos desta Corporação, algumas convocadas expressamente para apreciação dos referidos problemas, sempre se enviaram à Imprensa, solicitando-lhe a sua divulgação, relatos pormenorizados. Acontece que desta vez a Imprensa se apercebeu melhor da gravidade do caso, acudindo-lhe com os seus comentários próprios que muito e muito são de agradecer, mesmo quando neles se contenha alguma dose de injustiça por natural desconhecimento de pormenores e de factos.

Resta-me, sr. director, repetir os meus agradecimentos e solicitar-lhe, agradecendo-o antecipadamente, que continue a prestar a sua atenção a estes problemas.»

João de Barros é amanhã evocado em Rádio Clube Português

Amanhã, às 21 e 10, Igrejas Caeiro apresentará, na sua sequência radiofónica das quartas-feiras, em Rádio Clube Português, uma entrevista inédita com o dr. João de Barros, realizada em Julho de 1957 para a série «Perfil de um artista».

Na sequência das justas homenagens à memória do notável escritor e poeta, pareceu a Igrejas Caeiro que era importante revelar esta gravação com a voz do dr. João de Barros, onde transparece a humana sensibilidade dum carácter vertical e invulgarmente bondoso.

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

ICI
'Vymura'
O PAPEL DE PAREDE REALMENTE LAVÁVEL
PERGOL — RUA D. ESTEFÂNIA, 163-C — LISBOA

FIL
X FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA
ATÉ 23 DE JUNHO — UMA IMAGEM OBJECTIVA DA REALIDADE ECONÓMICA DO NOSSO TEMPO
HORÁRIO: Hoje e amanhã — das 17 às 24 horas
Exclusivamente para visitantes profissionais
Entrada: 5$00

DE ONTEM PARA HOJE

MAIS 29 BIBLIOTECAS

A Camara Municipal de Lisboa continua a espalhar, pelos diversos bairros e instituições populares e outras, bibliotecas como instrumento de cultura. Impossível conseguir levar a cultura ao povo sem lhe dar leitura, sem lhe dar como recreio uma diversão espiritual. Os volumes foram ontem entregues no Palácio Galveias, sendo sobretudo «de formação moral e espiritual, recreativos e de divulgação histórica e científica». Presentes o sr. general França Borges, presidente da Camara Municipal, diversos directores de serviço e os representantes das instituições que receberam as bibliotecas: dez centros paroquiais da cidade, cinco escolas primárias, um organismo corporativo, dois centros de recreio e cultura popular e duas organizações de assistência. Na cerimónia, o sr. general França Borges acentuou qual tem sido a acção do Município neste capítulo, afirmando que, durante o período do seu mandato, foram já distribuídas 327 bibliotecas com cerca de 100 mil volumes, acentuando quanto se tem feito para que os lisboetas «conheçam melhor o que se passa no mundo e a sua posição nesse mesmo mundo». Disse, depois, que os centros paroquiais têm sido os grandes beneficiados, seguidos das escolas primárias, salientando, no entanto, que a Camara Municipal continua disposta a conceder, duas vezes por ano, as bibliotecas habituais. A terminar, o sr. general-presidente da Camara Municipal de Lisboa convidou os párocos de Lisboa e todas as pessoas presentes, ali, para um passeio fluvial no rio Tejo.

PALÁCIO DE BELÉM

O sr. Presidente da Republica recebeu os srs. eng.º Eduardo de Arantes e Oliveira, presidente do Conselho Superior de Fomento Ultramarino; general Luís da Camara Pina, chefe do Estado-Maior do Exército; general António Augusto dos Santos, comandante-chefe das Forças Armadas em Moçambique; general David dos Santos, governador militar de Lisboa; e Artur Cupertino de Miranda, presidente do conselho de administração do Banco Português do Atlantico.

FUNDAÇÃO SALAZAR

O sr. Presidente da República recebeu no Palácio de Belém a administração da Companhia Nacional de Navegação, que lhe foi entregar a soma de cinco mil contos para a Fundação Salazar.

O CASO DE «A FINANCIADORA»

Na Boa Hora efectuou-se ontem o julgamento do caso de «A Financiadora», tendo sido absolvidos os réus. O magistrado-presidente, no final, fez alusão a outro processo em que os réus tinham sido condenados na primeira e na segunda instancia. Mas o pleito de agora nada tem que ver com esse.

JANTAR DIPLOMÁTICO

No Palácio das Necessidades efectuou-se ontem á noite um jantar oferecido pelo dr. Franco Nogueira ao seu colega da África do Sul que, ao fim da tarde, estivera também no Palácio de Belém, a apresentar cumprimentos ao sr. Presidente da República

VINTE E CINCO MIL ESCUDOS

Manuel dos Santos, que foi toureiro grande e é hoje o empresário do Campo Pequeno, entregou para o Centro de Helen Keller a quantia de 25 mil escudos, produto da festa realizada no Campo Pequeno depois de Raul Solnado ter proposto a Manuel dos Santos um festival para que o «espontaneo» Manuel Valente pudesse dar publico testemunho das suas qualidades. A receita liquida da festa foi de 75 contos, sendo distribuída em partes iguais por aquele centro, pela Associação de Pais e Amigos das Crianças Mongoloides e pela Casa da Imprensa.

PROPOSTA DE UM CATEDRÁTICO

As estâncias termais portuguesas podiam tratar feridos de guerra

A Sociedade Portuguesa de Hidrologia Médica inaugurou ontem o seu ano académico de 1968-1969 com uma sessão a que presidiu o prof. Bruno da Costa, ladeado pelo dr. Bernardo Mendes de Almeida, prof. Lobato Guimarães e drs. Cid de Oliveira e Vanejão Castelo Branco e Sousa.

Aberta a sessão, o presidente anunciou a realização em Lisboa (Setembro-Outubro de 1970) do Congresso Internacional de Hidrologia e Climatologia Médicas, de que serão presidente o prof. Bruno da Costa e vice-presidente o dr. Bernardo Mendes de Almeida. Anunciou, também, a instituição de três prémios nacionais e anuais de Hidrologia Médica, oferecidos pelo Grémio Nacional dos Industriais de Águas Mineraes e Concessionários de Estabelecimentos Termais.

Deu-se depois início á ordem de trabalhos, a qual principiou com a alocução presidencial, feita pelo prof. Bruno da Costa, que versou o tema «Termalismo Social no Estrangeiro».

O conferencista fez uma brevíssima história o «termalismo social» como preâmbulo para apresentar o seu actual desenvolvimento na Europa, tanto nos países socialistas como nos capitalistas, de grandes realizações sociais. Definiu, depois, e desenvolveu os aspectos clínicos e sociais de que se envolve o termalismo dos economicamente débeis, provando que tanto no primeiro como no segundo aspecto tem real rentabilidade A despesa que exige, afirmou, nos países em que onde é intensamente requerido, não excede 0,85 % a 1 % das prestações referentes ao seguro-doença, longa doença e invalidez.

Prosseguindo, explanou as condições médicas necessárias para as concessões do tratamento termal aos segurados das Caixas de Previdência e de outras entidades de seguro social, e descreveu as condições e modalidades administrativo-económicas exigidas para conceder o tratamento termal apresentando a maneira de conduzi-lo e de vigiá-lo, para se tornar verdadeiramente util. Mais adiante defendeu o ponto de vista de que a associação da «crenoterapia e medicina física» forma um binómio indossociável a utilizar intensamente pelos portugueses. Disse ainda que o tratamento dos estropiados, dos indivíduos com invalidez removível, dos feridos de guerra, se poderia praticar em estâncias termais portuguesas, com médicos portugueses especializados em centros estrangeiros, para onde estes se mandam actualmente, poupando assim as divisas estrangeiras A terminar referiu-se ao termalismo social português do qual o pouco existente (Manteigas e S. Pedro do Sul) se deve, especialmente, ao dr. Veiga de Macedo, fazendo votos por que, em alto nível governamental, haja tomada plena consciência do problema e se faça o seu estudo orlando a obra social e humana que os nossos trabalhadores e funcionários necessitam e merecem.

Assistência termal insignificante

Seguiu-se no uso da palavra o dr. José Amaro de Almeira, que apresentou um trabalho intitulado «Termalismo social. Estado actual em Portugal».

Entendendo que o pobre termalismo português é consequência de vários factores, o conferencista abordou os seguintes pontos: o ensino da Hidrologia e a ivestigação; a má preparação hidrológica do clínico geral; as termas em regime deficitário; as termas clandestinas; e a insignificante assistência termal em Portugal.

Como conclusões, o dr. Amaro de Almeida referiu-se á necessidade de remodelação do ensino médico da Hidrologia; á necessidade de se organizarem cursos livres de Hidrologia para clínicos gerais; á necessidade de as Caixas de Previdência prestarem assistência crenoterápica aos seus beneficiários; e á necessidade da criação de hospitais termais.

UMA ALIANÇA EM CAUSA — NEGROS E JUDEUS NOS ESTADOS UNIDOS

«Vamo-nos dividir como tribos em pé de guerra ou unir-nos para resolver o nosso problema? Quereis fazer connosco o juramento de fraternidade? Eis o texto: como filho de Deus, como ser humano, como cidadão orgulhoso de Nova York, juro solenemente não emitir, aprovar ou tolerar qualquer tomada de posição antinegra, antijudaica ou antibraca seja sob a forma de declaração ou de acção, de maneira aberta ou disfarçada».

por JACQUES AMALRIC

Este «juramento de fraternidade» não é produto da imaginação fértil de qualquer seita de iluminados, como existem tantas nos Estados Unidos. Assinado por muitos rabinos, padres, pastores e pelo sociólogo negro Kenneth Clark, emana da Comissão para Terminar com o Ódio. Publicado em 31 de Janeiro último, em página inteira do «New York Times», comprada á tarifa publicitária, constitui um indício mais da degradação acelerada das relações entre negros e judeus americanos.

A crise entre as duas comunidades era previsível há anos. No entanto, nunca atingira semelhante fase. É tanto mais sensível hoje quanto os sociólogos de todas as latitudes acabaram por considerar os dois grupos étnicos como aliados naturais. Ambos, afinal de contas, não conheceram — senão partilharam — perseguições, segregação, violências de todas as espécies? Um destino de vítima não é feito mais para aproximar do que para dividir? As duas comunidades não têm, mesmo, em comum, até certa linguagem, da palavra «ghetto» á imploração bíblica: «Deixa partir o meu povo», que ressoa tão bem nos templos negros como nas sinagogas?

O render da guarda

A história das relações entre negros e judeus nos Estados Unidos começou verdadeiramente no fim do século passado, com a chegada em massa dos perseguidos da Europa Central. Nos primeiros tempos, os dois grupos não se encontravam sequer: os recém-chegados judeus instalavam-se nos centros industriais do Leste e do Norte — principalmente em Nova York, que conta hoje um milhão e oitocentos mil —, enquanto os negros mal começariam a deixar o Sul. A junção só mais tarde se faria, quando a primeira guerra mundial desse uma formidável chicotada à industrialização e começasse a encarreirar a mão-de-obra negra não especializada para os grandes centros.

No mais baixo da escala, os negros encontraram, então, aqueles que os tinham precedido nesta: os judeus. Muito naturalmente, instalar-se-iam nas margens dos bairros judeus, quer dizer, dos bairros mais deserdados. Duas explicações para esta promiscuidade: estes bairros são os menos caros, e os judeus, lembrando-se, em geral, do racismo de que foram vítimas do outro lado do Atlântico (e, também, nos Estados Unidos), mostraram-se muito mais compreensivos. Nova York oferece um exemplo típico desta rendição dos judeus pelos negros: antes de se tornar a «capital» da América negra, Harlém foi a da América judia.

A partir dos anos 20, as duas comunidades partilham os mesmos inimigos: o segundo Ku-Klux-Klan, entre outros, que coloca os judeus em bom destaque, ao lado dos negros e dos católicos, na lista dos inimigos a «pôr no seu lugar», sob pena de ver a jovem América contaminada por todos estes «estrangeiros» mais ou menos «comunistas». Alguns anos antes do renascimento do Klan, a «liderança» judaica pressentira, de resto, esta comunidade de destino, porquanto o rabino Stephen Wise, fundador do American Jewish Congress, tomava parte, em 1909, na fundação da Associação Nacional para o Progresso dos Negros (N. A. A. C. P.), que iria constituir, até ao fim dos anos 50, a ponta de lança da luta a favor da integração racial.

O desgaste da aliança entre judeus e negros corresponde, de resto, ao fim da hegemonia da N. A. A. C. P. Não foi por acaso: fundamentalmente legalista — perante os tribunais ganhou as suas mais importantes vitórias —, a Associação Nacional para o Progresso dos Negros encontrou-se ultrapassada a partir do fim dos anos 50, primeiro pela desobediência cívica de um Martin Luther King e, depois, pelo activismo, umas vezes revolucionário, outras sòmente nacionalista, dos mantenedores do «black power».

Só, no entanto, a partir de 1964-1965 é que o divórcio das duas comunidades se torna flagrante; e, mesmo assim, número elevado de jovens judeus permanecem fiéis ao movimento negro, a despeito da defecção — já um facto — dos mais antigos. Foi deste modo que dois jovens «civil rigth workers» judeus deviam pagar com a vida esta fidelidade, encontrando a morte sob os golpes dum bando de racistas sulistas, durante a grande campanha a favor dos direitos cívicos conduzida na antiga Confederação durante o Verão de 1964 (1).

Mas bem depressa a situação se degradou: o «slogan» do «poder negro» fez a sua aparição. Não definido, ou mal, assusta a comunidade branca, a comunidade judaica em particular, muito mais que o dos «black muslims» — muçulmanos negros. Os jovens radicais negros da Comissão de Coordenação dos Estudantes Não-Violentos (S. N. C. C.) retomam-no por sua conta. Para eles, acabou o tempo do paternalismo. Como melhor marcar esta evolução do que rompendo com estes companheiros de jornada que foram os liberais brancos?

Dito e feito. Pouco a pouco, os brancos que permaneceram no S. N. C. C., foram excluídos dos cargos importantes. Os liberais abandonam ou são repelidos. A maior parte são judeus. A mesma coisa se passa noutra organização negra, o Congresso para a Igualdade Racial (C. O. R. E.). Consequência desta radicalização: os fornecedores de fundos do S. N. C. C. e do C. O. R. E. — em geral ricos judeus liberais — param com as suas contribuições. As duas organizações negras vão conhecer situações financeiras muito difíceis. O S. N. C. C. ainda não se recompôs disso.

Escândalo no Metropolitan

Dois acontecimentos contribuíram para agravar a querela: a «guerra dos seis dias», em Julho de 1967, e a greve dos professores primários e secundários de Nova York, no Outono passado. Ao identificarem a sua luta com a dos revolucionários do «terceiro mundo», os mantenedores do «black power» tornaram-se, de facto, solidários com os nacionalistas palestinianos; ràpidamente se voltaram contra «os financeiros de Israel», quer dizer, a comunidade judaica americana. Bem depressa a greve escolar do ano passado — desencadeada pelo sindicato dos professores de Nova York, para protestar contra o pedido de mudança de dez professores brancos acusados de «sabotar» uma experiência de descentralização do ensino em proveito dos negros —, tomou proporções de afrontamento racial. Os professores que as autoridades escolares de Ocean Hill (um «ghetto» negro) pediam para transferir eram judeus na sua maior parte. E os condutores da greve dos professores também.

Os incidentes não cessaram de multiplicar-se desde o começo do ano, colocando, mesmo, o «mayor» da cidade, John Lindsay, em muito difícil posição menos de um ano antes da renovação do seu mandato: ainda há semanas os elementos mais conservadores da comunidade judaica se voltaram contra ele, censurando-lhe não ter estigmatizado «o anti-semitismo dos negros». Desde então, Lindsay teve de pronunciar algumas excomunhões menores contra os mais virulentos porta-vozes do «black power», como aquele professor que, numa emissão de uma estação de Rádio, leu um poema em que um jovem negro de uns quinze anos desejava ardentemente a morte do presidente do sindicato dos professores de Nova York.

No mesmo momento, toda a comunidade judaica de Nova York partia em guerra contra o catálogo

(Continua na página seguinte)

Nota do dia

UM QUADRO LUMINOSO

NÃO SE SABE AO CERTO em que medida é que a política deva ter tendência para ela própria, na sua metodologia, tentar a estabilidade ou a adaptação. Isto é, a arte da política (arte ou ciência?) deverá permanecer, tal como a sua prática tem sido concebida, ou deixar-se seduzir pelo «up-to-date» da tecnologia? E a dúvida, parece, deixou de ser meramente académica, quer dizer, deixou de ser apenas teórica ou abstracta porque nalguns sectores deu-se já pela penetração de instrumentos que fazem parte do arsenal de grandes novidades técnicas do nosso tempo.

Para encurtar razões, exemplifica-se. O que são e em que consistem as experiências que vêm a ser feitas no mecanismo para o exercício eleitoral? Vemos a operação de contagem de votos, que tantas contestações suscitava ao tempo em que ela se fazia, boletim a boletim, de mão em mão, ao longo de horas a fio, fazer-se agora instantâneamente por intermédio de uma aparelhagem automática, talvez electrónica, que responde de pronto, parece que sem admitir dúvidas nem hesitações. Recolhe os boletins, separa-os e em cada momento vai dando o resultado da contagem num quadro luminoso.

Mas não temos visto também, como vimos agora em França, as sondagens à opinião pública empreendidas por organismos especializados, anteciparem, pela interpretação de amostras, a percentagem em que o corpo eleitoral vai dividir-se pelos diversos candidatos? E os resultados previstos aproximam-se tanto, tanto daqueles que vêm finalmente a verificar-se, que muita gente se sentirá tentada a perguntar para quê ir votar se já se sabe quem é que ganha. Ter-se-á finalmente descoberto o último argumento confessável contra o processo eleitoral: o da sua inutilidade, pois que falar da sua incomodidade — quem se atreve?...

Daqui por diante é um passo. Se os gregos criaram a democracia, aliás a palavra democracia, significativa do Governo do povo, e para o seu exercício criaram as assembleias em que o que se chamava o povo (escravos à parte) se reunia para ouvir os magistrados ou para votar, não se poderá dizer que isso hoje não faz falta nenhuma? Vai o magistrado à Televisão, ouvem-no e vêem-no, que mais é que é preciso, que mais é que querem? Não é preciso assembleia, não é preciso parlamento. Depois vota-se por amostra, passa-se ao computador e parece que fica tudo resolvido sem mais incómodos para ninguém.

A partir daqui poderá cada um concluir que ao domingo pode ir à pesca e não estar mais a perder tempo com aborrecimentos, contrariedades, problemas de consciência, tudo isso que faz da vida um inferno e que pode muito bem substituir-se por outro inferno diferente, porventura até muito mais agradável. E a palavra democracia até pode ir para o museu. Ameaçada já pela concorrência que tem vindo a fazer-lhe a tecnocracia, arrumam-se as duas na mesma prateleira porque isso não tem nada com a gente nem a gente nada com isso. Mandam-se vir uns aparelhos electrónicos e eles que resolvam. E depois? Bom, depois recomeça o Mundo...

RECTÂNGULOS DA VIDA

AS MARCHAS

por MARIA JUDITE DE CARVALHO

Apetecia-me falar desta nossa Lisboa, cidade de sol ardente e chuvas torrenciais, cidade de muitas alegrias e não menos tristezas, mas sem me referir a manjericos nem a bailaricos, nem a arquinhos e balões nem a tradições. De Lisboa, simplesmente. E para falar de Lisboa podia referir-me a coisas muito nossas e que são, por isso mesmo, universais. De coisas humanas. Apetecia-me falar de Lisboa mas não falo. É que vi as marchas. E confesso que as vi pela primeira vez, embora as tenha ouvido com frequência, em rádios vizinhos durante muitos e variados meses de Junho.

Para quês cantar uma Lisboa errada? Depois, é um perigo e tanto isto da poesia (é um modo de dizer) obrigada a mote, sobretudo quando o mote é sempre o mesmo há um ror de anos. E aqui temos o rio Tejo e os manjericos e bailaricos já citados, e a alegria esfuziante de toda a gente (seremos assim tão alegres como isso nos 364 dias que sobejam?), e os balõezinhos e os amorinhos. Será isto Lisboa, mesmo vista através de lentes cor-de-rosa?

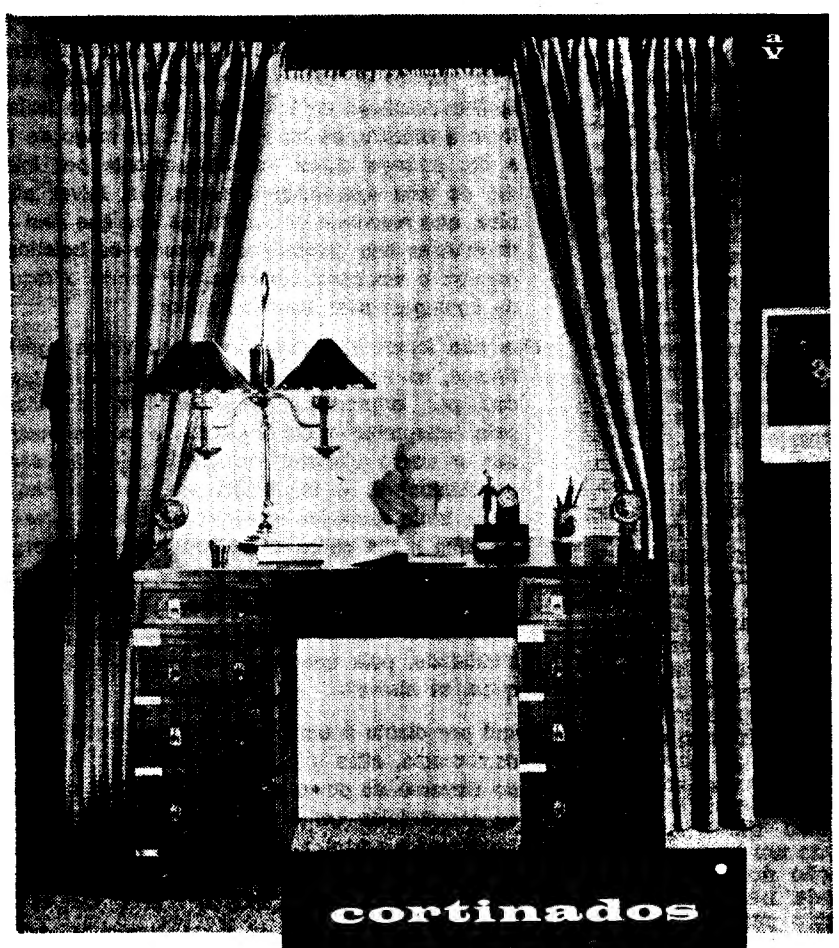
Já me referi há tempos a um casal de estrangeiros que veio pela segunda vez a Lisboa e se mostrou espantadíssimo ao dar com uma cidade triste. Julgavam-na a cidade mais alegre do mundo porque tinham por cá passado, da primeira vez, em noite de marchas. Ora da segunda vez...

Dito isto sou — talvez fosse — pelas marchas, pequenas aldeias em movimento nesta cidade grande que não é uma grande cidade. Seria por elas, mas não assim. Popular é uma designação com grandes possibilidades, mas serão populares as marchas? Não se parecerão impressionantemente com o infalível quadro «popularuncho» de todas as revistas? Depois, para quê a inspiração do século não sei quantos se estamos neste maravilhoso século de olhar em frente? Popular o que não evoluiu, o que ficou lá atrás, o que se recusou a dar um passo à velocidade do mundo?

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

Aos
Arquitectos
e Decoradores

CHEGOU...
o tecido ideal
para os seus cortinados!



cortinados
robilon
Glass
em fibra de vidro

porquê?

porque (como é óbvio...)

O vidro não deixa entranhar a sujidade, apenas a permite à superfície...

O vidro resiste à humidade...

O vidro é refratário ao míldio, e também não apodrece...

O vidro é o material de mais fácil lavagem...

O vidro nunca encolhe nem alarga.

O vidro nunca é passado a ferro...

O vidro é ininflamável...

...e a não menos importante, de cores extremamente resistentes aos efeitos solares

Sinceramente, será que os seus actuais cortinados lhe oferecem Todas estas garantias?

visitem o stand
robilon Glass
na FIL
Feira Internacional de Lisboa
PRAÇA DAS INDÚSTRIAS
LISBOA-3 — (Portugal)

NEGROS E JUDEUS NOS E.U.A. — UMA ALIANÇA EM CAUSA

(Continuação da pág. anterior)

de uma exposição sobre Harlém organizada pelo Metropolitan. O responsável da manifestação — de resto um judeu — considerara oportuno fazer figurar nesse catálogo uma dissertação de um jovem negro acerca das relações entre judeus e negros em Nova York. O texto, por fim, considerado anti-semita e o catálogo do Metropolitan Museum enviado para a sucata. Eis a passagem mais amiúde denunciada: «*Atrás de cada obstáculo a ultrapassar pelo afro-americano, encontra-se o judeu, que, por seu lado, já o ultrapassou. Os comerciantes judeus são os últimos sobreviventes nos «ghettos» negros em expansão... A ausência de concorrência neste sector permite-lhes explorar ainda mais os negros, que já o são no resto... Grande parte das mulheres negras de Harlém servem como criadas na classe média judia. Talvez isto explique o anti-semitismo mais virulento das mulheres negras. Outro factor importante a notar é que, sob o ponto de vista psicológico, os negros podem pensar que o anti-semitismo, por uma única vez, os une a uma maioria*».

Ódio ou admiração

Semelhante linguagem é de chocar. Nada de admirar, portanto, as reacções escandalizadas de várias associações judaicas conhecidas pelo seu liberalismo, como a Antidefamation League. Esta linguagem não deixa de exprimir, em todo o caso, em Nova York, uma certa realidade. Para o habitante do «ghetto», o judeu não é o liberal, o intelectual anti-racista que julga ser, mas o comerciante branco da esquina, ou o senhorio do apartamento onde se aglomeram a quatro ou cinco por divisão, ou, ainda, o «social worker» paternalista, que uma legislação estúpida condena a um verdadeiro trabalho policial, ou, ainda, o professor que considera muitas vezes — e não o esconde — a sua passagem por uma escola do «ghetto» como um período de purgatório que convém passar o mais ràpidamente possível.

Exactamente porque mantiveram relações no passado, as duas comunidades encontram-se agora em concorrência. Não é por acaso que os lugares que os negros invejam são os de que a comunidade judaica se soube apoderar nos anos 1920-1930. O caso é flagrante em Nova York e Daniel Patrick Moynihan, conselheiro de Richard Nixon para os assuntos urbanos, tem razão para fazer notar: «*Das quatro categorias de brancos que o negro tem ocasião de encontrar três são judeus: os professores, os funcionários dos serviços, os comerciantes; só o polícia é irlandês.*» Teria podido acrescentar uma outra categoria, também judaica, a dos responsáveis sindicais, mesmo nos sindicatos cuja base já não é judaica há muitos anos.

Recordar estes factos, é dizer igualmente quanto pode ser complexo aquilo a que se chama anti-semitismo dos negros americanos. É tanto moldado pela admiração e a inveja como pelo ódio, representando o judeu, pela sua ascensão social rápida e a sua adaptação à sociedade americana, tudo quanto é inacessível ao negro. Ora, o judeu chegou aos Estados Unidos há menos dum século. O negro está ali há muito mais tempo... De certo modo, o judeu não terá provado o bom fundamento da tese do «poder negro» ao demonstrar com brilho a potência do «poder judeu»?

O antisemitismo dos brancos

É preciso levar a análise mais a fundo: ao mesmo tempo que fez o seu «buraco» na sociedade americana, o judeu soube não perder a sua identidade, não se fundir com a massa. A comunidade, pelo contrário, apertou as fileiras para apresentar uma frente unida cuja célula de base é a família, esta instituição que o branco destruiu sistemàticamente e esmagou no negro durante dezenas de anos. Este fenómeno teria novamente jogado: segundo certos judeus progressistas, os dirigentes tradicionais da comunidade não ficariam descontentes por utilizarem as declarações e os escritos de alguns extremistas negros para reforçar uma solidariedade étnica um tanto maltratada pelas novas gerações. Um facto, a este propósito, é significativo: há mais de um ano, a Antidefamation League pediu à Universidade da Califórnia um estudo sobre o anti-semitismo nos Estados Unidos. As primeiras conclusões deste estudo acabam de ser publicadas: revelam entre outras coisas que o anti-semitismo é menos virulento nos negros que nos brancos.

Uma verificação confirma esta conclusão: aquilo a que se chama anti-semitismo dos negros americanos é principalmente sensível em Nova York, onde as duas comunidades estão em pleno afrontamento por razões económicas e históricas bem precisas. A poucos quilómetros dali, em Newark, é à comunidade italiana que os negros reservam as frechas, quer dizer à comunidade que assegurou para si a direcção da cidade. Em Boston, são os irlandeses mais amiúde tomados como bodes expiatórios pelos habitantes do «ghetto» de Roxbury; de resto, no Middle-West, são os alemães...

(1) Trata-se de Mickey Sohwerner e de Andy Goodman, mortos em companhia do jovem negro James Chaney em Filadélfia (Miss'sippi). Os seus assassinos — entre os quais um «sheriff» — são conhecidos. Continuam em liberdade.

DE «LE MONDE» em exclusivo para o «DIÁRIO DE LISBOA»

REGULARIZAÇÃO DA EXPLORAÇÃO DE PEDREIRAS

Iniciou-se hoje, na Câmara Corporativa, a apreciação do parecer acerca do projecto de decreto-lei sobre a regularização da exploração de pedreiras, tendo para esse efeito reunido a secção permanente, sob a presidência do sr. dr. Luís supico Pinto.

Os meios técnicos e o desenvolvimento verificados nos últimos anos, na exploração de pedreiras, vieram alterar profundamente as condições existentes em 1940, ano em que foi promulgada a última legislação, verificando-se, por isso, a necessidade da sua revisão e actualização de acordo com a evolução operada neste sector da indústria.

O mesmo sucede quanto á tendência generalizada de reforçar a intervenção do Estado para conseguir que a pesquiza e a exploração de substâncias minerais de relevante valor na economia nacional, em particular nas não concessíveis, se realizem de forma racional, evitando a dispersão de esforços e procurando obter o máximo aproveitamento das jazidas de tais substâncias, beneficiando, assim, simultâneamente, tanto os proprietários do solo como os industriais destes ramos extractivos e, por via indirecta, o próprio Estado.

No diploma agora em estudo adoptam-se as disposições essenciais à consecução dos objectivos indicados. É relator deste parecer o procurador prof. dr. Fernando Pires de Lima.

LIVRARIA BERTRAND, S. A. R. L.

C.-Virgil Gheorghiu

Segunda sessão de autógrafos

Mercê do êxito alcançado na sessão de ontem na nossa sede, o escritor Virgil Gheorghiu, autor de **A 25.ª HORA**, participando neste período de inauguração, estará presente para assinar as suas obras na

NOVA SUCURSAL DA LIVRARIA BERTRAND

Rua Dona Estefânia, 46-B/D

amanhã dia 18, pelas 17.30 horas

DESPERTA GRANDE INTERESSE E ADQUIRE LARGA PROJECÇÃO UM CURSO DE BAILADO EM OVAR

OVAR 17 — Há cerca de uns três anos uma colectividade ovarense, o Grupo Atlético Vareiro, tentou criar um curso de «ballet», o que, dado o desinteresse verificado, não vingou. No ano transacto, a sr.ª D. Edwiges Helena Gondim da Fonseca pensou, também, no assunto: que, no Órfeão de Ovar, também haveria lugar para um curso da especialidade. A direcção central da agremiação apoiou logo a ideia e, em Outubro do ano findo, foi empossada a Secção de «Ballet» do Órfeão de Ovar, constituída pelas sr.as D. Edwiges Helena Fonseca, D. Maria Judite Oliveira, D. Maria da Glória Pacheco e D. Rosa da Assunção D. Silva.

As aulas começaram naquele mês, dirigidas superiormente pela sr.ª D. Maria José Tigre, professora diplomada com o curso de «Ballet» da escola de dança clássica e russa de Irina Grejbina de Paris. De começo, a frequência foi diminuta, mas, pouco depois, mercê de cartazes elucidativos, foi-se elevando, atingindo uma vintena de alunas, de idades que oscilam entre os 3 e os 13 anos, sendo uma delas de Avanca

● Crescente entusiasmo

Curioso é assinalar o entusiasmo que as meninas iam demonstrando, a pouco e pouco, pelas aulas de bailado, apesar de ser, como é sabido, cansativa a ginástica dos pés e das pernas. Por outro lado, verifica-se que diversas senhoras e meninas ovarenses manifestam interesse na frequência de um curso de ginástica, pelo que está em estudo a possibilidade de alargar o âmbito da secção e incorporar nela a ginástica feminina. Tudo isto já é consolador, na medida em que o meio vai evolutindo e se vai interessando pela arte e pela cultura.

As aulas de «Ballet», ultimamente, têm sido quase diárias, no propósito de o sarau de encerramento do ano lectivo poder ser um acontecimento marcante no meio ovarense

Um guarda-roupa de sonho está praticamente confeccionado, e tudo se prepara para que a festa de apresentação das classes (1.ª e 2.ª) de «Ballet» do Órfeão de Ovar seja no dia 25, a partir das 21 e 30, no Cine-Teatro local, a preços francamente acessíveis (os mais caros não ultrapassam os 25$00), como convém para a divulgação do «ballet» e dos benefícios que ele proporciona para o harmonioso desenvolvimento físico e a elegância das crianças, muito especialmente no que respeitá ao sexo feminino

VIDA MUSICAL

A Banda da Armada no Jardim da Estrela

Hoje, ás 17 e 30, a Banda de Musica da Armada, sob a direcção do 2.º tenente Fortunato de Sousa, dá um concerto no Jardim da Estrela.

A banda de Minde na TV

MINDE, 17.—Há aqui grande entusiasmo pelo concerto que a banda da Sociedade Musical Mindense dá amanhã na R T P.

Aquela colectividade que há mais de 50 anos dedica valiosa actividade em prol de cultura musical vê, assim, coroados de êxito os seus esforços ao demonstrar os seus méritos perante as camaras da TV.

NO S. CARLOS BAILADO

No próximo dia 21, e não 22 como foi anunciado, decorre, no Teatro Nacional de S. Carlos, ás 16 e 30, o espectáculo anual de «Bailado em Acção» do Circulo de Iniciação Coreográfica, fundado e dirigido por Margarida de Abreu, professora do Conservatório Nacional e directora do Grupo de Bailados Portugueses «Verde-Gaio».

Neste espectáculo, em que actuarão as classes infantis, de iniciação e de balado dos cursos particulares de Margarida de Abreu e as classes do Circulo de Iniciação Coregráfica, colaboram igualmente os bailarinos do «Verde-Gaio» Neilma Williams, Maria José de Azevedo, Magda Cardoso e Klaus Goetz.

As estreias de hoje

No Monumental

Título em português — «A Raposa».
Título original — «The Fox».
Produção — Americana.
Realização — Mark Rydell.
Intérpretes — Sandy Dennis, Keir Dullea e Anne Heywood.
Género — Romance.
Distribuição — Astória Filmes.
Processo — Normal a preto e branco.
Classificação — 17 anos.

FILMES CASTELLO LOPES 30 anos apresenta

DELPHINE SEYRIG

(Prémio da melhor interpretação no Festival de Veneza)

MURIEL, OU O TEMPO DE UM REGRESSO

O filme fundamental de ALAIN RESNAIS (Prémio internacional da crítica no Festival de Veneza) com JEAN PIERRE KERIEN e NITA KLEIN

ARGUMENTO E DIÁLOGOS DE JEAN CAYROL ADULTOS

Uma admirável obra cinematográfica

AMANHÃ, ESTREIA estúdio nucnuanucnu

SANDY DENNIS
KEIR DULLEA
ANNE HEYWOOD
EM

WARNER - SEVEN ARTS
ASTÓRIA FILMES

A RAPOSA
(The Fox)

O MAIS ADULTO FILME QUE O CINEMA NOS DEU ATÉ HOJE

organização de LEWIS JOHN CARLINO e HOWARD KOCH - Da obra "The Fox" de D. H. LAWRENCE produção de RAYMOND STROSS - Realização de MARK RYDELL - Música de LALO SCHIFRIN - M/17 ANOS

HOJE - ESTREIA

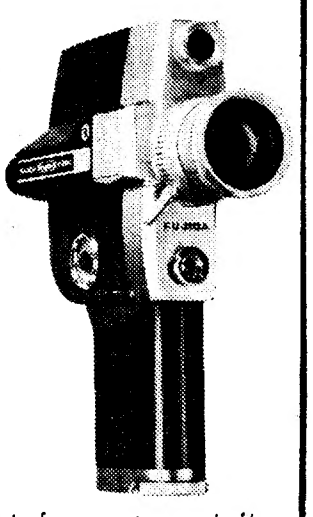
NO MONUMENTAL ÀS 21.30

A tradicional qualidade japonesa a preços de mercado europeu

FUJICA carregamento instantâneo Single-8

P300

A mais compacta câmara de filmar com zoom



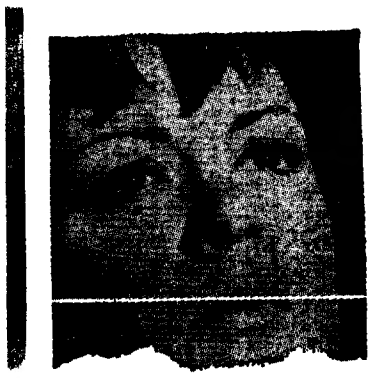
As famosas câmaras de filmar FUJICA são completamente automáticas e tornam o cinema mais fácil do que a fotografia.

REPRESENTANTE GERAL PARA PORTUGAL
HITZEMANN & C.ª, LDA.
PORTO — R. da Sá da Bandeira, 520/526 Telefs. 22135/6 e 36301
LISBOA — R. de Filipe Folque, 2-C e D Telefs. 59708/9

COMPRA-SE

MOTOR, CAIXA DE VELOCIDADES E TRANSMISSÃO COMPLETA BMW 600, PRINZ 2 OU FIAT 500 2 CILINDROS Ou salvados marcas indicadas e que os referidos órgãos tenham aproveitamento. Indicar preços, local e hora onde pode ser visto.

Enviar respostas para: SEBASTIÃO MENDONÇA — Rua do Seminário, 12, 2.º esq. (á Luz), Lisboa 4.



VASCO MORGADO e RAUL SOLNADO apresentam

AR CONDICIONADO TEATRO VILLARET o mais moderno e confortavel de lisboa

HOJE às 21.45 h.

UMA PEÇA DE VIOLÊNCIA E EMOÇÃO ADULTOS

com JO ALVARENGA na protagonista e por ordem de entrada em cena
ADRIANO REYS ● JOÃO GUEDES ● SINDE FILIPE ● ROLANDO ALVES ● CÉLIA DE SOUSA ● DAVID SILVA ● COSTA VAZ

Uma excitante experiência em «suspense»

BLACK-OUT

NOVO CASINO ESTORIL

HOJE E AMANHÃ
Últimas representações

LOS PAYADORES com GIOVANNA
vedetas da Rádio e da TV espanhola

SAGITTO
original malabarista e equilibrista

VERONICA

BENTYBER DANCERS
com CLAUDETTE WALKER
e LINDSAY DOLAN

SHEGUNDO GALARZA e seu conjunto
JIRINA'S COMBO
FERRER TRINDADE e sua orquestra

no grande salão restaurante às 23.30h m/17 anos — no wonder bar à 1.00h m/21anos

FLAMME D'OR
só no Wonder Bar

No CINEMA, ás 21.30 h.
«UMA MULHER E O MESMO HOMEM»
pela Companhia de Teatro «Gente Sem Nome»
(M/17 ano

CASA DA COMÉDIA
Rua S. Francisco de Borja, 22
LISBOA
HOJE, ás 22 h.
FOLCLORE DE ANGOLA
danças rituais / exotismo / arte
MARCAÇÕES: TEL. 67 72 99
(maiores de 12 anos)
Subsidiado pelo Fundo de Teatro.

AGUARDENTE VELHA
Nieport
a prova está na prova

NOTÍCIAS DOS ESTÚDIOS

■ Depois das «Semanas do Cinema Novo Brasileiro» (1969), da «Vanguarda Italiana» (1967), dos «Jovens Cineastas do Canadá» (1968), o Festival Internacional de Cinema de Berlim vai dedicar este ano uma semana ao «Jovem Cinema Jugoslavo».

■ O décimo segundo Prémio Internacional de Cinema «Mercurio de Oito» foi atribuído ao filme inglês «The Land Must Provide» de Philip Owtram, depois do juri ter examinado os 107 filmes inscritos em representação de 18 países.

■ O realizador inglês Terence Young vai rodar um filme de acção, com «gangsters» e que se intitulará «Chicago 7». Dimitri de Grunwald é o produtor.

UM ACONTECIMENTO
DE ALTO NÍVEL ARTÍSTICO

NO TEATRO VARIEDADES T 32 60 37

Hoje e amanhã — á tarde, ás 18.30 h. (m/6 anos)
á noite, ás 21.45 h. (m/12 anos)

VASCO MORGADO e a COMISSÃO EXECUTIVA DA FEIRA NACIONAL DE AGRICULTURA
(Feira do Ribatejo)

apresentam

UM FESTIVAL INTERNACIONAL
DE FOLCLORE
145 FIGURAS EM CENA
COM PARTICIPAÇÃO DOS SEGUINTES GRUPOS:
BALLET SUD-AMERICANO
checo DOLINA eslovaco TECHNICH
E AINDA O FAMOSO BALLET
BIHARI JANOS
DA HUNGRIA
Pela 1. vez em Portugal um Grupo desta nacionalidade
Nos intervalos participação do
GRUPO ACADÉMICO
DE DANÇAS RIBATEJANAS

TEATRO LAURA ALVES
Telef. 86 47 56 (ADULTOS)
HOJE, 2 SESSÕES
20.45 e 23 h.
2 HORAS DE RISO ABSOLUTO
9.ª SEMANA
Pepsie
tradução de R. Lobato Faria
com JACINTO RAMOS
IRENE CRUZ
JOÃO LOURENÇO
GRAÇA LOBO
LUÍS PINHÃO
cenário de João Vieira
Direcção de
JACINTO RAMOS
5.ª-feira, descanso da Companhia

TEATRO DA TRINDADE
(F. N. A. I.)
HOJE, DIA 17, ÀS 21.30 — 1.ª RÉCITA DAS ÓPERAS

AMÉLIA AL BALLO
(AMÉLIA VAI AO BAILE)
de Menotti

Com: ELSA SAQUE, BEATRIZ HORTA, HUGO CASAES, CARLOS JORGE, HONORATO DE SOUSA, MARIA LUÍSA VIEGAS e SUZETE DIAS

IL GOBBO DEL CALIFFO
(O CORCUNDA DO CALIFA)
de Casavola

Com: HUGO CASAES, JOAO VELOSO, BEATRIZ HORTA, ARMANDO GUERREIRO, JOÃO PESSANHA, JOAO ROSA, LUÍS FRANÇA, CARLOS FONSECA e CARLOS JORGE

Direcção: Maestro MANUEL IVO CRUZ
Encenação: GINO BECHI
Espectáculo para maiores de 12 anos
Durante o decorrer do espectáculo não é permitida a entrada na sala

DIA 19 — 2.ª RÉCITA DAS ÓPERAS
«AMÉLIA AL BALLO» e «IL GOBBO DEL CALIFFO»

NO • MARIA VITÓRIA •
ÀS 20,45 E ÀS 23 HORAS
ADULTOS

A SENSACIONAL REVISTA
• MÃOS À OBRA! •

Um espectáculo de GARGALHADA com
SALVADOR • VIANA • MARIEMA
MAX / ANITA / DORA / VITOR MENDES / HELENA CARDINALI / MARIANO FRANCO / VICTOR ESPADINHA / DINA MARIA
e a atracção
• INES MARCO
• EM 3.º MÊS TRIUNFAL •

MARIEMA na «Decoradora»

A FEIRA POPULAR de LISBOA
A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»
CONTINUA A DESPERTAR COM AS SUAS MÚLTIPLAS ATRACÇÕES O ENTUSIASMO DA POPULAÇÃO
HÁ DE TUDO PARA TODAS AS BOLSAS E ATÉ PARA OS QUE NADA QUEIRAM GASTAR, PORQUE SÓ O ESPECTÁCULO DA FEIRA EM MOVIMENTO É UMA DISTRACÇÃO
ABERTURA ÀS 19 HORAS
HABILITE-SE AO SORTEIO DE UMA MOTORIZADA CASAL, OFERTA DA METALÚRGICA CASAL, DE AVEIRO

COMUNICADO

KNITTAX – máquina de tricotar de fama mundial

Tendo a gerência desta firma conhecimento que há quem tente incutir no espírito das futuras compradoras de máquinas de tricotar, que a KNITTAX não executa canelados 2×2, 2×3, plissados, machos, pregas, torcidos e outros pontos à base de canelados, etc., vem publicamente afirmar que são falsas tais afirmações.

Desmentindo as maldosas insinuações, KNITTAX, tem a honra de apresentar no «STAND» DA RUA DO TELHAL, 4-A, durante o período em que está aberta a Feira Internacional de Lisboa, uma completa exposição de trabalhos, confeccionados como acima se afirma, e ainda lindas colchas, toalhas, flores, naprons, etc.

Nesta conformidade, KNITTAX, convida todas as Senhoras a visitar não só a exposição como também o novo modelo KNITTAX AM3-164, com as mesmas características da SUPER RÁPIDA AM3, a preço mais reduzido, estando ambas a ser fornecidas com 10 discos ou seja mais 4 do que era habitual, permitindo assim a confecção de mais um sem-número de lindos e novos pontos de fantasia.

A GERÊNCIA

Manhã na praça

«—Ó senhor, venha cá!»

Mercado do Rato, antes das 10 da manhã. O movimento é razoável, as pessoas interrogam sobre os preços, apalpam as peças expostas, entrecruzam ruidosamente palavras e frases, discutem... As vendedeiras apregoam e altercam. Nós passamos e assentamos os preços dos produtos: eis senão quando um chamamento sai do barulho médio, numa invectiva:

Movimento razoável no Mercado do Rato

«— Ó senhor, venha cá!». É a sr.ª Laurentina Jesus Pereira Machado, concessionária de um lugar de fruta no referido mercado, que tem algo para nos dizer:

— O senhor, que é dos jornais, ponha lá isto Não percebo porque é que há aqui no mercado alguns lugares de fruta que não podem ser fechados. Há nove lugares fechados e cinco abertos, com todos os prejuízos á vista: fruta que se estraga, que é roubada, lixo que entra... sei lá que mais Já fizemos uma exposição á Câmara, mas não conseguimos nada Gostava de saber qual é a razão por que temos de aguentar esta situação, enquanto outros beneficiam da cobertura! Queremos saber qual é a razão — não só eu, mas também a Generosa, a Clotilde e outras...

● PREÇO DOS PRODUTOS

Encontrámos a azeitona, de 7$00 a 7$50 o quilo; a beterraba, a 5$00 o molho; os alhos, a 4$00 o molho; os pepinos, a 7$00 o quilo; a alface, de dez a quinze tostões cada; o agrião, a 2$50 cada dois molhos; a cebola, a 6$50 o quilo; a batata, a 2$70 o quilo; as ervilhas, a 5$00 o quilo; o tomate, a 6$00 o quilo; o feijão, a 8$00; a couve lombarda, de 2$50 a 6$00; os grelos, a 6$00 o molho; as nabiças, de 5$00 a 6$00 o molho; os espinafres, a 4$00 o molho, e a cenoura, a 4$00 o quilo.

● PEIXE E AFINS

A pescada estava a 27$00 o quilo; o cherne, a 24$00; o linguado, a 48$00; o berbigão, a 4$50; as ovas do peixe-espada, a 16$00; os rabos de garoupa, a 16$20; a pescada congelada, a 16$00, e o pargo, a 9$80.

● FRUTA

As nesperas vendiam-se a 13$00 o quilo; os peros, a 19$50; a laranja, a 14$00; a pêra, a 13$00; as ameixas, a 13$00; o limão, ainda a 13$00; o ananás, a 29$50; os morangos, a 23$40; as bananas, de 11$00 a 13$00 e as cerejas, a 12$00.

O ENG.º PAULO DE BARROS PÕE O DEDO NA FERIDA

IMPORTAM-SE MÁQUINAS E MATERIAIS PORQUE É O ÚNICO MODO DE OBTER FACILIDADES DE PAGAMENTO

«Sabemos todos como muitas vezes se vão comprar lá fora máquinas e materiais que poderiam ser fornecidos em condições competitivas de preço e qualidade pelas empresas nacionais, só porque essa é a forma de obter facilidades de pagamento que entre nós têm sido impossíveis de conseguir» — afirmou ontem o eng.º Paulo de Barros, vice-presidente da Associação Industrial Portuguesa, na assembleia geral desta instituição.

Para o orador, «a recente legislação sobre o crédito a médio prazo a conceder pela Banca comercial poderá talvez melhorar um pouco a situação que tem existido. Mas até agora não há sinais de que tal legislação tenha trazido mudanças drásticas. É possível que faltem ainda disposições complementares para que o financiamento das vendas nacionais de bens de equipamento possa fazer-se em condições comparáveis ás dos países estrangeiros.»

A reunião, convocada para apreciar o relatório e contas do exercício de 1968 (que aprovou), foi presidida pelo eng.º João de Korth, em representação das C. R. G. E., com o dr. Correia Figueira e o sr. Antero Olaio a secretariar.

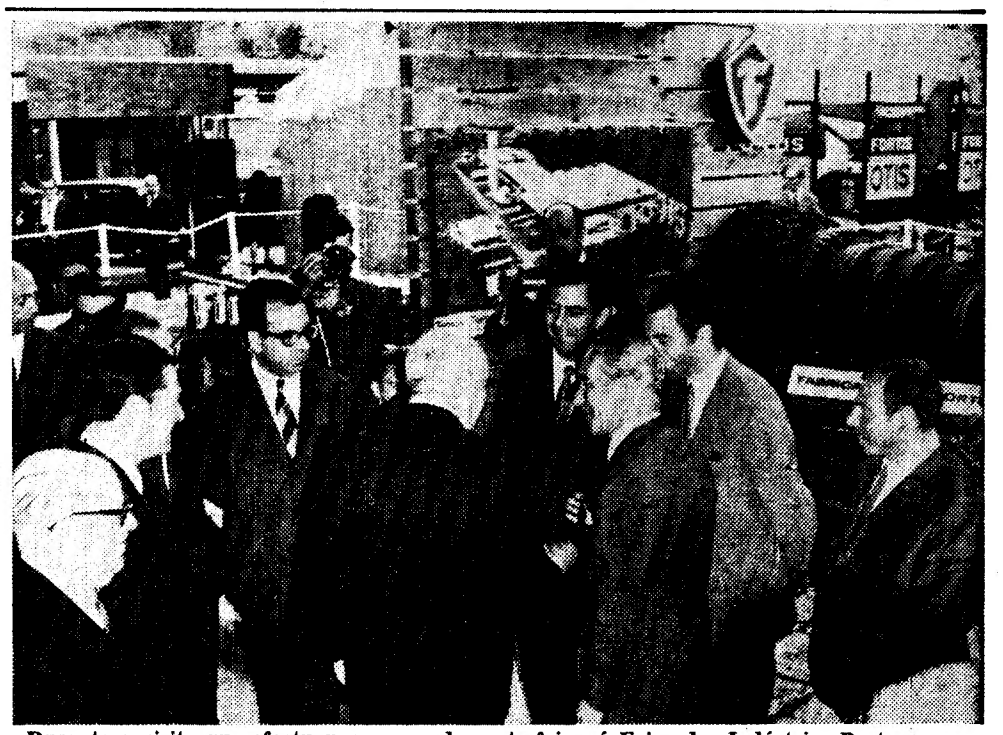
No uso da palavra, o eng.º Paulo de Barros fez o ponto ás actividades produtoras nacionais, dizendo a propósito que o desenvolvimento tecnológico e industrial do País pode ser sèriamente afectado — a longo prazo — se deixarmos sair para o estrangeiro uma parte avultada das encomendas de bens de equipamento que poderia ser satisfeita em condições aceitáveis de preço e de qualidade pelas empresas nacionais.

— *Para evitar que isso aconteça* — disse o vice-presidente da A. I. P. — *há que prestar a devida atenção aos problemas dos prazos, do conhecimento da potencialidade produtiva da industria nacional, dos financiamentos e dos subsídios concedidos em certos países estrangeiros para a exportação de produtos que vêm fazer-nos concorrência no nosso mercado.*

O eng.º Paulo de Barros referiu-se também á constituição da Companhia de Seguros de Crédito á Exportação (*«esperamos que entre brevemente em funcionamento»*) e sublinhou ser necessário adoptar as disposições de defesa adequadas contra os subsídios que em alguns países são concedidos a certas exportações de produtos industriais. E acrescentou:

— *A natureza das nossas próprias actividades impõe-nos que tenhamos uma visão realista dos problemas e um dos angulos dessa visão leva-nos a reconhecer que, perante a evolução rapidíssima do panorama económico mundial, o País tem de rever as concepções de trabalho da sua industria.*

A terminar o eng.º Paulo de Barros revelou que a A. I. P. vai promover, em fins de Novembro, um Colóquio de Política Industrial, com o fim de possibilitar aos industriais a definição dos fundamentos báscos da sua actividade.



Durante a visita que efectuou, na passada sexta-feira, á Feira das Indústrias Portuguesas, Sua Excelência o Senhor Presidente da República visitou o Stand da Firestone Portuguesa, onde foi acolhido pelos senhores P. A. Parviz e José Bello com quem trocou impressões sobre o desenvolvimento da Empresa, em Portugal, e teve ocasião de observar a vasta gama de pneus que a Firestone fabrica, nas suas instalações de Alcochete, para os mercados metropolitano, ultramarino e estrangeiro

O DR. MULLER VISITOU O CABO SUBMARINO

O ministro sul-africano dos Negócios Estrangeiros visitou esta manhã, em Sesimbra, as instalações do Cabo Submarino. Com o dr. Hildegard Muller deslocou-se o embaixador daquele país em Lisboa.

Mais tarde o visitante seguiu de automóvel para a região de Alcobaça, Batalha e Obidos, almoçando na pousada desta ultima vila. Hoje á noite o chanceler sul-africano oferece na embaixada um jantar ao dr. Franco Nogueira.

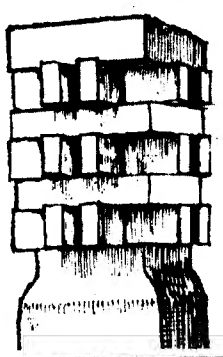
Braun Sixtant

A única máquina que escanhoa para o dia inteiro

Poderá ser um feliz possuidor de uma máquina de barbear **BRAUN** Sixtant, se efectuar o **seu teste** no stand da **FRIAL** na **Feira Internacional de Lisboa**, de 9 a 23 de Junho de 1969. Sorteamos 25 máquinas de barbear entre os que, fazendo uma experiência, emitirem a sua opinião.

VISITE O STAND DA **FRIAL** NA FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA

FRIAL • INSTALAÇÕES FRIGORÍFICAS E ARTIGOS DOMÉSTICOS, LDA.
AVENIDA BRASIL, 40-A • LISBOA • TELEF. 78 89 03/4/5



8% DE RENDIMENTO
COM GARANTIA BANCÁRIA
em
PEDRAS dEl REI
UM ALDEAMENTO DIFERENTE A 4 Kms DE TAVIRA
Uma **bonita casa** sobre o mar, no meio do arvoredo, poderá ser **mesmo sua** e terá:

FÉRIAS AUTÊNTICAS
com uma ilha só para si!*

Telefone para Lisboa –
36 79 17; 36 79 29; 36 77 01
Faro 23 933 Albufeira 227

SPATIUM Centro de Estudos e Projectos Imobiliários, S.A.R.L.
Rua do Almirante Pessanha, 16, 3.º-Dto.—LISBOA

Z TEMPO

ora diga-nos...

— Já foi à Feira Popular?

O parque de Entrecampos, onde, pela última vez (dizem...), decorre a Feira Popular de Lisboa, é visitado, todas as noites, por um público apreciador de sardinhas e de frangos assados e de um barulho que descontrai.

● *À nossa pergunta respondeu, em primeiro lugar, a sr.ª D. Emília dos Prazeres Pereira, doméstica:*

— Por acaso ainda não fui, o que não quer dizer que, uma noite destas, não vá até lá.

— E o que mais aprecia?

— O jogo das panelas, a ver se me sai qualquer coisa...

● *Ouvimos, a seguir, o sr. João Afonso, estucador:*

— Ainda não tive tempo, porque acabo de chegar da Venezuela, onde tenho estado a trabalhar e para onde voltarei no fim do Verão.

— Mas pensa ir á Feira?

— Sim, com certeza. Andar de carrocel e comer sardinhas assadas.

● *E, por fim, disse-nos o sr. Joaquim Alves da Costa, fiel de armazém:*

— Já lá fui, no sábado, com a minha mulher e a minha filha, comer um frango.

— E do que gostou mais na Feira?

— Do Poço da Morte. É uma coisa que impressiona.

TAUROMAQUIA

Um rojoneador espanhol toureia numa égua sem cabeçada na corrida a favor da Liga Contra o Cancro

É sempre um espectáculo de beleza a corrida de gala á antiga portuguesa. A decoração da praça, enfeitada com festões de verdura e colgaduras, a sumptuosidade do desfile evocativo á antiga usança, tudo isto concorre, na verdade, para que a velha tourada reuna condições de agrado para o grande publico. Acresce que á beleza da função se vem juntar a beleza da finalidade para a corrida de quinta-feira, á noite, no Campo Pequeno: a Liga Portuguesa Contra o Cancro, benemérita instituição que merece todo o apoio e carinho.

Aliás o cartel é aliciante, e não falta um concurso de ganadarias (para atribuição dos prémios de bravura e de trapío) entre prestigiosas vacadas nacionais. Faz a sua apresentação a ganadaria do conde de Murça, oriunda de uma das mais conceituadas de Espanha.

Do México, onde se encontra radicado e tem alcançado assinalados triunfos, veio Pedro Louceiro, que a «afición» terá muito gosto em ver, depois de uns anos de ausência. Manuel Conde e Ribeiro Telles, dois excelentes ginetes, de créditos firmados há muito, estarão igualmente presentes, juntamente com Frederico Cunha (um novo que se impôs pela seriedade do estilo) e Alfredo Conde e José Maldonado Cortes, estes com êxitos recentes e rotundos por praças de Espanha. E, a propósito de Espanha, actuará nesta noite, na capital, o conhecido rojoneador espanhol Gregório Moreno Pidal que tourejará na sua famosa égua desprovida de cabeçada.

Os sete touros pertencem ás ganadarias de Manuel & Mário Vinhas, eng.º Joaquim Cravo, conde de Murça, Rio Frio, José Pedrosa, Ribeiro Telles e conde de Cabral.

Chega amanhã ao nosso País o sr. Masaaki Kobayashi, presidente e director-geral da Canon Amesterdam N. V., o qual se desloca propositadamente a Portugal a fim de presidir na sala de projecções da Feira Internacional de Lisboa, a uma reunião de revendedores dos aparelhos para fotografia e cinema da prestigiosa marca japonesa Canon. Nesta reunião serão projectados alguns filmes abordando diversos aspectos técnicos da produção e montagem dos equipamentos Canon. O sr. Kobayashi far-se-á acompanhar pelo sr. Nemoto, seu adjunto na mesma empresa que, na Europa, se dedica á distribuição geral dos produtos Canon

APROVADO O RELATÓRIO DE 1968 DOS T. L. P.

O conselho geral dos Telefones de Lisboa e Porto aprovou ontem, em sessão ordinária, o relatório e contas de 1968 apresentado pela administração da empresa. Pormenores desse documento serão oportunamente fornecidos aos órgãos da Informação.

Presidiu á reunião o correio-mor, eng.º Carlos Ribeiro, encontrando-se presentes (a convite) o director-geral e o secretário-geral dos T. L. P., respectivamente, eng.º Manuel Severo Cunha e dr. José de Melo Portugal, vários membros do conselho de administração e a totalidade dos vogais do conselho geral.

AS INSTALAÇÕES EM CORUCHE DO BANCO LISBOA & AÇORES

O Banco Lisboa & Açores, sempre no desejo de melhor servir a sua vasta clientela, procedeu á remodelação das suas instalações na progressiva vila de Coruche, onde, em condições de maior comodidade, poderá continuar a executar todas as habituais transacções bancárias.

As referidas instalações foram abertas ao publico, notando-se a presença de muitos dos seus dedicados clientes.

Ao acto presidiu o sr. Eduardo Nunes da Silva, director do Banco, que se encontrava acompanhado pelo gerente da Agência, sr. Luís Macieira de Barros e restantes funcionários.

ÚNICO NO NOSSO PAÍS

5000 televisores

GRUNDIG

PARA A GRANDE CAMPANHA DE TROCAS DE TELEVISORES

Comemorativa do 3º Aniversário da
GRUNDIG ELECTRÓNICA PORTUGAL, LDA

Troque o seu televisor usado
(de qualquer marca e mesmo avariado)
por um modernissimo televisor GRUNDIG
mod. T 501E com ecran de 48 cm e UHF
• pague apenas **3.750$00**

ou então
pelo mod. RECORD MONOMAT
com ecran de 59 cm e UHF
• pague apenas **4.250$00**

Não perca esta oportunidade excepcional !

DIRIJA-SE A UM AGENTE GRUNDIG

Se desejar mais informações, envie este cupão num postal e remeta-o a:

Norte:
Soc. de Rep. Santos, Guimarães & Oliveira, S.A.R.L.
Apartado 154 Telef. PPC 27431 Porto

Sul:
Nacional Rádio, S.A.R.L.
Apartado 1026 Telef. PPC 765111 Lisboa-1

GRUNDIG

Grande Campanha de Trocas de Televisores

Queiram remeter-me informações detalhadas para a troca de televisores e juntamente folhetos dos v/modelos T 501 E, com ecran de 48 cm e UHF, e Record Monomat com ecran de 59 cm e UHF.

POLUIÇÃO PELA NAFTA...
PERIGO PARA AS NOSSAS COSTAS

QUEM, MAIS CORAJOSO, tenha, nesta Primavera, morosa no chegar, pisado a areia das nossas praias, pelo menos a norte de Lisboa, no intuito de molhar os pés ou banhar-se nas frias águas que as marginam, deve ter ficado desapontado ao verificar seus pés cobertos de nafta. Uma das vezes em que fui um desses «corajosos», e o facto ocorreu na Figueira da Foz, sucedeu-me sair da água com uns «sapatos pretos», o mesmo sucedendo a outros «corajosos».

Isto é bem demonstrativo do grau de poluição pela nafta que as nossas praias atingiram, conspurcando as finas e brilhantes areias graníticas que atapetam toda a referida costa.

Há várias espécies de poluição aquática, algumas constituindo já sérias preocupações em certas áreas. Os espaços aquáticos interiores ou oceânicos são receptáculos da drenagem natural ou artificial, quer do que o homem deseja eliminar, quer do que o desenvolvimento técnico vai impondo.

Citaremos como exemplos do primeiro caso:

a) Os dejectos dos meios populacionais, cuja natureza orgânica dá, por sua vez, origem à poluição biológica ou bacterial.
b) Os dejectos radioactivos de centrais termonucleares.
c) Os dejectos da lavagem de porões de petroleiros, etc.

Como exemplo do segundo caso, citaremos:

a) A dissolução de fumos e gases de áreas fabris nas águas subjacentes, como sucede no Mar do Norte, pelo facto de ser orlado por zonas muito industrializadas.
b) A drenagem pelas chuvas das grandes quantidades de insecticidas empregues na agricultura.

No caso particular referido, da poluição pela nafta, parece-nos devê-la atribuir à lavagem dos porões de petroleiros, ao largo das nossas costas, tanto mais que não temos conhecimento de nenhum naufrágio de petroleiro, nem se nos afigura como provável tratarem-se de efeitos remotos do naufrágio do petroleiro «Torrey Canyon» ao largo da Cornualha!

Seja como for, aqui fica a advertência: é que este tipo de poluição pode afectar o equilíbrio biótico de uma área oceânica, com óbvios e imprevisíveis reflexos económicos. No entanto, o assunto poluição envolve-se de maior complexidade na medida em que se têm de permitir algumas formas de poluição, no interesse de uma necessidade em detrimento de outras. Da experiência do «Torrey Canyon» verificou-se que algum fitoplancton e alguma microfauna de «habitat» mais superficial podia ser letalmente afectada. Recorde-se que muitos ovos de peixe têm um «habitat» superficial. Este tipo de poluição pode, portanto, ter reflexos do ponto de vista pesqueiro.

Que a indústria das pescas está passando por séria crise, é já do domínio público. É possível que tal crise esteja relacionada com o tipo de poluição para o qual estamos chamando as atenções. Mas o desconhecimento da extensão, em função do tempo, e a falta de estudos concernentes não permitem que tal relação vá além de hipótese especulativa.

Mas os reflexos económicos deste caso de poluição não são só piscatórios. Pretende ser Portugal um país turístico, para o que não lhe faltam condições naturais e artificiais. Mas deixando conspurcar pela nafta as suas belas praias, será melhor ir-se pensando em dotar as suas costas de piscinas, onde os turistas, e nós também, nos possamos refrescar ou praticar natação sem nos arriscarmos a ficar com o corpo — quando não o vestuário — emborneados de nafta.

Parece-nos que qualquer país como Portugal — para quem o património marítimo pesa como fonte de produção e receitas — devia contrair o direito de controlar uma área suficientemente larga de defesa natural que lhe cumpriria fiscalizar. É que estão em causa novos aspectos jurídicos de direito internacional que importa acautelar no seu devido tempo. O estudo da problemática de qualquer espécie de poluição parece-nos revestir-se de acuidade para o nosso caso. Lembramos, também, que vários países lançam dejectos radioactivos a cerca de 200 milhas ao largo da costa portuguesa.

A poluição requere hoje arranjos administrativos, medidas tecnológicas e programas científicos com vista a controlá-la e a manter organizado um dispositivo de segurança e alarme.

A existência de uma comissão permanente para este fim, onde, bem entendido, predominem os cientistas, afigura-se-nos, portanto, de interesse nacional.

J. FALCÃO PAREDES

NUVENS DE ALDEÍDO FÓRMICO NA VIA LÁCTEA

CIÊNCIA

ASTROFÍSICOS, trabalhando com o radiotelescópio de 42 metros do Observatório Nacional de Radioastronomia de Greenbank, na Virgínia Ocidental, chegaram à conclusão de que o aldeído fórmico está grandemente distribuído nas nuvens de poeira e gases que existem no Espaço interestelar. A descoberta intensifica a recente especulação sobre a relação entre os constituintes dessas nuvens do Espaço e a origem da vida na Terra.

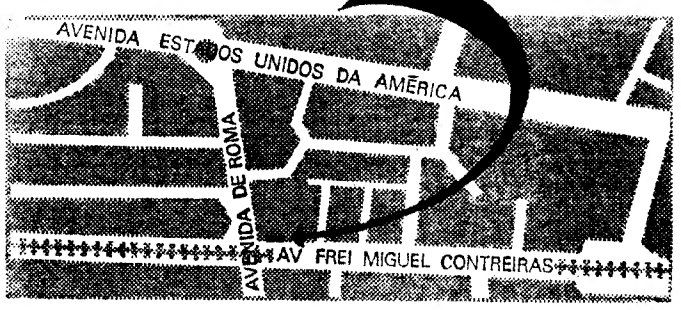
A equipa de radioastrónomos relata que quinze das vinte e três fontes que observaram mostravam características evidentes da existência de aldeído fórmico. Esta substância, largamente utilizada como preservativa, é composta por dois átomos de hidrogénio e um átomo de oxigénio, ligados a um átomo de carbono, e constitui a molécula mais complexa que até hoje se descobriu no Espaço. Os autores do relatório, drs. Lewis Snyder e David Buhl, do Observatório de Astronomia de Greenbank, dr. Benjamin Zuckerman, da Universidade de Maryland, e o dr. Patrick Polmer, da Universidade de Chicago, afirmam que a «vasta distribuição indica que o processo de evolução química interestelar deve ser muito mais complexo do que se pensava».

Cerca do ano de 1930, o bioquímico soviético, Aleksandr Oparin, postulou que as formas primitivas de vida se desenvolveram a partir de gases atmosféricos. Em 1953, o dr. Stanley Mills conseguiu produzir aminoácidos — moléculas orgânicas que constituem as unidades básicas da vida — numa atmosfera de metano, amónia, hidrogénio e água. Actualmente, concorda-se que as formas primitivas de vida se poderiam ter desenvolvido a partir destes gases.

Desde 1950 que se sabe que grandes quantidades de hidrogénio estão presentes em extensas nuvens interestelares; em Dezembro último, uma equipa de radioastrónomos da Universidade da Califórnia, comunicou a presença de amónia nas nuvens; e, em Fevereiro deste ano, anunciaram a descoberta de água interestelar. A única substância que falta para completar a presumível atmosfera primordial é o metano. Infelizmente, o metano não tem uma estrutura molecular que permita a sua detecção com radiotelescópios. Contudo a presença de moléculas de aldeído fórmico constitui uma grande evidência, apesar de indirecta, da presença de metano.

AGORA,

NA ZONA MAIS MODERNA DA CIDADE...



...A "BOA VIAGEM" AINDA O SERVIRÁ MELHOR!

Boa-Viagem - Transportes, S.A.R.L. tem o prazer de informar que abriu novas instalações para a sua Agência de Viagens e Turismo na Av. Frei Miguel Contreiras, 54-D (Edifício Roma), junto à Av. de Roma, mantendo na Av. do Brasil, 112-C a sua Secção de Alugueres.

ANTES DE VIAJAR, VENHA VISITAR-NOS!...

AVENIDA FREI MIGUEL CONTREIRAS, 54-D—LISBOA-5
TELEFS.: 717161/81/91 - 714281/2/3/4

BOA VIAGEM
transportes, s.a.r.l.

Centenário da descoberta da margarina

A MARGARINA tem cem anos. Para comemorar este facto reuniram-se, em Dijon (França), investigadores, médicos e biólogos de quinze países, para debaterem os problemas tecnológicos e nutritivos da margarina actual.

Foi em 1869 que um farmacêutico francês, Mège Mouriès, a inventou, correspondendo a um concurso lançado por Napoleão III. O imperador procurava um cientista capaz de resolver o problema do aparecimento do ranço nas matérias gordas, facto este que provocava o descontentamento das tripulações dos navios. Mège Mouriès propôs a utilização de uma emulsão de gordura de vaca que não criava ranço.

Actualmente a margarina continua a ser uma emulsão, mas a sua composição evoluiu muito. Hoje obtém-se batendo 16 % de água ou de leite com 84 % de óleos variados, provenientes de grãos oleaginosos originários de todo o mundo: noz de coco, girassol, amendoim, soja, milho, colza, algodão, etc.

A margarina representa o tipo de alimento moderno, pois é possível adaptá-la à vontade, continuamente, às necessidades de uma alimentação que evolui, fazendo variar os constituintes.

Existem vários tipos de margarina, correspondentes a empregos diferentes. As destinadas a serem consumidas cruas têm um ponto de fusão baixo, ao passo que as utilizadas na panificação apresentam uma gama de pontos de fusão segundo as características da massa que se pretende obter.

PIANOS VERTICAIS E DE CAUDA
ALUGAM-SE
Estabelecimentos
VALENTIM DE CARVALHO
Comércio e Indústria, S. A. R. L. — 95, Rua Nova do Almada, 99 — LISBOA

VAI ABRIR EM LISBOA UMA ESCOLA DESTINADA A PREPARAR DECORADORES

Será inaugurada no próximo mês de Outubro, em Lisboa, a Escola Internacional de Decoradores do IADE (Instituto de Arte e Decoração), que, por interméd.o de um curso de três anos, habilitará ao diploma, internacionalmente reconhec.do e consagrado, de decorador de interiores.

O IADE é o representante em Portugal da «International Society for Education Through Art» (INSEA), de que foi presidente o grande crítico e historiador de arte «sir» Herbert Read. O ideal de educação através da arte está, efectivamente garantido nesta nova e estimulante profissão que é a decoração de interiores, hoje indispensável em todas as sociedades progressivas, como complemento da arquitectura, do turismo, da industria e do comércio. É uma especialização particularmente grata ás raparigas e á juventude do nosso tempo em geral, porque forma o gosto, a imaginação a personalidade, constituindo ao mesmo tempo uma promissora actividade profissional.

A Comissão Promotora — de que fazem parte as sras. D. Ana Maria Cabral Ferreira Lima, D. Conceição de Mello Breyner Roquette, D. Marcelle Filippini, D. Paulina Maria Roquette Ferro e os srs. dr. António Quadros, D. Julio Illa, dr. Manuel Ferreira de Lima e dr. Roberto de Roure Roquette — conta com a colaboração de um grupo de professores, intelectuais e artistas portugueses, que aperfeiçoarão os programas e modelos internacionalmente adoptados ás realidades e exigências do nosso meio, valorizando-os com o ensino da história da arte, da arquitectura e da cultura do nosso país, para além dos requisitos profissionais e técnicos necessários para a especialização.

Trata-se de uma nova carreira cheia de interesse, que em Espanha, onde funcionam escolas internacionais de decoradores em Madrid, Barcelona, Bilbau, Canárias e Granada, formou e habilitou já muitas centenas de jovens, oferecendo-lhes uma carreira nova, uma carreira própria para os dias de hoje, ao mesmo tempo que dando-lhes uma cultura de alta qualidade.

A abertura da Escola Internacional de Decoradores de Lisboa será comunicada no próximo congresso da «International Society for Education Through Art», que se realizará em Nova York no próximo mês de Julho.

JOGOS FLORAIS DA C. N. N.

No dia 21, ás 21 horas, decorre, na sede do Grupo Cultural e Desportivo da Companhia Nacional de Navegação, a cerimónia de distribuição de prémios dos seus III Jogos Florais (II Nacionais).

SETÚBAL — anomalias nos serviços colectivos

SETÚBAL, 17 — Com evidente prejuízo do publico, complica-se, dia a dia, o serviço nos autocarros dos transportes urbanos, devido ao sistema de cobrança á entrada, moroso e incómodo, pois os passageiros são forçados a comprimirem-se no pequeno espaço á entrada, aguardando, no meio de protestos, a sua vez de passarem, um por um, pelo cobrador, enquanto outros esperam na rua a sua vez, quer faça bom ou mau tempo.

Estas demoras provocam grandes atrasos nas várias carreiras, atrasos que mais se agravam nas carreiras subsequentes e, em certos casos, para que isto não aconteça, alguns motoristas fecham as portas e põem-se em marcha, deixando em terra alguns passageiros, sem atenderem os seus justos protestos. Até quando?

A «FESTA DA FLOR» NO SARDOAL

SARDOAL, 17 — A inauguração das obras de restauro de que foi objecto a Fonte Ferreira, uma das mais típicas e antigas deste concelho, foi aproveitada para mais duas festividades: a «Festa da Flor» e a festa da Filarmónica União Sardoalense.

A «Festa da Flor», que é unica no País, reuniu este ano cerca de mil vasos numa curiosa exposição, e despertou muito interesse pelo concurso de janelas, portas e recantos floridos.

Para participar nestes festejos, deslocaram-se a esta vila cerca de 500 sardoalenses residentes em Lisboa, que foram recebidos na Camara Municipal pelo respectivo presidnt, dr. Álvaro Andrade e Silva Passarinho.

Ford à frente em qualidade!
Ford 12M produto da constante evolução técnica da Ford!

Temo-lo à frente, firme, categóricõ nas suas linhas precisas, perfeitas! Potente e económico (motor V-4 de 1 500 cc., 75 HP, e consumo de 8 lts./100 km.), tracção à frente, direcção de cremalheira leve mas segura, magnífica suspensão McPherson, travões de dois circuitos independentes, coluna de direcção com dispositivo amortecedor de segurança, os últimos requisitos para uma existência mais defendida!
O Ford 12M 1 500 é bem um exemplo do óptimo resultado da constante investigação e do rigoroso contrôle de qualidade dos serviços técnicos da Ford!
12M — 2 e 4 portas e Station.
E para requinte absoluto — 15M XL — 2 e 4 portas.

Ford 12M

Ford

CIESA-NCK 4-11

A SUA DISPOSIÇÃO NOS CONCESSIONÁRIOS FORD EM LISBOA
STAND MODERNO Av. Fontes Pereira de Melo, 15-A - Telef. 4 96 69 — R. João Saraiva, 15 (Alvalade) - Telef. 71 10 66 • LINCURI Av. da República, 32-A - Telef. 77 70 91

Actualidade internacional

Abou Bakr Awadallah, o novo chefe do Governo da Republica Democrática do Sudão (denominação oficial daquele Estado arábico-africano após o ultimo golpe de Estado). Awadallah, que conta 51 anos, foi presidente do Supremo Tribunal de Justiça do seu país

OFENSIVA DOS SINDICATOS ANUNCIADA EM ITÁLIA

LIVORNO (Itália), 17. — (R.) — O chefe da maior federação sindical italiana, a Confederação Geral dos Trabalhadores Italianos (C. G. I. L.), advertiu ontem que os sindicatos iriam iniciar uma grande batalha pela liberdade, dignidade e segurança no trabalho.

Agostino Novella, membro comunista do Parlamento, afirmou na inauguração do Sétimo Congresso da C. G. I. L., realizada em Livorno, que a Itália precisa de uma união das confederações sindicais e pediu uma conferência com os chefes das duas outras confederações, até recentemente seus inimigos irredutíveis, a fim de debaterem a hipótese da fusão.

As outras confederações mencionadas são a União Independente dos Trabalhadores Italianos (U. I. L.) e a Confederação Italiana Sindical do Trabalho (C. I. S. L.).

No seu discurso, Agostino Novella afirmou haver quatro direitos básicos exigidos pelos sindicatos: salários mais elevados, semana de trabalho de cinco dias, 40 horas, pleno reconhecimento do direito á greve, autonomia dos sindicatos e melhores meios de auxílio aos operários doentes.

Frisou que o verdadeiro teste da recente cooperação entre sindicatos seria evidente no Outono, altura em que os contratos de trabalho e os salários de cinco milhões de trabalhadores teriam que ser renovados.

Disse aos 1575 delegados e 500 observadores do Congresso, que a industria farmacêutica italiana devia ser nacionalizada, fez um apelo para uma redução imediata no desemprego, principalmente no Sul, onde o caso toma foros de gravidade, e pediu reformas para os serviços publicos e na agricultura.

A C. G. I. L. tem a benção do Partido Comunista Italiano por ter sido o principal instigador da vaga de greves verificadas em Itália, incluindo as paralisações semanais de trabalho que têm flagelado o país desde Novembro.

Alguns observadores receiam que a formação de uma união sindical unica será inevitávelmente dominada pela C. G. I. L., que só por si tem cerca do mesmo numero de membros que as outras duas entidades sindicais juntas.

ROCKEFELLER: TRÊS DIAS NO BRASIL

BRASÍLIA, 17 — (R.) — O governador de Nova York, Nelson Rockefeller, chegou ontem por via aérea a Brasília, no início da sua terceira missão á América Latina, como enviado especial do presidente Nixon.

Rockefeller foi recebido no aeroporto pelo ministro dos Negócios Estrangeiros do Brasil, José de Magalhães Pinto, pelo presidente do município da cidade, Gomide Badjo, e pelos comandantes militares regionais, ao mesmo tempo que um grupo de crianças da escola norte-americana cantava os hinos dos dois países.

Rockefeller passará três dias no Brasil, visitando a seguir o Paraguai e o Uruguai, antes do seu regresso aos Estados Unidos, marcado para 21 do corrente.

Nelson Rockefeller, com as suas recentes visitas a países da América Latina, provocou uma série de manifestações anti-Estados Unidos que, segundo o governador disse anteontem, foram o resultado de muitos anos de negligência por parte dos norte-americanos no que respeita á América Latina.

VISITA AO URUGUAI

MONTEVIDEU, 17 — (R.) — Círculos informativos governamentais de Montevideu afirmam que a visita do governador Nelson Rockefeller ao Uruguai terá lugar tal como está programado, a despeito da oposição levantada por uma maioria das duas camaras do Congresso e das ameaças de manifestações.

Todavia, os círculos informativos não confirmam ser o próximo sábado a data marcada para a visita do enviado especial do presidente Nixon.

UMA SURPRESA! É de facto Diana Rigg, a Diana Rigg popularizada pela Televisão («The Avengers») e pelo ultimo filme da série James Bond. Mas, agora, a actriz interpreta o papel de Portia, ao lado de Jason Robards, numa nova versão cinematográfica do «Julio César» de Shakespeare

CANTOR «POP» ELECTROCUTADO PELA GUITARRA

JOANESBURGO, 17 — (R.) — A jovem audiência presente a um espectáculo musical, em Joanesburgo, desatou a berrar de prazer quando o cantor «pop» Denis Windsor atirou com a sua guitarra eléctrica para um canto e ficou a contorcer-se frenéticamente no palco. Porém, o facto não fazia parte do espectáculo. A guitarra eléctrica sofreu um curto-circuito e, daí, os movimentos descontrolados do pobre cantor. Windsor foi levado a toda a pressa ao hospital, a fim de ser tratado a queimaduras e choque.

KLAUS SCHUETZ REGRESSOU DA VISITA À POLÓNIA

BERLIM OCIDENTAL, 17 — (R.) — Klaus Schuetz, burgomestre de Berlim Ocidental, regressou a noite passada á sua cidade depois de uma visita de dois dias á Polónia.

A sua chegada ao aeroporto de Tempelhof, Schuetz disse que, provávelmente, conferenciará amanhã com o ministro dos Negócios Estrangeiros, Willy Brandt, acerca dos assuntos tratados durante a sua visita.

CARTA DE UM PROFESSOR DE BERLIM-LESTE

HAMBURGO, 17. — (R.) — Um professor de Berlim-Leste, que sofreu severas sanções disciplinares por ter criticado o comunismo da Alemanha Oriental, disse ontem que a Republica Federal devia deixar de considerar a Alemanha de Leste como uma inimiga.

Numa carta lida num programa de Televisão, na véspera do dia nacional da Republica Federal, o professor Robert Havemann, declarava: «A Alemanha Ocidental deve abandonar o conceito de se olhar a si mesma como unico Estado alemão legal e deve também deixar de pensar na Alemanha Oriental como uma inimiga».

O professor Havemann, de 59 anos, um cientista, foi privado de exercer a sua profissão e de fazer conferências na Universidade de Humboldt, em Berlim-Leste, e expulso do Partido Comunista, em 1964, depois de ter pedido publicamente que fosse concedida maior liberdade aos alemães orientais.

No ano passado, num jornal da Alemanha Federal, o professor defendeu o movimento de liberalização na Checoslováquia.

Na carta a que se alude, o professor Havemann disse também que a Alemanha Ocidental devia cessar as suas ameaças segundo as quais poderia tomar disposições económicas retaliatórias contra países que estabelecessem relações amigáveis com a Republica Democrática Alemã.

Um locutor e jornalista da Televisão tinha perguntado, pelo telefone, ao professor Havemann, que condições seriam necessárias para que as duas Alemanhas pudessem coexistir pacíficamente.

Nota espanhola acerca de Gibraltar

NAÇÕES UNIDAS (Nova York), 17 — (A. N. I) — A Espanha atacou hoje a nova «Constituição de Gibraltar, por violar claramente a recomendação das Nações Unidas sobre o futuro daquela colónia e como «um instrumento político artificial, ao serviço exclusivo dos interesses do Reino Unido».

E o embaixador da Espanha, Jaime de Pinies, entregou ao secretário-geral das Nações Unidas, U Thant, uma nota em que o Governo espanhol protesta contra a forma como se impede que a população de Gibraltar «usufrua os seus direitos humanos e políticos e dirija os seus assuntos internos, sem tutela de qualquer género».

De Pinies sublinha que a nova Constituição implica:

— Não apenas o despreso pela recomendação da O. N. U. sobre a forma de pôr termo à situação colonial de Gibraltar, mas ainda o agravamento desta situação, pela criação de um obstáculo artificial;

— A violação do artigo 10 do tratado de Utrecht, de 1713, «um tratado de natureza colonial e anacrónica imposto à Espanha, embora constituindo o único título legal existente, sobre uma parcela de território espanhol, enquanto não for cancelado»;

— A criação de um instrumento político, artificial, ao serviço exclusivo dos interesses do Reino Unido em Gibraltar.

Sob domínio militar uma cidade argentina

BUENOS AIRES, 17 — (A. N. I.) — O Governo argentino colocou Córdova, a terceira cidade do país, sob domínio militar, devido á iminência de uma greve geral.

Além de 200 polícias federais, que reforçaram os 500 gendarmes da força local, o Governo central enviou igualmente para Córdova, grande centro industrial, agentes da polícia de Buenos Aires.

A greve foi convocada para hoje, como protesto contra a congelação dos salários, contra a detenção de dirigentes operários durante desordens recentes e contra as leis que exigem meio-dia de trabalho ao sábado.

1001 viagens

Exemplos:
LONDRES - 8 dias - do Porto 3950$ - de Lisboa 4220$
PARIS - 7 dias - do Porto 4660$ - de Lisboa 4400$

Peça brochura à

AGÊNCIA ABREU DESDE 1840
LISBOA: Av. Liberdade 160 • PORTO: Av. Aliados 207 • COIMBRA: R. Sota 2
A MAIOR E MAIS ANTIGA DE PORTUGAL

†

ANTÓNIO DE SOUZA MAYA

BRIGADEIRO AVIADOR

MISSA DO 7.º DIA

Sua família, participa que amanhã dia 18, será celebrada missa pelo seu eterno descanso na Igreja Paroquial de Benfica, às 19,15 horas.

P. N. A. M.

AGÊNCIA SALGADO de Benfica (Telef. 700733)

†

Carmindo Rodrigues Merca

Enfermeiro-Chefe dos Hospitais Civis de Lisboa

FALECEU

Sua esposa, filhos, irmãos e mais família, participam o seu falecimento e que o funeral se realiza amanhã ás 16 horas, da sua residência, Rua Marquês Sá da Bandeira, 74, 4.º, Dt.º, para o cemitério de Benfica.

AGÊNCIA SALGADO

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

AGÊNCIA MATRIMONIAL ELECTRÓNICA

ATENAS, 17 — (A. N. I.) — Já está a funcionar, na capital grega, um cérebro electrónico, destinado a fazer o papel de agência matrimonial.

O requerente preenche um pormenorizado questionário, de que constam a idade, o temperamento, a altura, o peso, a cor dos cabelos, qualidades e defeitos, profissão e situação financeira.

Em menos de dois segundos, a máquina indica-lhe o companheiro ou a companheira ideal para a sua vida, ao preço de 500 dracmas. (A dracma vale sensivelmente um escudo).

TERMINOU A REUNIÃO DE MOSCOVO

(Continuação da 1.ª página)

declararam que tinham de consultar as respectivas comissões centrais depois de regressarem aos seus países antes de resolverem se assinam ou não.

APELO À COEXISTÊNCIA

MOSCOVO, 17 — (F. P.) — Os partidos comunistas e operários que participam na conferência de Moscovo fizeram um apelo à coexistência pacífica e à luta contra o imperialismo.

«A coexistência pacífica é hoje uma realidade», declara o apelo, difundido pela agência Tass, «mas subsiste um perigo de conflitos armados pelo facto de persistir o imperialismo. A coexistência pacífica exige, todavia, que as massas populares travem uma luta permanente contra o imperialismo e a sua política de força».

O apelo condena «o imperialismo norte americano» e denuncia «a subida do imperialismo alemão ocidental e do neonazismo» como «o perigo constituído pelas bases militares norte-americanas em diversos países da N. A. T. O. e em Espanha».

O documento dá em seguida palavras de ordem:

— Exigir o termo da agressão ao Vietnam, a retirada das forças norte americanas, o respeito pelos direitos soberanos do povo do Vietnam e pela independência, a liberdade e a paz para aquele país.

— Lutar pela liquidação das «sequelas da agressão israelita» no Médio Oriente, na base das resoluções do Conselho de Segurança

— Lutar pela liquidação completa do colonialismo e do neocolonialismo.

— Multiplicar os esforços para a realização completa dos princípios da coexistência pacífica e da solução pela negociação dos problemas internacionais em suspenso.

Enrico Berlingues, secretário-geral adjunto do Partido Comunista Italiano, cuja intervenção na conferência de Moscovo, que hoje termina, se caracterizou por uma afirmação da necessidade de independência dos vários Partidos em relação a qualquer centro

Gás lacrimogéneo contra a Universidade de Caraboro

CARACAS, 17 — (A. N. I.) — Helicópteros do Exército lançaram granadas de gás lacrimogéneo na Universidade de Carabobo, na cidade de Valência, para pôrem têrmo aos tumultos.

As instalações da Universidade têm estado ocupadas por estudantes extremistas desde os fins de Maio. Agora, começaram a surgir atiradores, que alvejavam a Polícia e a Guarda Nacional.

Foram ontem presos 75 militantes, entre os quais 40 que se apoderaram de um autocarro e tentaram assaltar um estação de serviço.

21 DE JULHO ÀS 6 E 17

O HOMEM PISA O SOLO LUNAR

WASHINGTON, 17,—(R.) — O astronauta americano Neil Armstrong dará o primeiro passo na Lua precisamente ás 6 e 17 T. M. G. do dia 21 de Julho. O feito memorável será transmitido pela Televisão a milhões de espectadores de todo o mundo.

Os pormenores do histórico momento, daqui a cerca de 5 semanas, foram ontem revelados num comunicado sobre o plano de trabalho da missão Apollo-11, que deverá iniciar-se ás 13 e 32 T. M. G. de 16 de Julho próximo (14 e 34 de Lisboa).

Os funcionários da N. A. S. A. declararam que a missão durará oito dias e três horas. Os factos principais serão a chegada do primeiro homem á Lua onde permanecerá cerca das 21 horas e 27 minutos num módulo apropriado, juntamente com o astronauta Edwin Aldrin, enquanto o astronauta Michael Collins ficará em órbita lunar.

Se tudo correr bem, o «módulo lunar» tocará o solo do nosso satélite numa zona préviamente escolhida, no Mar da Tranquilidade, ás 20 e 23 de 20 de Julho.

O primeiro a sair do «módulo» será Armstrong.

Uma das primeiras actividades lunares de Armstrong será colher uma amostra do solo lunar, para que esta parte do programa seja realizada mesmo que o tempo de permanência na Lua venha a ser reduzido por qualquer circunstância. A amostra de solo será guardada hermèticamente num saco e metida num dos bolsos do fato espacial.

Serão também colhidas mais amostras, metidas em recipientes apropriados, enquanto os astronautas se deslocarem sobre a superfície da Lua, numa distância mínima de 32 metros e máxima de 93 do «módulo», tirando fotografias e descrevendo o que vêem.

Os funcionários da agência Espacial disseram que o peso total das amostras colhidas e trazidas para a Terra será de cerca de 33 quilos.

Tanto os astronautas como a cápsula ficarão de quarentena no laboratório de recepção lunar, em Houston, cerca de 21 dias após a chegada.

A cápsula deve cair no Pacífico, 30 minutos antes do nascer do sol de 24 de Julho.

BOMBARDEADO O CENTRO DE SAIGÃO

SAIGÃO, 17 — (R.) — Ao princípio da madrugada de hoje, o centro de Saigão foi bombardeado com dois foguetões da Frente, que, segundo um informador norte-americano, não provocaram perdas de vulto.

Os dois foguetões, de 120 mm, eram de fabrico soviético, e os danos foram descritos como ligeiros.

Os projécteis caíram a poucas centenas de metros do edifício da Assembleia Nacional, do Departamento de relações Publicas dos Estados Unidos e do complexo de aquartelamentos que alberga os oficiais dos Estados Unidos.

RECONHECIMENTO EGÍPCIO

CAIRO, 17 — (A. N. I.) — O Egipto reconheceu oficialmente o Governo Revolucionário Provisório do Vietnam do Sul, anunciou um informador do Governo

Acrescentou que a decisão foi tomada na reunião da Suprema Comissão Executiva do presidente Nasser.

RECONHECIMENTO ALBANÊS

MOSCOVO, 17 — (F. P.) — Numa mensagem dirigida a Huin Than Pat o presidente do conselho albanês, Mehmet Shehu, declarou que o seu país reconhece o Governo revolucionário Provisório do Vietnam do Sul como seu Governo legal e que considera a missão permanente da F. N. L. em Tirana como sua representação diplomática oficial — anuncia a agência telegráfica albanesa.

«SE FOSSE NAPALM»...

PORTLAND (Oregon), 17 — (F. P.) — A mulher do presidente Nixon e sua filha, senhora de Eisenhower, foram recebidas com uma chuva de panfletos contra a guerra do Vietnam, quando visitavam uma casa de trabalho de senhoras nesta cidade.

«Se fosse napalm, já estavam mortas» — dia-se nos panfletos. Ao que parece, a sr.ª Nixon e o seu séquito pensaram que se tratava de uma manifestação de recepção á americana, o «Ticker Tape Welcome», que permite aos simpatizantes das grandes individualidades cobri-las de papelinhos, páginas de listas telefónicas, etc...

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

NOVO GOVERNO FRANCÊS NA PRÓXIMA SEMANA

PARIS, 17. — (A. N. I.) — Depois de ter almoçado ontem com Jacques Chaban-Delmas, presidente da Assembleia Nacional e apontado em círculos políticos como o novo primeiro-ministro francês, o presidente eleito conferenciou durante a tarde com diversas personalidades gaullistas, preparando o seu Gabinete, cuja constituição deve estar concluída segunda ou terça-feira da próxima semana. Georges Pompidou é empossado na sexta-feira.

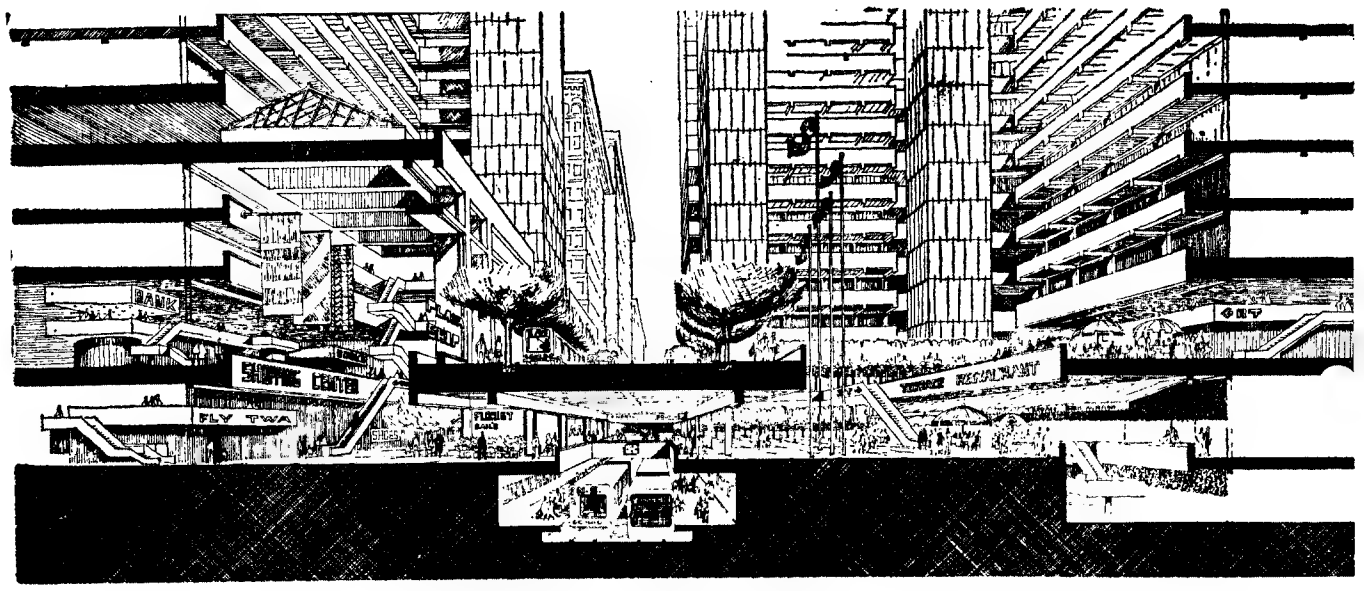
A primeira reunião do novo Governo deve realizar-se na quarta-feira, fazendo-se na tarde desse mesmo dia a sua apresentação á Assembleia Nacional.

Ford à frente

24 HORAS DE LE MANS
4 ANOS SUCESSIVOS DE VITÓRIAS FORD!
1969
1.º-FORD GT 40
Conduzido por J. ICKX/J. OLIVER
3.º-FORD GT 40
Conduzido por D. HOBBS/M. HAILWOOD

Os Ford vencem em competição
E vencem com
muitas das características
que V. encontra
em qualquer dos modelos Ford:
Escort · Cortina · 12M · 15M XL · 17M · 20M · Capri · Mustang

À sua disposição
nos concessionários Ford
Ford



Noutras cidades onde se percebeu a importância de pensar as coisas «ao mesmo tempo», mesmo que não se façam ao mesmo tempo, estão surgindo ideias renovadoras da cena urbana. Neste projecto para seattle, um entre muitos que se poderiam mostrar, a construção do metropolitano permitiu uma grande galéria de ligação entre pisos com esplanadas, centros comerciais, restaurantes, etc.

LISBOA CIDADE DESCONEXA

pelo Arquitecto Nuno Portas

HÁ JÁ ALGUM TEMPO escrevi para este jornal uma crónica em que dava conta das múltiplas apreensões que nos causava o rumo, ou a falta de rumo, da arquitectura da cidade.

Para que se não entendesse «arquitectura» como uma questão de prédio feio ou bonito, tomei como exemplo uma inteira Avenida — a Avenida da República — apontando-a como «uma coisa» ou uma arquitectura em si, um ambiente estruturado, que é muito mais do que a soma dos prédios que a ladeiam.

A minha acusação incluía, naturalmente, aquela impressão instintiva de muitos lisboetas que é a da vergonha por aquilo em que se está tornando uma das principais artérias da cidade, mas procurava logo ver para lá dos prédios às tirinhas, da feira de ridículos, das fachadas, das varandas, das cores, ou seja, mostrar que a grande vergonha de 1969 está, sim, no facto de um eixo fundamental (Marquês-Campo Grande) estar a ser remexido ao calhar, mas de ponta a ponta, por interesse de particulares para aumento das áreas de comércio e administração (melhor dito, para aumento do valor do terreno e rendas), mas com os mesmíssimos critérios de 1900, Ou seja os de quando as avenidas se rasgaram para os senhores aí fazerem ricas moradias e as percorrerem com veículos que não chegavam a pôr problemas nem de aparcamento nem de atravessamento dos peões.

Concedemos, naturalmente, que o trânsito ao longo da Avenida melhorou entretanto, na medida em que se alargaram as faixas de rodagem (e enquanto houver espaço para alargar). O que só prova a dominante burocrática — a mentalidade de repartição — do que se chama a urbanização da cidade: uma repartição melhora as ruas, outra policia-as; separada destas, outra faz um Plano Director, que não parece ser o instrumento orientador quando se vê que a mesma ou ainda outra repartição, impotente para submeter o interesse particular a esquemas colectivos, vai deixando rebentar grandes prédios, como cogumelos, sem contribuírem em nada para a resolução dos problemas de conjunto que eles próprios provocam — aumento geométrico do «parking»; espaços públicos de circulação, passagens superiores ou inferiores seguras para os peões, galerias comerciais e de divertimentos, enfim, o que caracteriza um desenho urbano actual e de que podíamos citar numerosos exemplos. Lisboa - dita - nova não conhece a 3.ª dimensão no seu espaço urbano público: só o terreno e a rua á frente.

Este clima de desordem nas decisões inquieta todos os técnicos conscientes e atentos — como se o «urbanismo» da cidade fosse apenas o instrumento para facilitar valorizações de terrenos e não pôr entraves ao aumento de receitas camarárias — mesmo se no futuro a Camara tiver de vir a pagar as consequências destas facilidades e então já por outro preço.

Mas inquieta mais ainda quando vêm a publico notícias de outras oportunidades em vias de se perderem. Uma delas, a da construção do viaduto do Campo Pequeno (ferroviário); outra, por milagre logo vizinha, a da aquisição do terreno para uma grande central de camionagem regional; outra ainda, de que nos fizemos eco também neste jornal, os planos para novas escolas superiores — nomeadamente o Instituto de Ciências Económicas e Financeiras e o dos cursos chamados de Belas-Artes, previstos originalmente para os vizinhos terrenos do Campo Grande, oportunidade unica para se estruturar um complexo universitário em termos actuais.

Lisboa e a operação necessária de um centro direccional

Se cada uma destas obras — arruamentos, viaduto, estações, edifícios, faculdades... — se fizer no seu terreno com sua entrada principal a dar para o passeio, e de costas voltadas para as outras funções, estará perdida a oportunidade de dotar Lisboa com outra coisa, essa actual e aberta ao futuro.

Que é essa outra coisa? É uma ideia ou melhor dito, a hipótese de uma estrutura e ao mesmo tempo a sua imagem espacial (uma estrutura não é uma soma de coisas mas sim um conjunto interdependente de relações entre as coisas) precisamente o que não existe agora.

Neste caso, atrevo-me a dizer que essa «conduta Campo Grande-Marquês» (pelo menos) terá de ser pensada hoje como um eixo de serviços centrais e não como uma recordação de Avenida ex-residencial. Eixo no qual entronca — precisamente nas tais estações de C. F. e autocarros de que se fala — a outra Lisboa, a do esquecido e vasto território urbanizado, desta e da outra banda, que vem ao centro trabalhar, contactar com as administrações, estudar ou divertir-se e, reciprocamente, que recebe a trabalhar, ou a recrearem-se, os mais antigos citadinos que na antiga cidade ainda podem morar.

E que caracteriza este eixo?

Primeiro, através de novo perfil, a introdução de uma nova velocidade do transporte individual e sobretudo do colectivo (que apenas o Metropolitano agora realiza) e que é incompatível com o sinaleiro a cada cruzamento e o estacionamento em extensão e superfície. (Parece que em Lisboa só se podem fazer estacionamentos ao longo dos passeios ou garaginhas debaixo de cada prédio, diz que por causa do direito de propriedade).

Segundo: a concentração dos serviços e da vida de centro em «pólos» e não em extensão indefinida como está acontecendo, correspondendo esses polos ás estações de troca dos transportes de comboio ou de camioneta como os colectivos urbanos (devo poder vir de carro e deixá-lo, e ter logo á mão outro transporte rápido para que não vá engarrafar mais o centro antigo). Terceiro: a forma arquitectónica misturará as funções, concentrará as coisas de modo a que em cada pólo tenhamos espaços interligados para os mais diversos fins: comércios, escritórios, hotéis, espectáculos, estabelecimentos de investigação e ensino, etc. (Lembre quem os conheça, o desenho do Rossio, da Galeria de Milão, do centro de Estocolmo, etc,. etc.).

E' a esta concepção que se chama agora «centro direccional»—ou seja, uma forte concentração de espaços para funções terciárias, ou de direcção, as quais por sua natureza, têm alcance não só local mas como centro do suburbio que lhe fica ligado. Embora dominando os espaços de trabalho terciário, os centros direccionais são também espaços de tempos livres, espectáculos, ensino, etc., que lhes asseguram a máxima vitalidade de dia e de noite, de adultos e jovens, de produtividade e de festa.

Quarto: um centro destes tem de obedecer a um projecto de natureza especial (não rígido, realizável por fases, etc.) e tem de ser conduzido por uma administração própria que atraia, agrupe e controle os interesses em causa com poder para proceder a emparcelamentos para que a melhor solução do ponto de vista publico não seja entravada por mesquinhos vínculos de propriedade anterior. (*)

As condições de arranque

Ora, em nossa opinião, o primeiro centro direccional do eixo de serviço de Lisboa está apontado, e com condições excepcionais se se quisesse, precisamente para aquele

(Continua na 20.ª página)

Os colégios têm o direito de continuar a cobrar mensalidades depois do encerramento das aulas nos liceus?

Uma nossa leitora, com filhas a estudar, envia-nos uma carta em que levanta um problema que se nos afigura do maior interesse para muitos pais e encarregados de educação. Diz a carta a certa altura:

«Sou mãe de três meninas em idade liceal, frequentando uma delas um liceu da capital e as outras duas um colégio dos arredores. A primeira, por não ter exame este ano, está já de férias desde o dia 11, data superiormente estabelecida para encerramento das aulas nos liceus. Das duas que frequentam o colégio particular, uma delas, por estar no 5.º ano, continuará com aulas até ao exame escrito e, lógicamente, entre esse exame escrito e a prova oral. Mas a outra, não tendo de prestar provas de exame, este ano, por ser ano de passagem, continua também a ter aulas, que se estenderão até meados do próximo mês de Julho.

Não se trata de fazer economias com a mensalidade muito justamente estabelecida quanto a escolaridade, mas o que constitui exploração, da parte do colégio, é a despesa de internamento e pensão que sou obrigada a pagar, no mês de Julho, pela filha que não tem exame.

Se o sr. ministro da Educação Nacional fixou as datas de início e final de férias para todos os estabelecimentos de ensino, oficiais e particulares, seria justo que fixasse também a data de encerramento das aulas igualmente para os dois ramos de ensino».

A autora da carta parece-lhe oportuno que o assunto seja esclarecido oficialmente ainda este ano. Oportuno e justo se nos afigura a nós também, dados os interesses em jogo e até porque o ensino, em estabelecimentos particulares, está longe de ser barato.

O 89.º ANIVERSÁRIO DO ATENEU

Amanhã, ás 20 e 30, decorre no Ateneu Comercial de Lisboa um jantar comemorativo do seu 89.º aniversário.

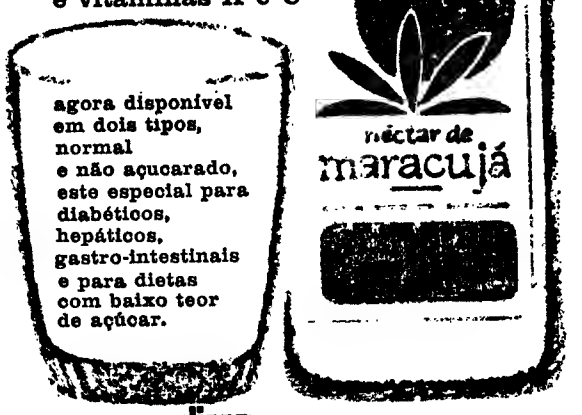
UMA PROFISSÃO EM BUS

QUE ESPÉCIE DEVEM PAGAR OS

O problema da justa tributação de que os age ser objecto é uma das questões dominantes do rol Embora os seus rendimentos advenham exclusivam executam, os agentes comerciais vêem-se, na sua

néctar de maracujá

bebida de mesa sempre agradável, natural e revitalizante rica em ferro e vitaminas A e C



Pedidos à diese
Av. da República, 46 r/c – Tel. 76 71 41 – Lisboa 1

Durante a assinatura do contrato de aquisição do computador

A EDITORIAL VERBO ENCOMENDA UM COMPUTADOR GE-53 BULL GENERAL ELÉCTRIC

A Editorial Verbo, uma das editoras que mais decisivamente têm contribuído no nosso País para a divulgação e valorização do livro, promovendo algumas das edições de maior interesse, a vários níveis, nos ultimos tempos, acaba de encomendar á Bull General Electric um ordenador de «bureau» GE-53. Este computador apresenta características especialmente bem adaptadas aos problemas de gestão que se oferecem a uma empresa com a dimensão e actividade da Verbo, naturalmente complexas se se tiver em conta que, só este ano, e nos ultimos meses, a média das suas edições tem sido de um livro por dia.

No acto da assinatura do contrato, há dias celebrado, estiveram presentes, pela Verbo, os srs. Fernando Guedes, administrador-delegado, e Luís Marques Pereira, e pela Bull General Electric, os srs. Remi Donneaud, director-geral, eng.º Silva Ferreira, Chefe de Sector e dr. Vaz Pardal, delegado comercial.

USCA DE LEI—2

E DE IMPOSTO OS AGENTES COMERCIAIS?

agentes comerciais devem rol de aflições da classe. ivamente do trabalho que sua maioria, atingidos por uma contribuição inadequada (contribuição industrial,) pois entre eles e os comerciantes existe, pelo menos, uma diferença: a ausência de património ou capital por parte dos agentes comerciais. O seu único património ou capital é o bom nome que conseguem criar na praça e isso leva a pôr a questão: que espécie de imposto devem pagar os agentes comerciais?

De um modo geral, pensam os agentes comerciais que sobre os réditos que do seu trabalho advêm apenas devem incidir o imposto profissional e o imposto complementar (quando for caso disso). Dada a natureza do seu trabalho, os agentes comerciais não compreendem como lhes pode ser aplicada uma tributação como a contribuição industrial, tal como é aplicada aos comerciantes es- *e vendem*, obtendo da sua actividade um *lucro* proveniente da movimentação de capitais.

Mas este não é o unico problema que aflige a classe. Essencialmente, os seus membros pretendem que se estabeleçam condições que ponham cobro á insegurança da sua actividade e constituam a base

(Continua na 24.ª página)

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

E
EMERSON
A marca de qualidade
FRIGORÍFICOS DE LUXO
A PREÇOS NORMAIS
DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS:
ESTABELECIMENTOS M. SIMÕES JR., S.A.R.L.
43 Rua dos Douradores, Telef. 361763. LISBOA

RELÓGIOS
De todas as marcas, máxima garantia, preços de concorrência.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

CHOCOLATES TAGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

OURO E PRATA
COMPRA E VENDE AOS MELHORES PREÇOS
Ourivesaria PIMENTA
Rua Augusta, 253—Telef. 324564

DIÁLOGO TRANSITIVO

por Alberto Ferreira

MAIS GENTE À VOLTA DA MESA!

ENTRA LEIRIA NA DANÇA...

DEPOIS da carta encorajante e quase fraterna de José Guilherme Mendes, tenho aqui, em frente da minha resmunguice, deixa diferente e não menos estimulante:

«Alberto Ferreira:

Hesitei; mas depois, Alberto. Eu conheço-te de fotografia e, sobretudo, pessoalmente, pelo que me tens dito.

Tens dito e eu quero que insistas. Mas olha que as tuas palavras às vezes parecem pedras, prontas a serem transitivas, mas que se ficam pelo serem pesadas. E além disso tens um modo de dizer que diz tudo e, quando te calas em ponto final, eu só sei dizer «pois é». É a minha «caladice crónica». Solidificada com o falas-tu-oiço-eu.

Pois hoje falo eu e ouves tu. Se calhar vais ficar calado, mas não me importo: será a tua vez de dizer «pois é». *(é o calas!-nota de A. F.).*

Podias ter metido no diálogo a carta do Zé Guilherme e deixar que fôssemos todos a falar-lhe. Talvez por lá houvesse alguma coisa duvidosa que pusesses o acordo em suspenso e estimulasse a conversa *(bom: a carta do Zé Guilherme era demasiado amável para o meu já avantajado amor-próprio, pelo que deliberei não a publicar para me defender das más-línguas... percebido? — A. F.).* Já participaste nalgum diálogo onde cada um que fala dissesse tudo certo? *(Não! e ainda bem... A. F.).* Não estou a ter a certeza, mas imagino esse diálogo com um grande silêncio na sala. Continuando, e sem me parecer contradizer-te, vou perguntar-te porque me deixaste sem saber ao certo que são «gadaipos» e «selvaginhas».

Quando disseste que não davas muito por nossos «futuros historiadores» querias dizer nossa «futura história»? Admitindo que sim, eu preferiria, cá pelo meu sentido, que tivesses escrito a segunda. Mas repara que a oposição «historiadores-história» só pouco tem a ver com a aposição do princípio «pedras transitivas-pedras pesadas», ali é apenas palavra por outra palavra; aqui, já é um estilo por «outro» estilo. E agora, mudando um pouco, gostava que soubesses que nós também temos por cá uma mesa-redonda e do entusiasmo com que sentimos fazer uma grande coisa quando nos sentamos á roda dela. Umas vezes sem assunto *(bem vos trabalhava eu, se lá estivesse sempre, metia-vos assunto nem que fosse de colher na boca! A. F.)* Outras com o assunto em cima da mesa. Às primeiras chamamos «conversa sem assunto» e às segundas, assunto sem conversa *(pelos vistos, a falta de assunto era modéstia! A. F.)* Duma maneira ou doutra, é sempre a toque de caixa (do relógio) que nos vamos embora. Eu ficava contente se um dia lá chegasse e visse em cima da mesa o teu «diálogo transitivo». Vê se consegues isso. *(Às armas, cidadãos, às armas que me estão a desafiar A. F.)* Se conseguires, eu depois conto-te como foi. Para terminar tu vives longe e não podes estar presente, com a tua carne e o teu osso, á roda da nossa mesa... *(Ah! demónio, que me apanhas o ponto fraco!).* Mas não faz mal que saibas que já tivemos a ideia de conseguir que cá viesses *'vá, moam-se, selvaginhas, «eles» até me querem lá! A. F.)* Pensámos em ti e noutros amigos que conhecemos como te conhecemos a ti. Mas claro que não te zangas se te disser que houve quem dissesse «mas se eles vierem temos de os avisar que queremos que falem connosco» e não em falo eu-ouves tu. Eu aceito que este medo tem essencialmente raizes no nosso «ensino secundário», e num «facto que entrou na íntima natureza social do português»; mas também quero que aceites que eles o disseram».

Júlio Neves

Gadaipos: forma minha de dizer «gadanhos», que é uma espécie de garra de aves de rapina... Selvaginhas: é isso, o diminutivo de selvagem, ou seja, pateta, selvagem miúdo, avesso às aventuras de grande calado. A história nacional, mesmo em plena euforia da Descoberta, foi sistemáticamente dimensionada à escala do tipo médio, altura de um metro e sessenta e poucos, mal comido e mal dormido, sempre pronto a gritar, «vivááá» Sua Magestade, glória aos nossos protectores, V. Ex.ª para a direita, V. Eminência para a esquerda, benévolos, simpáticos, lambe-botas, sem fúrias de danar os cães, ignorantes e fazendo pouco para vencer as ancestralidades... Portanto: selvaginhas. Evidentíssimo que as excepções aí estão a confirmar a regra. E temos várias, desde aquele artesão de Fernão Lopes que dizia, mostrando a gorja: cá eu só tenho isto .. para arriscar! ao alfaiate que pagou cara a vida ao erguer a voz à «aleivosa», a Leonor Teles... E aí por diante. Casos singulares de heróis sem estátua e de que pouco se fala e mal se imitam. É o toque de caixa (o relógio) com que o amigo simboliza a debandada, ou vamos recolhendo a quarteis que a água é pouca e a hora vai adiantada. Relativamente à conexão historiador-história, convenho que o explicitado é um tanto ambíguo. Eu também hesitei no meu próprio contexto. Claro: história é que está bem. A sua preferência é justa. Mas havia e há razões para «meter» no diálogo certas ambiguidades. Se me permitem, falarei disto em outra ocasião. Quanto às pedradas do meu dialogar... Aceito! São duras mas acordam. Ainda não há cabeças partidas, que eu siba. E se as houver, também não me arrependo. Estamos demasiadamente embrulhados em algodão em ramal Claro que não me zango! Ele há por aí tanto tagarela! É fugir deles...) De acordo com um diz lá ouve tu agora. Atenção: cumpre saber escutar, antes de responder. E a minha amiga Celeste, do Mucifal, ainda há bem pouco me dizia:

— Sr. Dr. (chama-me assim, vejam lá! e eu enterneço-me...) há um falar e dois entendedores...

FRANÇA: DIFICULDADES PARA O CENTRO DE ESTUDOS ESPACIAIS

A despeito de um orçamento que, para os programas nacionais franceses, se elevará para o conjunto do V Plano (1966-1970) a uns dois biliões de francos, o Centro Nacional de Estudos Espaciais (C. N. E. S.) não colocará nenhum satélite em órbita até ao fim de 1970, ou começo de 1971. Como o disparo anterior remonta a Fevereiro de 1967, ter-se-ão, deste modo, passado mais de três anos e meio sem que qualquer experiência orbital tenha sido tentada.

Ora, quando da sua criação, em 1962, o C. N. E. S. recebera por missão realizar um programa de explora-

Por Dominique Verguèse

ção do espaço que comportava em especial o lançamento de dois satélites por ano. O novo campo de lançamento instalado na Guiana, e que deve substituir a base de Hammaguir, no Sará, encontra-se presentemente quase terminado. Ainda há dois anos, 1969 era considerado a data em que a base permitiria a retomada dos lançamentos e mesmo a sua aceleração.

De facto, a Guiana permanecerá dois anos sem ser utilizada. Esta situação paradoxal não poderia ser explicada por dificuldades financeiras. No V Plano, o C. N. E. S. terá beneficiado de certa prioridade no domínio da investigação e obtido algumas centenas de milhões de francos mais do que o previsto em 1965. E se, em 1969, o C. N. E. S. encontrou pela primeira vez alguns problemas financeiros, o seu orçamento elevar-se-á por fim para este ano a uns 400 milhões de francos.

As causas verdadeiras deste longo tempo morto de mais de três anos e meio devem procurar-se, por um lado, na prioridade concedida há muitos anos pelo Governo aos trabalhos de infra-estrutura em relação às investigações e, por outro lado, nas dificuldades técnicas encontradas pelo C. N. E. S. e a má gestão dos projectos. Estes não deixaram de atrasar-se e alguns tiveram deslizes muito antes do IV Plano.

O C. N. E. S. defendeu-se sempre, simultâneamente, de se tornar um organismo de investigação e de cumprir tarefas industriais, e, logo de início, confiou grande parte dos trabalhos que tinha por missão realizar a laboratórios de investigação ou a firmas privadas conforme as suas necessidades. Mas se compararmos a distribuição, em valor e em percentagem, dos contratos feitos pelo C. N. E. S. com a indústria da construção e da engenharia civil, por um lado, e com os laboratórios científicos, por outro, verifica-se que desde 1964 o C. N. E. S. gastou sempre mais com a infra-estrutura do que com a investigação. As quantias investidas na engenharia civil, que oscilavam à volta de 16 por cento do total do orçamento do Centro em 1965 e 1966, passaram a 43 por cento em 1967, enquanto as consagradas aos laboratórios científicos nunca ultrapassaram 15 por cento (1965) e cairam para 12,23 por cento em 1967.

O total dos contratos confiados à indústria aeroespacial (engenhos espaciais e electrónica de bordo) não tiveram a progressão que seria para desejar; segundo os anos, situa-se umas vezes nas imediações de 35-38 por cento do orçamento, outras à volta de 20-25 por cento. Quanto aos equipamentos electrónicos no solo (radares, sistemas de seguimento, bancadas de «contrôle») à parte a isto referente diminuiu regularmente de 1964-1965 — cerca de 30 por cento — a 1967 — cerca de 20 por cento. Mas se acrescentarmos a parte da engenharia civil à da electrónica no solo, ultrapassou sempre 35 por cento, para atingir em certos anos 50 por cento. As despesas de infra-estrutura e de equipamento continuam portanto a ser consideráveis.

Julgar-se-ia que depois dos investimentos no solo necessários a qualquer agência espacial — centro de investigação, estações de localização e acompanhamento dos satélites, campo de lançamento — o C. N. E. S. poderia ràpidamente consagrar quantias crescentes à exploração do espaço. Nada disso aconteceu.

Depois de construir o Centro Espacial de Brétigny, próximo de Paris, e uma rede de cinco estações, o Governo decidiu, em 1966, contra a opinião do C. N. E. S., edificar novo centro em Toulouse, que se inseriria num complexo aeroespacial. Depois de Brétigny, lançaram-se na realização de novos laboratórios, e o custo da construção do centro de Toulouse, que ainda não está acabado, elevar-se-á a 100 milhões de francos, pelo menos.

Além disso, o campo de tiro militar de Hammaguir, de onde o C. N. E. S. lançou os seus primeiros satélites, uma vez que tem de ser evacuado em Julho de 1967, empreendeu-se a construção de nova base, civil desta vez, na Guiana. Quase pronta, esta terá custado ao C. N. E. S. mais de 400 milhões de francos, contra 300 previstos de início. E ainda se justificariam estas despesas mais fàcilmente se o campo de tiro pudesse, nos próximos anos, ser utilizado para certo número de lançamentos por ano, o que está longe de ser o caso.

O número de satélites em construção em França ou mesmo na Europa é pequeno e, além disso, alguns engenhos serão lançados pelos americanos. Até 1973, a Guiana não será utilizada mais do que para uma colocação em órbita por ano em média.

Esta situação reflecte a maneira como foram decididos os projectos de satélites no decurso do V Plano. No começo do V Plano, o C. N. E. S. empreendeu a realização de dois satélites: o satélite «D-2», destinado a estudar a camada de hidrogénio que rodeia o nosso planeta, e o satélite meteorológico «Eolo», destinado a recolher informações sobre a atmosfera, as quais lhe seriam enviadas por balões à deriva em volta da Terra a uma dezena de quilómetros de altitude. Enquanto o «D-2» era concebido para ser lançado por um foguetão francês, o «Eolo», d evia ser colocado em órbita por foguetão americano.

É evidente que estes dois satélites não teriam, por si sós, constituído um programa para cinco anos. Deste modo, em Maio de 1967, foi decidido realizar um terceiro satélite principalmente destinado ao estudo do campo magnético terrestre, o «Roseau». Esta decisão, mais política que científica, resultava de um primeiro acordo de colaboração com os soviéticos, tendo-se estes oferecido para colocar o engenho numa órbita muito alongada. Depois, em Junho de 1967, era assinado um acordo entre a França e a República Federal da Alemanha que previa a realização de um primeiro satélite de comunicações, «Sinfonia», que devia ser colocado em órbita pelo foguetão que os europeus construíam em comum, o «Europa-2».

Flutuações diplomáticas

Estes dois projectos, baseados numa colaboração bilateral, inaugurariam a era de uma certa politização dos programas. É certo que «Roseau» oferecia possibilidades interessantes para muitas equipas de cientistas franceses, mas não foi ùnicamente por estas que a decisão foi tomada. Quanto a «Sinfonia», era a prova tangível que o Governo francês pretendia dar particular importância — ou mesmo prioridade — a satélites de comunicações europeus que quebrariam o monopólio dos mericanos no mundo ocidental em matéria de satélites de aplicação (comunicações, meteorologia...).

O reverso da medalha apareceu depressa: qualquer projecto motivado por razões políticas corre o risco de flutuar ao sabor das situações nacionais ou internacionais, e fàcilmente se perde de vista o seu interesse científico. Enquanto o Governo francês concedia alta prioridade a «Sinfonia» e tentava aplanar todas as dificuldades que pudessem surgir com a Alemanha, o projecto «Roseau» foi simplesmente abandonado no começo de 1969. Satélite científico para o qual os contratos industriais de fabrico ainda não tinham sido feitos, «Roseau» arcou fàcilmente com as dificuldades orçamentais do C. N. E. S. E, se o ousássemos dizer, beneficiará com os aconteci-

(Continua na página seguinte)

Diário do Porto

A medalha de honra da cidade para um antigo edil e um banqueiro

Foi marcada para esta tarde a habitual sessão pública da Câmara Municipal á qual presidirá, pela primeira vez, o seu novo presidente, sr. eng. Nuno Vasconcelos Por-

ARTHUR CUPERTINO DE MIRANDA

to. Estará também presente, o sr. dr. Abílio Aranha, o novo vice-presidente. Os vereadores, no uso da palavra, saudarão aquelas duas individualidades.

Nas suas intervenções, a sr.ª D. Maria Francisca Sá Carneiro tratará de problemas concernentes ao Hospital de Crianças Maria Pia; o sr. dr. Arnaldo Magalhães falará do centenário de Arnaldo Gama, propondo que seja erigido aqui um monumento ao escritor; o sr. Brito e Cunha ocupar-se-á de assuntos relacionados com o turismo no Norte do País e do importante papel do aeroporto de Pedras Rubras no fomento do mesmo; o sr. prof. Pereira Pinto prestará homenagem á memória do benemérito Calouste Gulbenkian e proporá que seja dado o seu nome a uma artéria da cidade; o sr. dr. Rolando Van-Zeller fará o elogio dos srs. eng.º Vasconcelos Porto e dr. Araújo Aranha; o sr. prof. João Cabral proporá a concessão da medalha de honra da cidade (ouro), ao sr. eng.º Veiga de Faria, antigo vice-presidente do Município, pela sua acção valiosa no desempenho dessas funções.

Também os srs. drs. Paulo Pombo e Pinto da Cruz, referindo-se ao cinquentenário da fundação do Banco Português do Atlântico e ao seu importante papel na economia do País, prestarão homenagem ao sr. Artur Cupertino de Miranda, dizendo que esse munícipe ilustre tem o culto pelas letras e o interesse por todas as actividades culturais na cidade, por isso, merecedor do apreço do município, propõem que lhe seja concedida a mesma medalha, como testemunho de reconhecimento e apreço.

No final, usará da palavra, o novo presidente da Câmara, sr. eng.º Vasconcelos Porto.

Um incêndio destruiu uma sapataria

Por volta das cinco horas da madrugada, manifestou-se incêndio num prédio da Rua 5 de Outubro, em Avintes (Gaia), pertencente ao sr. Amadeu Vieira Gonçalves, no qual tem instalada uma sapataria o sr. Alberto da Silva e Rocha.

O fogo, cujas causas se ignoram, destruiu aquele estabelecimento, causando prejuízos avaliados em cerca de cinquenta contos. Trabalharam no ataque ás chamas os Bombeiros Municipais de Gaia e Voluntários de Avintes e dos Carvalhos.

Homenagem a um professor

O professorado do ensino primário deste distrito presta homenagem no sábado ao professor e deputado sr. José Alberto de Carvalho, numa sessão solene, ás 10 horas, no Cine-Teatro de Gaia. Seguir-se-á um almoço no pavilhão dos desportos do Palácio de Cristal.

Ocorrências policiais

Queixou-se na P. S. P. a sr.ª D. Maria da Silva Gomes, residente em Candelo (Gaia) porque, quando passava por uma artéria desta cidade, lhe furtaram um porta-moedas com cerca de 5000$00.

Espectáculos para hoje

TEATROS

ANTÓNIO PEDRO — Às 21 e 45: «A Desconhecida de Arras» (17 anos).
SÁ DA BANDEIRA — Às 21 e 30: «O Comissário de Polícia» (12 anos).

CINEMAS

SÃO JOÃO — Às 21 e30: «Na pista dos diamantes» (12 anos).
COLISEU — Às 21 e 30: «O Salto» (17 anos).
RIVOLI — Às 21 e 30: «Sob o signo da suspeita» (17 anos).
OLÍMPIA — Às 21 e 30: «Ricardo, Coração de Leão» (12 anos).
TRINDADE — Às 21 e 30: «Milhões escaldantes» (17 anos)
ÁGUIA DOURO — Às 21 e 30: «Vingança sem piedade» (12 anos).
ESTÚDIO — Às 21 e 30: «Amo-te, amo-te!» (17 anos)
CARLOS ALBERTO — Às 21: «Os fugitivos de Sing Sing» e «Missão Tempestade» (17 anos).
JÚLIO DINIS — Às 21 e 30. «Resgate humano» (17 anos). 30: «Adivinha quem vem jantar?»
VALE FORMOSO — Às 21 e 30: «Caça ao oiro» (12 anos)
CINEMA DO TERÇO — Às 21 e 30: «A noite é perversa!» (17 anos).

Amanhã, à tarde

SÃO JOÃO — Às 15 e 30: «Na pista dos diamantes» (12 anos).
COLISEU — Às 15 e 30: «O Salto» (17 anos).
RIVOLI — Às 15 e 30: «Sob o signo da suspeita» (17 anos).
ESTÚDIO — Às 21 e 30: «Amo-te, amo-te!» (17 anos)
TRINDADE — Às 15 e 30: «Milhões escaldantes» (17 anos).
BATALHA — Às 15 e 30: «Jerry em Londres» (12 anos)
ÁGUIA DE OURO — Às 5 e 30. «Vingança sem piedade» (12 anos).
OLÍMPIA — Às 15 e 30: «Ricardo, Coração de Leão» (12 anos).
CARLOS ALBERTO — Às 15: «O vingador atira á esquerda!» e «O batalhão suicida» (12 anos).
JÚLIO DINIS — Às 15 e 30: «Resgate humano» (17 anos).
VALE FORMOSO — Às 15 e 30: «O pai tirano» (12 anos).

Os trabalhos do Curso de Anestesia e Reanimação

Na Faculdade de Medicina prosseguiram, durante a tarde, os trabalhos do Curso Internacional de Anestesia e Reanimação.

Houve exibição de filmes, e o sr. prof. Pierre Huguenard apresentou uma comunicação, intitulada «Indicações da oxigenação hiperbarica»; os srs. drs. William Mathews (E. U.), dr Jorgen Kirchhoff (Dinamarca) e Armando Pinheiro falaram, respectivamente, sobre «Anestesia em obstetrícia, «Ressuscitação de emergência» e «Tratamento dos traumatismos torácicos fechados».

Debate sobre o Regulamento da Caça

No domingo, ás 10 e 30, a Comissão Regional do Norte promove, nas instalações do Clube de Caçadores do Porto, na Quinta da Agra, em Gondomar, o II Encontro das Venatórias do Norte, cujo programa de trabalho inclui o debate sobre diversos problemas ligados ao novo Regulamento da Caça.

Farmácias de serviço esta noite (2.º turno)

ALBERTO FERREIRA, R. da Estação, 100 (Tel. 5-1302) * **ANTUNES**, R. do Bonjardim, 485 (T. 2-7936) * **CAMPO ALEGRE**, Rua do Campo Alegre, 728 (T. 6-2245) * **FÁTIMA**, R. Oliveira Monteiro, 475 (Tel. 6-5406) * **FERREIRA DA SILVA**, R. Mártires da Liberdade (Tel. 2-4023) * **MARQUES DE MENDONÇA**, R. do Ameal, 25 (Tel. 4-7116) * **PEREIRO**, R. do Precioso, 35 (Tel. 68-1027) * **S. JERÓNIMO**, R. de Santos Pousada, 622 (Tel. 5-4526) * **S. LÁZARO**, Av. Rod. de Freitas, 29 (Tel. 2-7043) * **SARABANDO**, Largo dos Lóios, 36 (Tel. 2-1701) * **SAÚDE**, Av. dos Comb. da Grande Guerra, 689 (Tel. 4-0576) * **SOUSA SOARES**, R. de Santa Catarina, 5-2225) * **GONDAREM**, Rua de 141 (Tel. 2-2145) * **VITÓRIA**, R. de S. R. do Lameiro, 756 (Tel. Gondarém, 860 — Foz

Desportista vítima de acidente

VIANA DO CASTELO, 17 — Quando tomava parte num desafio de futebol de salão, no «rink» Limia Parque, fracturou a perna direita, em consequência de uma queda o marceneiro sr. José Luís Martins de Sousa, de 19 anos, solteiro, desta cidade. Recolheu ao hospital.

100.000$00

Será a entrada inicial do seu futuro andar para habitação ou rendimento, c/ 5 div. ass., aquecimento, 2 c. banho, coz., desp., arrecadação na cave, em prédio com elevador óptimamente localizado.

Trata o próprio — Telefs. 553809 - 933859.

A princípio foi a Organização Política: e assim (com o mais fácil) principiaram os exames nos liceus

Principiaram os exames nos liceus

• Cerca de 25 mil alunos prestaram hoje provas de Organização Política e de Filosofia (3.° ciclo)

— Como esta não há mais!... — exclamava, com um misto de alegria e desânimo, o Fernando de Oliveira Travassos, finda que foi a sua prova de Organização Política. — **Agora a Filosofia já é muito pior. Vamos lá a ver o que sai...**

Tal estado de espírito pode-se dizer, sem receio de generalização, comum a quantos fizeram a prova, cujas primeiras perguntas foram sobre o Estado português (por exemplo: «O Estado português não é um Estado totalitário. Justifique a afirmativa») **e cuja parte de desenvolvimento versou «A doutrina social da Igreja Católica», com referência expressa às últimas encíclicas.**

— O ponto era fácil. A pergunta de desenvolvimento é que talvez desse para mais do que eu escrevi — mas faltou-me a *corda*...

E assim ficou *aviada* a Organização Política — disciplina de que, como nos sublinharam, «ninguém tem medo». O que já não se pode dizer da Filosofia:

— Já «chumbei» o ano passado. Vamos lá a ver agora. — *disse-nos, já nervoso, o Alfredo Barata Antunes.* — Também trabalho, no Banco Português do Atlântico, e, por isso, ás vezes não posso estudar tanto como seria preciso.

Entretanto, no Liceu Passos Manuel houve este ano uma nota nova: a presença de oito raparigas a fazer exame, todas alunas do Colégio do Ramalhão, de Sintra. A Teresa Guedes estava receosa (e a Anabela Monteiro confirmando):

— Filosofia não é do que gosto mais, não. Até tenho bastante medo...

Opinião compartilhada pelas suas colegas — todas, parece, com especial antipatia pela especulação de pequeno curso... No que toca á Organização, a Maria da Graça Vaz de Carvalho resumiu o consenso geral:

— Sem problemas. As quatro encíclicas é que foram o pior.

Notas? Não deve haver menos de 14, entre os que estudaram pelo menos 48 horas bem puxadas...

Entretanto, amanhã começam os exames do 2.° ano, para que foram distribuídos 50 500 pontos — número sensivelmente maior (10 % a 20 %, mas em princípio) do que os alunos que efectivamente farão exames. Às 15 horas realizar-se-á a escrita de Língua e História Pátria, e ás 17 a de Francês.

OS PONTOS

Prova escrita de Organização Política e Administrativa da Nação

I

Responda *concisamente* às seguintes perguntas:

1) Que é o Estado e quais são os seus elementos?

2) Que é a Constituição de um Estado e como se podem classificar as constituições quanto ao processo de formação?

3) O Estado português não é um estado totalitário. Justifique a afirmativa.

4) Quais são as atribuições da Câmara Corporativa?

5) Quais são os tribunais ordinários e onde funcionam?

II

Desenvolva o tema seguinte, *respeitando a sua divisão nas alíneas indicadas:*

A doutrina social da Igreja Católica

a) Princípios gerais das encíclicas «Rerum Novarum» e «Quadragesimo Anno» sobre a questão social.

b) Principais inovações das encíclicas «Mater et Magistra» e «Populorum Progressio».

Prova escrita de Filosofia

Leia, *com atenção,* o texto seguinte de Abel Rey e responda às 4 perguntas que se lhe referem:

«Podemos, portanto, se voltarmos aos primeiros resultados a que chegámos, definir a filosofia, em relação à ciência, como a procura das generalidades mais altas — e, se é possível dizer-se, as mais gerais —, a forma das interpretações mais profundas, mais afastadas das primeiras aparências. Não corremos o risco de nos enganarmos e de apresentarmos uma definição que seja demasiado larga ou demasiado restrita dizendo que a filosofia deve ser para a ciência, pura ciência, na terminologia actual, o que esta é para o conhecimento vulgar.

Se a ciência é uma procura do geral, a filosofia é uma procura do que há de mais geral. Se a ciência aprofunda as aparências ordinárias, a filosofia quer ir ao mais profundo das coisas. Se a ciência substitui a espontaneidade pela reflexão, a filosofia quer, por seu turno, reflectir sobre a reflexão científica. Se a ciência explica, a filosofia pretende levar as suas explicações mais longe do que esta e, por consequência, explicar a própria ciência. Esta definição não tem rigor matemático; mas pode servir como definição preliminar, porque qualquer investigação parte de uma definição que a circunscreve para chegar à definição que a conclui.»

1) Que é uma definição demasiado larga? E uma definição demasiado restrita?

2) Que diferenças essenciais pode apontar entre o conhecimento vulgar e o conhecimento científico?

3) Que significa a expressão do texto: «a filosofia quer ir ao mais profundo das coisas»?

4) Quais são os aspectos da ciência sobre os quais a filosofia reflecte?

II

Responda *concisamente* às seguintes perguntas:

1) A psicologia genética veio mostrar que a percepção se modifica passando de sincrética (na criança) a sintética (no adulto).

Que é a percepção sincrética e que é que a modifica?

2) Já se disse que o positivismo é dogmático quanto ao conhecimento científico e agnóstico quanto ao conhecimento metafísico.

Que é que isto significa?

3) A moral de Kant admite apenas a imanência do dever e isso a distingue da moral cristã para a qual o dever é imanente e transcendente.

Que são a imanência e a transcendência do dever?

4) O teísmo e o panteísmo são doutrinas diferentes acerca das relações de Deus com o mundo.

Quais são as diferenças entre um e outro?

III

Desenvolva o tema seguinte, *respeitando a divisão nas alíneas indicadas:*

As atitudes científica e filosófica

a) a ciência e as suas características.

b) O espírito científico e o espírito filosófico.

NA NOSSA «EDIÇÃO DA NOITE» DE HOJE PUBLICAREMOS AS SOLUÇÕES DESTES DOIS PONTOS, AS QUAIS REPETIREMOS AMANHÃ NAS DUAS PRIMEIRAS EDIÇÕES

NOVOS CURSOS
EM CLASSE E LABORATÓRIO
cial
CENTRO DE LINGUAS
R. D. Estefânia, 48
Tel. 53 37 33

EXTERNATOS
Av. da República, 83
77 90 47 e 76 96 20

CRISFAL
INSTITUTOS
LICEU – 2.ª ÉPOCA

EXAMES PARA AMANHÃ

ENSINO LICEAL

1.° ciclo — 1.ª chamada

(18 de Junho, 4.ª feira)

Língua e História Pátria — 15 horas (90 minutos)

Francês — 17 horas (90 minutos)

3.° ciclo — 1.ª chamada

Latim e Geografia — 9 horas

(90 minutos cada)

Matemática — 11 horas (120 minutos)

(Levar tábua de logaritmos, sem «formulário», e papel milimétrico)

DE COIMBRA

Artes plásticas

Encerram-se hoje, as exposições de pintura e desenho, que têm estado patentes ao publico nos salões do Pavilhão de Turismo e da Delegação do nosso prezado colega «O Primeiro de Janeiro».

Estas exposições foram promovidas pelo Círculo de Artes Plásticas da Academia de Coimbra e os trabalhos expostos executados pelos alunos daquele organismo artístico académico, que é subsidiado pela Fundação Calouste Gulbenkian.

Espectáculos para hoje

CINEMAS

GIL VICENTE — Às 21 e 30: «O grande Neaulnes» (12 anos).

AVENIDA — Às 21 e 30: «Uma incógnita chamada Duffy» (17 anos).

TIVOLI — Às 21 e 30: «Os crimes de Dillinger» (17 a.).

ESPLANADA DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS — Às 21 e 45: «A Princesa» (17 anos).

Vasco da Gama vai ter uma estátua em Lisboa

Ao apresentar esta manhã à Imprensa, num dos salões do Palácio Foz, o programa geral das comemorações do V Centenário do Nascimento de Vasco da Gama, afirmou o sr. prof. dr. Lopes de Almeida, presidente da comissão executiva, que as comemorações, de carácter nacional, estender-se-ão a todo o território português e começam em Lisboa, no dia 8 de Julho próximo.

Haverá acontecimentos de ordem cultural e cívico e manifestações de vária ordem. Lisboa inaugurará, finalmente, uma condigna estátua ao grande navegador, a erguer perto dos Jerónimos.

Obra de Previdência e Formação de Empregadas Domésticas

Sob a presidência do bispo da diocese, D. Francisco Rendeiro, decorreu na Casa de Santa Zita a sessão de abertura do I Encontro Nacional de Assistentes da I Semana Nacional de Estudos para Dirigentes da Obra de Previdência e Formação de Empregadas Domésticas, cujos trabalhos se prolongam até depois de amanhã. Usaram da palavra o assistente-geral da Casa de Santa Zita, rev. António Craveiro Viegas, e a directora-geral da Obra, sr.ª D. Maria Natália da Costa Albuquerque, e encerrou a sessão o prelado da diocese.

Nas sessões de trabalho, em plenário, hoje de manhã e de tarde incluir-se-á apresentação de teses pela sr.ª D. Guilhermina Maria Vieira da Rocha, pelo rev. cónego dr. João Marques Rosa, por D. Albertina Afonso de Miranda e revs. Virgílio Mendes Arderina e Joaquim José Leite de Araujo, havendo debates sobre os temas apresentados.

Nas instalações da Casa de Santa Zita, está patente ao publico uma exposição bibliográfica e documental das actividades da instituição.

Visita de invisuais

Cerca de vinte componentes da Associação dos Cegos do Norte de Portugal, metade deles cegos, vieram de visita a esta cidade e estiveram nos institutos da Criança Cega, no Loreto e de Surdos, em Montesão, Bencanta.

Farmácias de serviço

LUCIANO & MATOS — R. da Sofia (Tel. 22147 e 22148).

HIGIENE — Rua Fernandes Tomás (Tel. 22634).

MACHADO — Rua Bernardo de Albuquerque (T. 23767)

M. NAZARÉ — Av. João das Regras (Tel. 23033).

DIFICULDADES PARA O C. E. E.

(Continuação da pág. anterior)

mentos da Checoslováquia: criticados por todos mas sem que as suas relações com a França sejam alteradas com isso, os soviéticos não estavam prontos no fim de 1968 para fazer protestos muito vigorosos...

O C. N. E. S. teria podido e devido defender-se contra estes projectos políticos? De início, mostrou-se pouco favorável aos programas de colaboração com os soviéticos, devido a recear que estes acordos descontentassem os americanos ou mesmo tornassem difícil a sua cooperação de longa data com os Estados Unidos, mas o C. N. E. S. depressa verificou que estes receios eram vãos. Talvez tivesse igualmente verificado que o favor que rodeava os projectos científicos ia diminuindo e que para subsistir e desenvolver-se lhe era preciso aceitar projectos que comportassem subentendidos políticos. Seja como for, o C. N. E. S. parece hoje encontrar-se prisioneiro, voluntária ou involuntàriamente, de uma política tendente a dar o passo aos satélites de aplicação sobre os satélites científicos, uma orientação de resto conforme às opiniões do actual ministro delegado da Investigação, Robert Galley.

Mas este problema de política geral e a longo prazo não é infelizmente o único que o C. N. E. S. defronta hoje. Outro assunto não menos importante se apresenta: o das dificuldades tecnológicas encontradas.

Exclusivo «Le Monde»-«Diário de Lisboa»

PRÓXIMO ARTIGO:

ATRASOS E VICISSITUDES TÉCNICAS

NAIGAI GARANTIA DE QUALIDADE

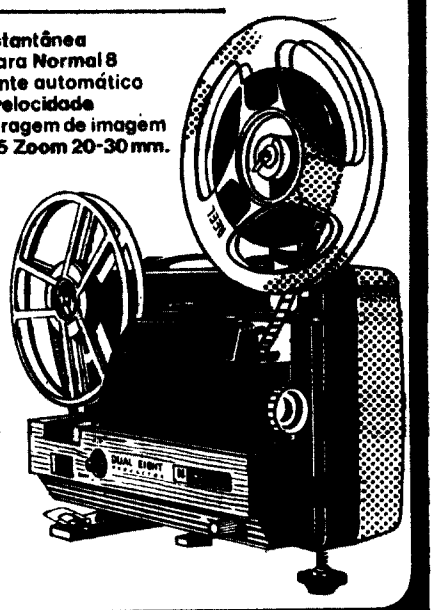
O CONSAGRADO CONJUNTO DE CINEMA

MÁQUINA DE FILMAR SUPER-8

Sistema ReflexTTL-8 f.1.8 Zoom 8-64 mm.

PROJECTOR AUTOMÁTICO DUAL-8

Conversão istantânea de Super 8 para Normal 8 completamente automático variação de velocidade inversão e paragem de imagem Objectiva f.1.5 Zoom 20-30 mm.



UM EXCLUSIVO **IBEREX** LISBOA

Em exposição nos Stands Iberex na Feira Internacional de Lisboa

OBRA DE REGADIO EM PROVEITO DE PENEDONO

PENEDONO, 17 — Estão em curso os trabalhos de construção de conduta de rega-rego do Poço da Madre na freguesia de Castainço, deste concelho.

Dada a manifesta escassez de água em todas as épocas estivais, desde que sejam um pouco mais longas, tornava-se absolutamente imperiosa esta obra, que a direcção dos Serviços Hidráulicos, pela sua delegação do Porto, em boa hora decidiu efectuar.

Será, certamente, este o ultimo ano em que os utentes da água de regadio deste rego se verão, ainda, privados da possibilidade das regas.

Outros melhoramentos que se impõem

Funcionam aqui, actualmente, três lugares de escola. Porém, o masculino e o misto funcionam em regime de desdobramento, pois o actual edifício dispõe apenas de duas salas. Tal situação arrasta-se há uns sete anos. E desde há precisamente o mesmo tempo que aguardamos, serenamente, a construção do seu segundi edifício escolar.

— Foi finalmente, adjudicada a empreitada de acabamento da estrada municipal Ourozinho-Penedono, cujos trabalhos estavam paralisados há cerca de cinco anos. Esta ultima fase compõe-se apenas dos trabalhos de empedramento á entrada da vila e a travessia desta até á Avenida Salvador Costa — arruamentos, demolições, calcetamento. Esta ultima fase virá dar certa vida aquele sector da vila e muito especialmente ao antigo jardim — o mais belo recanto local.

— Esta vila, que, há uns anos a esta parte, tem atravessado um autêntico surto de progresso, continua privada de instalações sanitárias publicas É um melhoramento que se impõe com urgência.

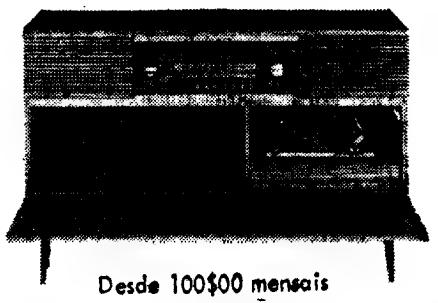
OLIVEIRA E SILVA

Acompanhado de sua esposa, chegou a Lisboa, no avião da TAP, o eminente escritor e poeta brasileiro Oliveira e Silva, que, pela quinta vez, visita o nosso País, onde conta numerosos amigos e admiradores entre homens de letras e jornalistas, que lhe dispensaram calorosa recepção no aeroporto da Portela.

RADIOS TELEVISORES GRAVADORES DITAFONES RADIOS TELEVISORES GRAVADORES

Grande Campanha de Vendas

GRUNDIG



Desde 100$00 mensais

A. OLIVEIRA

Av. Almirante Reis, 91-A

sem entrada * sem fiador

Telefones 530831 530809 538323

No TORTOSENDO o «DIÁRIO DE LISBOA vende-se na LIVRARIA E PAPELARIA CENTRAL — Praça Almeida Garrett.

ANDARES EM CASCAIS

(COM ELEVADOR E VISTA PARA O MAR)

Vendem-se andares em local de grande valorização, c/ 4 assoalhadas, 2 casas de banho, roupeiros, aquecimento e ELEVADOR.

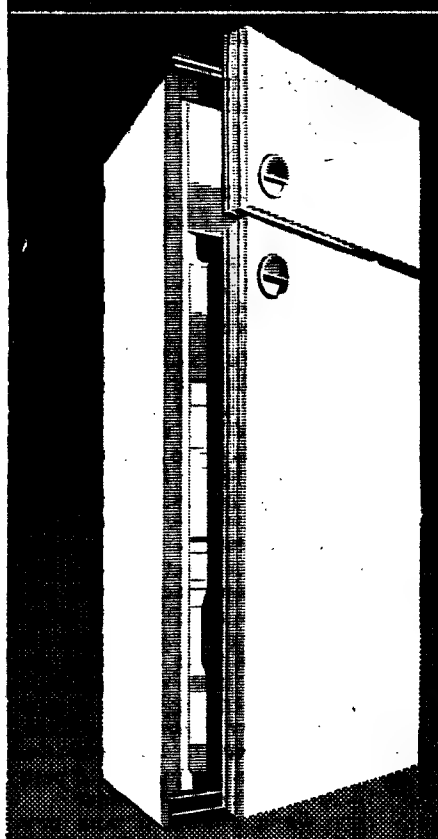
Preços desde: 450 contos

Vende o próprio: Joaquim Baraona

Estrada Marginal, Lote JME - 2.º C.
(Por cima do Supermercado)

Telefs: 282345 - 282388 CASCAIS

OS PRIMEIROS NO MUNDO



a adoptar uma nova técnica na refrigeração que permite:

- maior capacidade em menor espaço
- mais frio e menor consumo

e agora

a grande inovação

umiclimat

O FRIO HÚMIDO QUE CONSERVA OS ALIMENTOS FRESCOS SEM OS DESIDRATAR

FRIGORÍFICOS IGNIS

REPRESENTANTES: Soc. de Rep. SIDA SUECA, LDA.
RUA DE S. NICOLAU, 44, 48 LISBOA

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

Uma cena de «A Caixa de Pandora», que preenche a «Noite de Teatro»

2.° PROGRAMA
FOLHETIM
TV CLUBE
DANGER MAN

O 2.° PROGRAMA inicia a sua emissão com a repetição de mais um filme dos «Globe-trotters» nas suas andanças pelo mundo em busca do excêntrico e da aventura. Segue-se o TV Clube, com Maria José Valério, Luis Guilherme, Lenita Gentil e Carlos Belo. A terminar será exibido, em repetição, um episódio do Danger Man, com Patrick McGoohan no papel do agente secreto John Drake, que deslinda um intrincado caso numa estação emissora pirata nas águas territoriais britanicas...

NOITE DE TEATRO:
«A CAIXA DE PANDORA»

GRAVADO DIRECTAMENTE do Teatro da Comédia, sob a direcção TV de Jorge Listopad, o Programa Nacional apresenta «A Caixa de Pandora», que preenche a rubrica «Noite de Teatro», a transmitir cerca das 22 e 55.

«A Caixa de Pandora», de Fernando Amado, tem encenação de Norberto Barroca e os seguintes intérpretes: Manuela Machado, Fernanda Lopes, Isabel Ferreira, Manuela de Freitas, Jorge Guimarães, Carlos Paulo, Vítor de Sousa, Filipe La Feria, Luís Alberto, Norberto Barroca, Marcelo de Brito, Armando Venâncio e Francisco Esteves.

AS AVENTURAS DE SEASPRAY:
A ILHA ESQUECIDA

«A ILHA ESQUECIDA» é o título do episódio da emissão de hoje, pelas 19 e 50, da série «As Aventuras de Seaspray», com Walter Brown, Davis Colling, Vaughan Tracey e Paul Stocman. «A família Wells demanda a uma ilha que não vem no mapa. Habitam lá uns descendentes dos afamados amotinados da Bounty. Os Wells são condenados á morte por terem invadido a ilha».

«O GRANDE VALE»:
«CORAÇÃO VOLÚVEL»

OS FILMES DO OESTE americano têm um largo publico em todos os paises do mundo e «O Grande Vale» é uma das séries que rápidamente conquistou a sua popularidade. Sem duvida que para tal muito contribuiu o seu naipe de bons actores ombreado pela veterana Barbara Stanwyck e Richard Long, Peter Breck, Lee Majors e Linda Evans.

No filme a exibir pelas 21 e 55 e intitulado «Coração Voluvel» Nick traz para o rancho a rapariga com quem tenciona casar. Sucede, porém, um contratempo; a noiva começa a «fazer olhinhos» ao Heath, seu irmão...

Linda Evans, uma linda actriz com talento, é imprescindível no «Grande Vale»

Rádio

EMISSORA — 1.° Programa — 45 m — 665 kc/s — Às 6: Noticiário; 6 e 05: Canções de Sammy Davis Jr; 6 e 15: Tradições, costumes e turismo dos Açores pelo dr. Carreiro da Costa — «No V Centenário do Povoamento da Ilha do Faial»; 6 e 30: Roteiro musical português; 17: Ginástica de pausa, pelo dr. Marques Pereira, 18 e 10: As Grandes Figuras do Mundo Português, pelo dr. Caldeira Pais; 18 e 40: O conjunto «The Dutch Swing College Band»; 19 e 45: Rádio Rural — musica só musica; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Um solista... Uma orquestra; 20 e 32: 13.° Episódio do folhetim «A Loja de Antiguidades»; 21: Jornal de Actualidades; 21 e 30: Musica ligeira; 21 e 40: Tempo de Jazz, por Raul Calado; 22 e 10 Espectáculo, magazine de Teatro, Cinema e Balado, 22 e 30: Fados, por Américo Lima; 22 e 50: O pianista Claude Bolling; 23 e 05: Programa da noite; 1: Fecho

2.° Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 16 e 33: Musica de Camara, 17: Discos raros — interpretações do Barítono Lawrence Tibbe — obras de Verdi, Gounod, Rossini, Bizet e Gruenberg; 17 e 30: Perspectivas da obras de Hans Werner Henze — Sinfonia n.° 2 (1948) e n.° 5 (1962); 18 e 30: Rádio Educativa (Auditório Juvenil), 19, Horizonte literário, por Armando César e Mário António; 19 e 15: Dança e ballet, pelo dr. António Pinto Machado; 19 e 47: Concerto n.° 4 em lá menor (Vivaldi) — orquestra Pro Musica de Estugarda sob a direcção de Rolf Reinhardt; 20 e 20: Musica de arco; 20 e 30: A ópera «Os Lombardos» de Verdi, comentada por Maria Helena de Freitas

VOZ DO OCIDENTE — 397 m — 755 kc/s — 23: A Voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho.

MF 2 — 94,3 Mc/s — **2.° Programa (cultural MF 2** — 94,3 mc/s — 23: Musica portuguesa; 0: Canções de Grieg — pelo soprano Annelies Kupper e a Orquestra Filarmónica de Munique sob a direcção do maestro Fritz Rieger; 00 e 15: Ciclo «A Sonata» — «Os Mestres de Viena», Duas sonatas de Beethoven para violino e piano; 1: Fecho.

RÁDIO UNIVERSIDADE — 451 m — 665 kc/s — Às 19 e 10: Rádio Universidade

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Momento riscado; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: No Mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20: Nota de abertura e noticiário; 20 e 07: Musicalmente quase tudo; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Eles cantam para si; 21 e 03: Hora alemã; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 05: Musica tradicional e pastorais regionais, 23 e 22: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto, 3 e 02: A noite é nossa, 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã

MODELAÇÃO DE FREQUÊNCIA — 97,4 mc/s — Às 17 e 57: O nosso programa, 19 e 04: Em órbita; 20 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 0 e 02: Alta fidelidade Philips; 1 e 03: Banda Sonora, 2-FM-67 e Fecho

EMISSOR DE MIRAMAR—383,6 m — 782 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelanea; 19 e 17: Brasil; 19 e 30: Robialac; 19 e 45: Primeiro plano; 20 e 07: Rádio Placard; 20 e 21: Norte dia a dia; 21 e 02: Orquestra, 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 30: Musica para meditar; 21 e 45: Mundo Rádio; 22 e 03: Jazz; 22 e 30 Presença comprá; 23 e 04: Clube da Juventude

RADIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radiorama; 8: Melodias em selecção; 18 e 30: Terço e benção da Basílica dos Mártires, 9 e 05: Musica seleccionada 9 e 30: Página 1; 20 e 15: Meditando, 2 Variedades; 21 e 30: Fados na noite; 21 e 45: Conjuntos modernos; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama 22 e 45: Musica variada; 23 A 23.ª Hora; 2: Fecho.

ESTAÇÃO DO PORTO — 256,6 m — 1169 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Quarto de hora infantil; 18 e 30: Terço da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Mosaico; 21 e 30: Chamados musicais; 22: Auditório. 23: A 23.ª Hora; 2: Fecho

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 88 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 19 e 30 ás 22: **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 12 ás 14 e 30 e das 7 ás 9 e 30: **Rádio Voz de Lisboa** — Das 8 ás 10 e das 14 e 30 ás 17: **Rádio Graça** — Das 10 ás 12 e das 22 ás 2

PROGRAMA DE HOJE

1.° programa — Às 19: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 50: Série Juvenil; 20 e 25: Vamos Dormir; 20 e 30: Programa Feminino; 20 e 45: TV Social; 21: Segredos do Mar; 21 e 30: Telejornal; 21 e 55: Série do Oeste «O Grande Vale»; 22 e 55: Noite de Teatro — «A Caixa de Pandora»; 0 e 10: Telejornal, Meditação e fecho.

2.° programa — Às 21 e 30: Telejornal; 21 e 50: Folhetim «Os Globetrotters»; 22 e 20: TV Clube; 22 e 45: Danger Man; 23 e 40: Telejornal e fecho.

TELEVISORES GRUNDIG

AMANHÃ — **I Programa** — Às 18 e 40: Ciclo Preparatório TV; 19: TV Educativa, 19 e 30: Telejornal; 19 e 50: Barreira de Sombra; 20 e 10: Mesa Redonda; 20 e 40: Panorama Internacional; 21 e 05: Se bem me lembro, pelo prof. dr. Victorino Nemésio, 21 e 30: Telejornal; 21 e 55: «Sebastião entre os homens»; 22 e 25. Concerto; 22 e 50: Série Policial — «Ironside»; 24: Telejornal, Meditação e fecho.

II Programa — Às 21 e 30: Telejornal; 21 e 50: O Mundo Paralelo; 22 e 45. TV Mundo; 23 e 40: Telejornal e fecho

TUDOR PILHAS BLINDADAS ESTANQUES

canal da crítica

A PALAVRA EM INUNDAÇÃO
A PALAVRA EM QUESTÃO

«Zip-Zip»: muita palavra e pouca música. Defeito? De modo nenhum. A palavra é material óptimo para a construção televisiva, como a música o é para a construção radiofónica.

O mal não estará, portanto, aí. Algum mal poderá estar numa certa decepção que se apodera de nós depois de ouvirmos tantas palavras. Há a sensação de que palavras mais e outras poderiam estar ali se. Mas as condicionais são tantas que não vale a pena enumerá-las.

De qualquer modo, porém, o regime de convivência, de palavra não programada ou rebentada trazido por «Zip-Zip» continua a ser a sua grande força de novidade. Que ele se venha a tornar cada vez mais vivo e natural são os meus votos. Votos que, aliás, tornO extensivos a toda a sociedade portuguesa. A conquista da naturalidade é a grande tarefa do nosso quotidiano nacional. Não residirá aí o motivo principal da popularidade do «Zip-Zip»?

PROGRAMA ZIPFEMININO

D. Susana Gomes, nadadora de Setúbal, tem um sonho: fazer a travessia da Mancha. Ela até sabe de um Lord inglês que lamentou a ausência dos portugueses na travessia. Ela, se fosse, procuraria honrar Portugal e a mulher portuguesa. Para lá ir, D. Susana precisa de 40 contos. Já pediu à Federação, mas a Federação disse que não. O Benfica e o Vitória de Setúbal também não podem. Os entrevistadores de «Zip-Zip» parece não a tomarem muito a sério. Pior do que isso: os telespectadores também não. É triste rir dos sonhos expostos na via pública.

Felizmente que, desta vez, «Zip-Zip» não apelou para a generosidade de ninguém, com o fim de se conseguirem os 40 contos de que precisa um sonho. Poupe-se aos sonhos a caridade.

MOMENTO ZIPDESPORTIVO

Neste país haverá quem nunca tenha ouvido falar de Fernando Pessoa, Camilo Pessanha, Sá Carneiro. Ignoro se alguém desconhece a existência de Vítor Silva, o avançado-centro que marcava golos com a mão...

Ei-lo, em carne e osso. Podem palpá-lo, por-lhe a mão no joelho de água. Não há dúvida: é ele.

Ele questionado em termos de magazine ligeiríssimo. Os entrevistadores de «Zip-Zip» não conseguiram nada deste material que se adivinhava com alguma riqueza. Apesar de muito conhecido, Vítor Silva continuou desconhecido na sua realidade humana. Sabe-se quem ele foi, ninguém sabe quem ele é. Assim se perdeu uma oportunidade de se dar, através de um homem, a perspectiva desse fenómeno estranho que é o futebol português.

O público bate palmas. Bate palmas muitas vezes. Porquê? É difícil explicar. O prazer de estar descontraído...

ZIP — EXTERIOR (FALHADO)

Momento de grande espectáculo aquele em que nos foi apresentado o sr. Carlos Alberto Branquinho, *aldrabão* para os amigos, propagandista para oficialmente. Solnado pode aproveitar a lição para uma das suas próximas «histórias da minha vida». Pouco mais de sal terá de acrescentar-lhe para a carregar daquele significado que vive nas fábulas.

A figura do «aldrabão» destrui-se a si própria e nisso terá vivido a sua importancia maior. Aquele, pelo menos, não quis vender gato por lebre, mostrou-se tal qual é. Foi homem de coragem e por isso merece felicitações.

Este capítulo de «Zip-Zip» teria, no cenário da rua, a sua verdade verdadeira e dar-nos-ia, também, a nossa mais verdadeira face. Muito embora o publico presente no «Villaret» tivesse representado muito bem no fabrico da moldura que, entre nós, costuma rodear os «aldrabões».

ZIP BONS VELHOS TEMPOS

Três locutores portugueses (Artur Agostinho, Fernando Pessa e Pedro Moutinho) vieram falar de si e da sua profissão. Deram um lamentável festival de palhacismo dos mais completos que se tem visto na televisão portuguesa.

Não eram três pessoas vivas: eram três anedotas empalhadas. Três limões com farto sumo de tristeza e de mau gosto. Quadro de revista de que, infelizmente, até hoje nenhuma revista se lembrou. Se, depois disto, algum

(Continua na página seguinte)

JUROS = 7 A 10 %

Rendimento = Apartamentos
Andares = Actualização
Moradias = Conforto
Dinheiro bem aplicado = **J. PIMENTA, S. A. R. L.**

A' empresa que: — Lançou a propriedade horizontal
— Industrializou o apartamento mobilado
— A tal do melhor, mais certo e mais garantido rendimento

a única que projecta, constrói, decora, vende, administra e garante um RENDIMENTO de 6 a 18 Anos, à escolha do cliente, por escritura pública

190 CONTOS RENDEM-LHE 1.187$50 MENSAIS

Locais das nossas propriedades: Amadora, Reboleira, Venda Nova, Paço de Arcos, Espargal, Parede e Cascais
BREVEMENTE — Queluz e Lisboa

Colha informações directas nos estaleiros de obras e nos nossos escritórios em:

LISBOA: Rua Conde Redondo, 53-4.º Esq. — Tel. 45843-47843
QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Tel. 952021/22
REBOLEIRA: Amadora — Serviço permanente — Tel. 933670

COMUNICADO:

Esta organização comunica que pôs à venda, em Cascais, Moradias, Andares e Apartamentos Mobilados
Visite o apartamento-tipo em exposição na Feira Internacional de Lisboa

canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

dos intervenientes na farsa continuar a ser tomado a sério — é porque, na realidade, nós, portugueses, temos o estômago muito forte.

O mais curioso é que qualquer deles se comportou como se estivesse em sua própria casa, impante da certeza de popularidade, qualquer deles falou de si como de uma grande dádiva a conceder ao publico. Os meninos divertem-se em família...

Tudo isto é muito triste e muito lamentável. Três profissionais da Rádio portuguesa não têm para contar de si próprios se não anedotas — e algumas com barbas (fora as que ficaram de molho...). No fundo, muito mais gente, além do pobre Espadinha, se julga génio — mas só o Espadinha tem o desplante de o afirmar publicamente...

ZIP QUARTO DE BRINQUEDOS

Com Vítor Espadinha entrou-se num jogo que teve muito de infantil, com ele e com Solnado a fazer de conta que estavam sérios. O Espadinha a garantir que era génio e o Solnado a pedir que provasse que o provasse. O Espadinha a replicar que não podia naquela altura e o Solnado a fixar-lhe um prazo: tem um mês para provar que é génio...

Os meninos continuam a divertir-se com o seu grãozinho de loucura. A loucura extravasa do palco para a sala. Espadinha diz: «Até certa medida, acho que sou um génio. E o publico bate palmas. «Quando você desmaiou no Coliseu foi a sério ou foi fita?» «Foi fita...» E o publico bate palmas. O publico foi contagiado, está ele também um bocadinho louco. O publico toma Espadinha a sério. O quarto de brinquedos alarga-se. Os meninos divertem-se atirando, de uns para os outros, a bola pardacenta da sua loucura.

ZIP-ZIP TV CLUBE

«Musica Novarum»: nome de um conjunto amador. Baladas, toadas muito belas. E uma captação de som muito deficiente, poucas palavras se entenderam.

O conjunto pretende renovar a musica ligeira portuguesa. Sonhos. É possível que ao conjunto faltem condições, é possível que o não profissionalismo lhe feche em muito as portas do êxito. É possível que de tudo não venha a ficar mais do que uma intenção boa e três toadas belas. Já não é nada mau, como semente.

Semente de um fermento que prossegue a sua obra e acabará, estamos certos disso, por levar o pão a cozer ao forno.

Foi esta a unica presença viva, nova, a unica presença do futuro num «Zip-Zip» quase a transformar-se no reflexo exacto do «Pátio dos Milagres» do nosso tempo.

ZIP NOITE DE ÓPERA

A única, não. Uma outra aconteceu, dada por alguém que já não é muito jovem: Gino Bechi, que ensina ópera em Portugal.

A sua avaliação da situação da ópera entre nós foi fotalmente justa. Se podemos ter esperança na formação de uma companhia de ópera em Portugal? Sim, mas por enquanto só potencialmente. É uma questão de futuro — e de um futuro não muito próximo...

A canção e a ária que cantou ainda ficaram como das coisas melhores que aconteceram neste «Zip-Zip».

A REALIZAÇÃO

Luís Andrade continua com a preocupação de eliminar o palco, de dialogar com as personagens em termos de televisão. O seu trabalho, nesse aspecto, não foi exemplar. Alguma coisa esteve mal, por exemplo, na captação de Gino Bechi.

Além disso, Andrade continua agarrado a rodriguinhos que nada significam já. O ritmo que imprimiu na cena do iéiéismo de que participou Eusébio tem o condão de irritar o telespectador — e não visa, certamente, outro objectivo além de lhe aumentar as dioptrias. Será preciso um abaixo-assinado para que cesse a brincadeira?

Outro ponto a merecer a atenção dos produtores é o da captação sonora, que continua gravemente prejudicada. O problema mantém-se desde a primeira emissão de «Zip-Zip». É demasiada teimosia ou demasiada incapacidade?

MÁRIO CASTRIM

FERGUSON

A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

LISBOA CIDADE DESCONEXA

(Continuação da pág. central)

troço final da Avenida da República.

Temos aí já as posições-chave tomadas por entidades publicas, o que deveria facilitar a operação: Câmara, M.º das Comunicações, com C. P. e camionagem, M. Educação Nacional e Obras Públicas com a até aqui chamada «cidade» universitária, etc.). Temos noticias de «urbanizações», integradas no Plano Director, para a zona do Rego que urge rever por não terem em conta a vocação direccional do sítio nem qualidade arquitectónica; até se poderia imaginar que uma obra da importância do anunciado viaduto ferroviário deveria integrar desde logo outras funções de ponte entre as duas margens da Avenida; como se poderia antever que o desenvolvimento urbano da zona da Av. 28 de Maio, permitiria integrar a cidade na Universidade e vice-versa, assegurando a Lisboa a possibilidade de realizar a baixo custo a solução que hoje se considera óptima — a interpenetração.

Apenas... falta a ideia-projecto e cada coisa mais que se for fazendo só o Espadinha tem o desplante de o afirmar publicamente...

entretanto, desconexa, (como aquele prédio da rotunda do C. Grande, como se a C. P. fizer a sua estação algures, as Comunicações a sua camionagem algures, a Câmara a sua boca do Metropolitano ali à esquina, os negociantes o seu prédio a dar para o passeio, o Estado dispersando os estabelecimentos de ensino, perdulàriamente e alugando por ai andares e mais andares a preços de especulação...), será mais um passo atrás. Uma cidade com escala quase europeia — isto é, uma cidade-região passando o milhão e meio — com um urbanismo de bengala à escala de mil oitocentos.

Os técnicos não têm o direito de não saber que há soluções para os problemas; os administradores não têm o direito de dizer que isso é «querer a lua» para entretanto deixar correr o marfim... O público, esse tem o direito de saber e de pedir contas da conta em que os cidadãos são tidos em todo esse processo.

Não será caso para o Ministério das Obras Públicas responsável pelo equipamento do território urbanizado, conduzir em colaboração com a municipalidade e o sector privado uma operação-piloto com este alcance, a partir de um concurso de ideias-projecto que revele novos valores ou confirme os que existem? Antes que fique comprometida, pela mesma demissão pública, essoutra grande operação que se anuncia — do prolongamento da Avenida da Liberdade, certamente muito menos justificada e cujo plano mostra para já, a par do mais alto custo, a maior banalidade — precisamente porque não é um eixo articulante de polos de vida concentrada. E, depois, daqui a poucos anos, passado o «efeito de diversão» em relação aos dramáticos problemas da cidade, já não haverá, espero, multidões para abrir a boca à vista de uma espécie de grande auto-estrada guardada por grandes blocos mais ou menos perfilados — a não ser de tédio.

(*) Um maior desenvolvimento destes conceitos e alguns exemplos característicos poderá o leitor mais interessado encontrar (perdoe-se-me a referência) no meu recente ensaio «A Cidade como Arquitectura».

NUNO PORTAS

CONCURSO INFANTIL «SETÚBAL E O MAR»

SETÚBAL, 17 — A valorizar ainda mais o programa das Festas de Setúbal, a respectiva Comissão proporcionou á juventude portuguesa a oportunidade de tomar parte na II Festa Nacional do Mar, oferecendo ás crianças até aos 14 anos um vasto campo de acção cultural que tem por finalidade a arte infantil e se subordina ao tema «Setúbal e o Mar».

Estarão presentes neste concurso trabalhos de desenho, aguarelas, guachos, tecidos, texturas, papéis recortados e colados, ceramica, mosaico e vitral.

Para efeitos de classificação e atribuição de prémios serão considerados dois escalões: até aos 11 anos e dos 11 aos 14 e os trabalhos de desenho, pintura e quaisquer técnicas não devem ser inferiores a 32x22 centímetros.

Além do nome os concorrentes devem indicar a idade e morada, o estabelecimento de ensino que frequentam, e enviar os trabalhos á Secretaria da Comissão das Festas, edifício da Camara Municipal, até ao dia 15 de Julho.

Grémio Nacional das Agências de Viagens e Turismo

Na sede do Grémio Nacional das Agências de Viagens e Turismo realizou-se, hoje, ao começo da tarde, o acto de posse dos novos dirigentes deste organismo. Presidiu, em representação do ministro das Corporações, o subsecretário do Trabalho e Previdência e a posse foi conferida pelo sr. conde Penalva d'Alva, presidente da Assembleia Geral cessante.

O elenco directivo do G. N. A. V. T. passou, portanto, a ser constituído do seguinte modo:

ASSEMBLEIA GERAL — Capristanos Turismo, Lda.; Agência de Viagens Reservotel, Lda.; Sociedade de Turismo Lusitania, Lda. e Empresa Martins — (Agência de Viagens e Turismo, Lda.).

CONSELHO GERAL — Agências de Viagens Irmãos Cunha, Lda.; Boa Viagem-Transportes; Bontur-Viagens e Turismo; Wagons-Lits;. E. Pinto Basto & C.ª, Lda.; Sociedade Comercial Zepa, Lda.

DIRECÇÃO — Agência de Viagens Nascimento, Lda.; Agência Universo; Igestur-Iniciativa e Gestão Turística; Mundial Turismo, Lda.; Turexpresso Sociedade de Fomento Nacional de Viagens e Turismo, Lda.; Agência Confiança; Agência de Viagens S. Cristóvão e Hotelcar-Investimentos Hoteleiros e Transportes Turísticos.

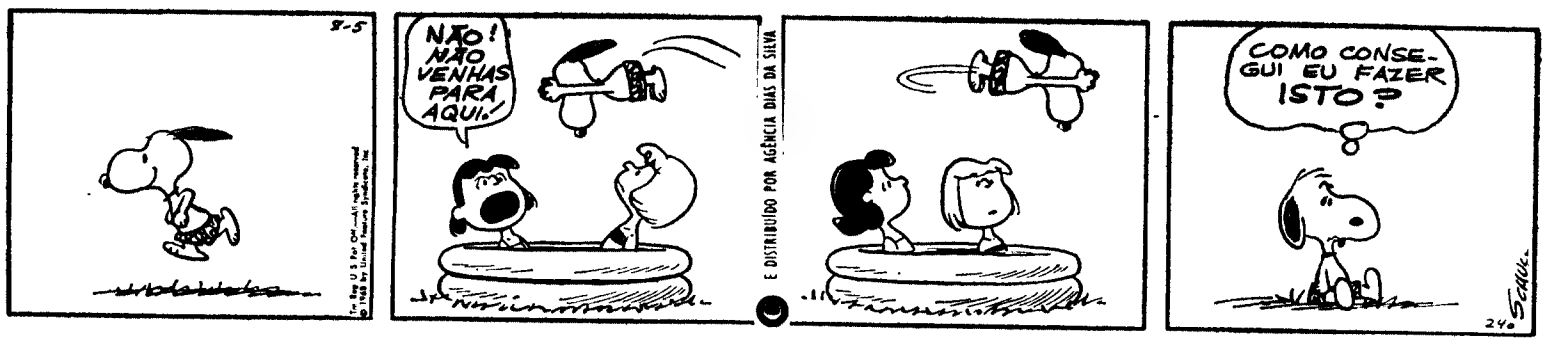
PARA CAMPISMO

VISITE UMA CASA ESPECIALIZADA

TECNICAMPO
UM SUPERMERCADO DO AR LIVRE
1.700 ARTIGOS DIFERENTES
37.800 PEÇAS EM STOCK

ABERTO AOS SÁBADOS ATÉ ÀS 19 HORAS
Avenida Almirante Reis, 44 — LISBOA — Tel. 53 82 87
(METRO ANJOS)

Os Peanuts



Carol Day

Aventuras do Tio Carlos

HÁ 30 ANOS

O «Diario de Lisboa» de 17 de Junho de 1939 publicava:

«VARSÓVIA, 17 — O «Pat» informa que se deram em 15 do corrente dois incidentes na fronteira polaco checa. Nos dois casos trata-se de violação da fronteira por guardas alemães, que deslocaram os postos indicadores da fronteira. Os polacos tornaram a pô-los no seu lugar e os alemães voltaram a insistir, mas sem resultado.»

«É POSSÍVEL DEIXAR DE FUMAR» — um ciclo de conferências

Hoje, ás 21 horas, decorre, na Rua Joaquim Bonifácio, 17, a primeira conferência do ciclo «É possível deixar de fumar. Liberte-se em cinco dias», promovido por iniciativa da revista «Saúde e Lar». Será pronunciada pelo dr. Samuel Ribeiro e tem por título «Que culpa terá o cigarro?».

Outras conferências decorrerão do dia 20 ao dia 24, sempre ás 21 horas, no mesmo local.

ANDARES

Vendem-se na Reboleira 4 boas ass tel 934613

Palavras cruzadas

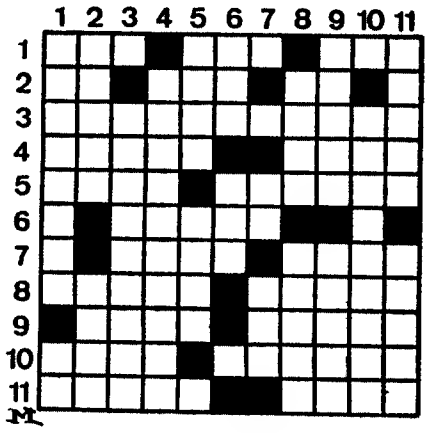
(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5209

HORIZONTAIS: 1 — Argola. Antigo navio á vela. Semelhante. 2 — Entre nós. Partiam. Pronome pessoal. 3 — Deixemos de todo. 4 — Esticado. Bolor. 5 — Cidade da Itália, na província de Piemonte, á beira do Belbo. Chegares. 6 — Relação dos livros condenados pela Igreja. 7 — O que. Nascida. 8 — Recuar. Pequeno patamar. 9 — Invulgar. Socorri. 10 — É obrigado. Venderam a crédito. 11 — Lavrais. Rasteira.

VERTICAIS: 1 — Cumprira. Oferece. 2 — Conheces. Supor. 3 — Dava feição já obsoleta. 4 — Aconselharei. 5 — Zero. Entregara. 6 — Patrão Volta. 7 — Nono Progenitor. 8 — Receia. Madrepérola. 9 — Ilha da Oceania, pertencente em parte a Portugal. Tolera. 10 — Desconsideradas. 11 — Planos. Acanhar.

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5208

HORIZONTAIS: 1 — Pores. Ilde. 2 — Rion. Edison. 3 — O. Fico. Sés. 4 — SEGURO. Fora. 5 — Plana. Tu. 6 — Sá. MORREU. 7 — Ré. DE. Ai. 8 — Poisar. Er. 9 — Versais. Clã. 10 — Aço. VELHO. 11 — Mas. Casuais.

VERTICAIS: 1 — Prosperavam. 2 — Ai. El. Eça. 3 — Ró. Gás. Prós. 4 — Enfunados. 5 — Ira. Eia. 6 — Eco. Siva. 7 — Ido. Tô. Ases. 8 — Li. Furar. Lu. 9 — Isso. Ri. Chá. 10 — Doer. Elói. 11 — Ensaburra.

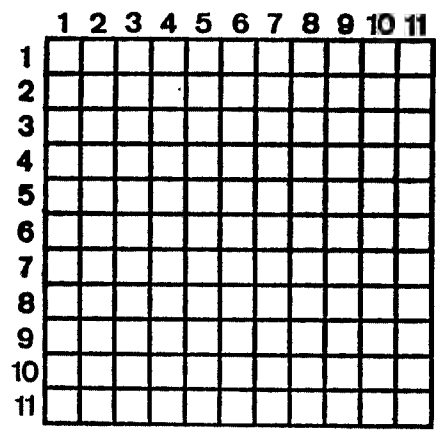
(Provérbio: O SEGURO MORREU DE VELHO).

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9052

HORIZONTAIS: 1 — Duzentos em romano. Cidade da Palestina. Aqui. 2 — Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho. Estreito. 3 — Fechar as asas para descer mais depressa. Aquoso. 4 — Hilota. Pequena bigorna de aço e sem hastes. 5 — Mistura. Calosidade. 6 — Gíria. 7 — Arrombo. Engonada. 8 — Gosto muito de. Equipar. 9 — Amotinava. Elemento que entra em algumas palavras com o significado de ar. 10 — Preparar com ópio. Consentimento. 11 — Ouro. Is. Irmão de Moisés. Em partes iguais.

VERTICAIS: 1 — Carepa. Hastim em forma de seta para cravar no cachaço dos touros. 2 — Disfarçam (fig.). Artigo indefinido. 3 — Apelido. Cilindro. 4 — Traça. Bolo de farinha de arroz e azeite de coco usado na Ásia. 5 — Cério (s. q. inv.º). Pega. Despacha. 6 — Pelos de certos animais. Rio da Prússia Oriental. Rio da Rússia. 7 — Autor dramático, jornalista e estadista português autor de «Eugénia Milton». Pedra de altar. Batráquio. 8 — Oceano. Corda de esparto. 9 — Porção de peixe que se vende em leilão. Estimes. 10 — Chiste. Ofereceria. 11 — Velho. Perfume.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9051

HORIZONTAIS: 1 — Er. Capa. Psi. 2 — Mónaco. Cria. 3 — Ta'o. Soer. 4 — Taco. Pérsia. 5 — Cri. Aal. 6 — Os. Seara. 7 — Par. Ria. 8 — Alegra. Pura. 9 — Dirá. Maga. 10 — Gama. Pégaso. 11 — Era. Vela. As.

VERTICAIS: 1 — Em. Tropa. Ge. 2 — Rota. Saldar. 3 — Naco. Reima. 4 — Colo. Grã. 5 — Aço. Cerra. 6 — Pó. Praia. Pé. 7 — Seira. Mel. 8 — Cor. Paga. 9 — Presa. Suga. 10 — Sínia. Raso. 11 — Ia. Aleta. Os.

CCN companhia colonial de navegação

PARTIDAS	DESTINOS
LINHA DE ÁFRICA	
«LUGELA» a sair em 23 de Junho	Com escala por Leixões para: PRÍNCIPE, S. TOMÉ, LUANDA, PORTO AMBOIM, LOBITO, MOÇÂMEDES e PORTO ALEXANDRE (se necessário). Carrega até 21 de Junho.
«PÁTRIA» a sair em 10 de Julho às 12 horas	Com escala prévia por Leixões, para: FUNCHAL, S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA. Carrega de 5 a 8 de Julho
«PORTO» a sair em 14 de Julho	Com escala por Leixões, para: S. TOMÉ (se necessário), LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA. Carrega de 9 a 13 de Julho.
«INFANTE D. HENRIQUE» a sair em 18 de Julho às 12 horas	Com escala por Funchal, para: LUANDA, LOBITO, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES e BEIRA. Carrega de 13 a 16 de Julho.
LINHA DA AMÉRICA CENTRAL	
«SANTA MARIA» a sair em 30 de Junho às 18 horas	Com escala por Vigo e Funchal, para: TENERIFE, PORT EVERGLADES (MIAMI), S. JUAN (PUERTO RICO), LA GUAIRA e CURAÇAU.
«SANTA MARIA» a sair em 9 de Agosto às 18 horas	Com escala por Vigo e Funchal, para: TENERIFE, LA GUAIRA, CURAÇAU, S. JUAN (Puerto RICO), e PORT EVERGLADES (MIAMI).

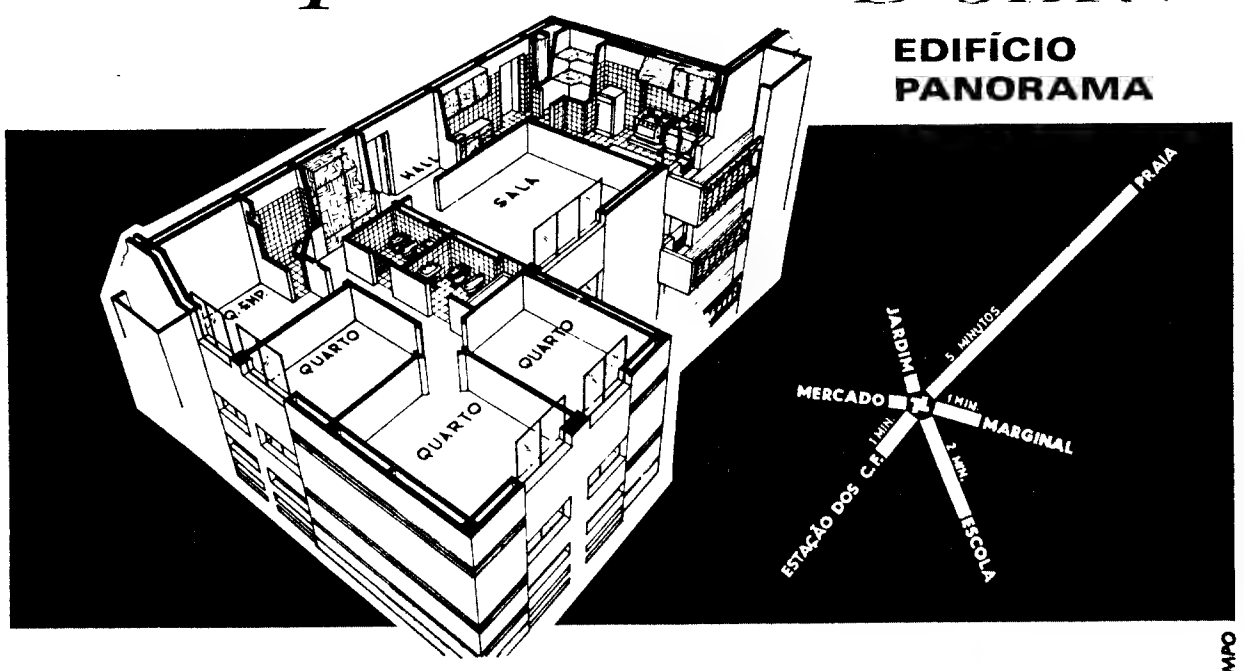
Chama-se a atenção dos Senhores Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens

LISBOA — Rua de S. Julião, 63 — Tel. 369621/8
PORTO — Rua Infante D. Henrique, 9 — Tel. 23342

FAEMARTIC O GELO EM CUBOS QUE DISTINGUE O SERVIÇO

UTILMÓVEL NA F.I.L. PAVILHÃO "E"

na Costa do Sol
o seu capital valerá o DOBRO



No centro de PAÇO DE ARCOS

AV. SENHOR JESUS DOS NAVEGANTES
(Junto à IGREJA NOVA)

Sem intermediários

PISOS DE EXCEPCIONAL ACABAMENTO
*
IMPECÁVEL CONSTRUÇÃO

PROPRIEDADE CONSTRUIDA PELO ENG CIVIL J J LUZ

1-TEMPO

FÉRIAS NO ALGARVE AO SEU ALCANCE...

excelente serviço de
Snack-bar e Restaurante
a preços normais
Bungalows para 2 pessoas/160$00

marcações pelos telefs.
156 39 praia da luz
36 91 52 em lisboa
motel da luz • praia da luz • algarve

Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: Rua do Carmo, 98-2.º — Telef. 32 65 19

Dr. Amaro d'Almeida — Medicina — Coração e pulmões — ás 18 horas.

Dr. Coelho de Castro — Cirurgia — Ossos e articulações — ás 18 horas.

Dr. Nelson de Figueiredo — Rins e vias urinárias — ás 16 horas.

Dr. Romão Loft — Doenças nervosas electroterapia — ás 14 horas

Dr. Carlos Vilar — Doenças das senhoras e coração — ás 18 horas.

Dr. A. de Barros Simão — Garganta, nariz e ouvidos — ás 16 horas.

O CHEFE DO ESTADO VISITA NA QUINTA-FEIRA O QUARTEL-GENERAL DO COMIBERLANT

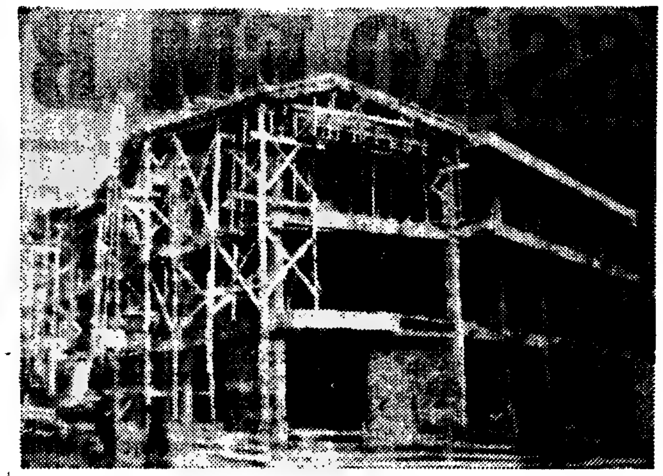
No âmbito das comemorações do 20.º aniversário da assinatura do tratado do Atlântico Norte, o sr. Presidente da Republica visita, na quinta-feira, ás 10 horas, o quartel-general do Comando da Área Ibero-Atlântica, provisòriamente em Rio de Mouro.

Acompanharão o Chefe do Estado os ministros da Defesa, do Exército e da Marinha, o secretário de Estado da Força Aérea, o subsecretário de Estado do Exército, o chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas, os chefes do Estado-Maior dos três ramos das Forças Armadas e os secretários-adjuntos da Defesa Nacional.

Na sala de conferências, onde o sr. almirante Américo Thomaz será recebido, o almirante Fluckey fará um discurso alusivo ao acto.

Almoço na Casa de Trás-os-Montes

Mais um almoço de confraternização regionalista decorrerá, no próximo sábado, na Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro. Ao preço de 70 escudos por pessoa, poder-se-ão apreciar, entre outros pratos, trutas de Boticas com batatas em molho especial e vitela assada á transmontana (recebida directamente de Montalegre).



Está concluída, desde há tempo, como se vê na gravura, a estrutura do edifício da futura sede da filial da Caixa Geral de Depósitos, em Bragança, ao cimo da Rua Almirante Reis, do lado direito, fazendo esquina para a Rua do Cemitério e o Largo do Toural. Ficará a ser, com geral agrado da população, um dos mais modernos e importantes imóveis desta cidade. O referido edifício, que vai da Rua Almirante Reis até á Rua do Conselheiro Emídio Navarro (vulgarmente Rua Nova, embora seja das mais velhas e abandonadas desta cidade!), ocupando uma área coberta de 600 metros quadrados e com uma altura de cerca de 11 metros, é constituído por caves, rés-do-chão e dois andares, onde ficarão modernamente instalados os serviços do referido estabelecimento de crédito

IMPORTANTES MELHORAMENTOS NA REGIÃO DE ÍLHAVO

ÍLHAVO, 17 — Decorrem com grande actividade as obras de aformoseamento da Praça D. Manuel Trindade Salgueiro em cujo piso, na parte central, serão colocadas placas de mármore. A Câmara mandou, também, proceder á demolição de um muro das traseiras do prédio que enfrenta o Largo do Novo Mercado, alargando esse recinto.

Ao que nos informam, o presidente do Município de Vagos, sr professor Ernesto Neves está a fazer diligências no sentido de se proceder ao arranjo da estrada da Lavandeira, na ligação para Ílhavo, e conta com o auxílio dos habitantes do lugar e do proprietário da carreira de camionetas e ainda com a colaboração da Câmara de Ílhavo. Trata-se de uma obra de alto interesse para os povos de toda a região.

Festa escolar

No Pavilhão dos Desportos houve um festival para encerramento das actividades circum-escolares dos alunos da Escola Técnica, com a presença do presidente da Câmara, do director escolar de Aveiro e de outras individualidades. Exibiu-se o Orfeão da Escola, houve números muito curiosos de folclore regional ginástica e desafios de basquetebol (iniciação), exibição das classes feminina e masculina. Dois alunos executaram números, de grande êxito, em acordeão.

A assistência, numerosa e entusiasta, aplaudiu calorosamente, em especial os números de ginástica educativa musicada, dirigidos pela professora sr.ª D Carminda Malho. A classe masculina de ginástica, dirigida pelo sr. dr. Alcino Couto, exibiu-se em saltos de plinto, com muito agrado

Complexo turístico na Ponte de Água Fria

Prosseguem activamente os trabalhos do estabelecimento na Ponte de Água Fria, nos limites dos concelhos de Ílhavo e Vagos, dum complexo turístico de grande nível. O terreno, de localização maravilhosa, terá 25 000 m²: 1200 para restaurante e quartos no alto da colina dominante; 5000 para parque de estacionamento de 200 carros; e 8000 para o parque de campismo

O ancoradoiro para barcos de recreio ficará junto á Ponte, do lado norte. Promover-se-ão circuitos turísticos pela Ria entre a Ponte de Água Fria e a praia do Areinho, com ramificações para o Canal Central de Aveiro e para a praia da Costa Nova.

Tem aumentado em ritmo notável a inscrição de novos accionistas dos mais variados pontos do País Por outro lado, está quase resolvido o problema da aquisição dos terrenos, dada a boa vontade e o bairrismo dos seus proprietários

Muito ferido num desastre de viação

Quando seguia no seu automóvel, pela estrada da Légua, o sr. Manuel Ladeiro Ferreira, de 20 anos, solteiro, natural de Oliveira de Frades e residente em Viseu, ao tentar desviar-se de outro veículo, que vinha em sentido contrário, atrapalhou-se e foi embater, violentamente, num muro, ficando muito ferido

Foi internado no Hospital Sub-regional. O veículo ligeiro sofreu grossas avarias.

Novo quartel

OLEIROS, 17 — Com a presença de muita gente de todo o concelho e sob a presidência do chefe do distrito, celebrou-se a cerimónia da colocação da primeira pedra para a construção do quartel da benemérita corporação dos Bombeiros Voluntários desta vila.

Bolsa de Lisboa

AS COTAÇÕES DO DIA ANTERIOR

FUNDOS DO ESTADO	Ltes	Compra	Vende
Consolidado 2 3/4%	—	520$	530$
Consolidado 3%	540$	538$	540$
Consolidado 3 1/2%	643$	642$	645$
Centenários 4%	—	1.520$	—
Obrig. Tesouro 5%	1.007$	006$	1.007$
Externo 1.ª Série	—	600$	—
Externo 1.ª Série c.	—	670$	820$
Externo 3.ª Série	—	—	900$
Externo 3.ª Série c.	—	—	920$
Cautelas 3.ª Série	—	—	200$
OBRIGAÇÕES			
Aguas Lisboa 5%	—	—	—
A P 1 5% 56	—	950$	970$
A P 1 5% 58	—	950$	970$
C P 4 1/2% 65	—	—	910$
C P 5 1/2% 67	—	—	—
C U F 6%	1 002$	002$	.005$
C U F 6% 68	020$	0 8$	.023$
Gas Elect 4% 48	860$	825$	—
Gas Elect 4 1/2% 51	—	825$	—
Gas Elect 5% 52	—	—	—
Gas Elect 5% 58	—	—	—
Gás Elect 5% 59	—	—	925$
Gás Elect 5% 62	—	925$	—
Gas Elect 5% 63	—	—	—
Gas Elect 5% 65	—	—	930$
Gás Elect 5% 67	—	005$	—
H E A Alentejo 5%	830$	825$	835$
H E Cávado 5%	—	—	—
H E Cávado 6%	—	0 7$	—
H E Douro 5%	—	—	855$
H E Douro 6%	1 0 3$	—	1.0 2$
H E Norte Port 5%	—	—	840$
H E S Estrela 6%	—	—	0 0$
H E Zêzere 5% 55	—	855$	865$
H E Zêzere 5% 57	—	855$	—
Lisnave 6%	1 000$	000$	0 0$
Metropolitano 4%	925$	—	935$
Metropolitano 5 3/4%	—	—	—
Moçambique 5%	—	—	—
Nac Electr 5%	850$	—	850$
Nitratos 5%	—	850$	—
Nitratos 5% 60	—	850$	—
Petroquímica 5%	—	900$	—
Port Celul 5%	—	—	—
Sacor 5% 54	—	—	945$
Sacor 5% 60	—	—	915$
Siderurgia 5% 2.ª	—	—	850$
Siderurgia 5% 3.ª	—	—	860$
Siderurgia 5% 4.ª	—	—	—
Sonete 5%	—	845$	900$
T A P 4%	—	—	—
Termoeléct Port 5%	—	—	—
U E P 3 3/4%	—	—	—
U E P 4%	—	—	—
U E P 4 1/2%	—	—	—
U E P 5%	—	82$5	83$5
U E P 5% 60	—	—	850$
U E P 5% 63	—	845$	870$
ACÇÕES			
Bancos			
Agricultura	1.155$	50$	1.160$
Alentejo	700$	698$	700$
Angola	2 280$	2 270$	—
Burnay	—	—	—
Créd Predial	2 650$	2 655$	2 670$
E Santo	—	—	—
E Santo n	—	—	—
Fonsecas S p.	—	—	—
L & Açores p.	—	5 350$	5 450$
L & Açores n.	—	—	—
P Atlântico p.	—	—	—
Portugal n	—	2.600$	—
Portugal p	—	3 200$	—
Totta Aliança	5 800$	5 800$	5 850$
Ultramarino n.	2.175$	2 175$	2.185$
Ultramarino p.	2 500$	2 490$	2 500$
Seguros			
Alentejo	75$	74$	75$
Douro	—	930$	1 200$
Mundial	525$	520$	530$
Sagres	—	1 300$	—
Tranquilidade	—	—	—
Ultramarina	—	12 000$	30 000$
Ultramarinas			
Açúcar de Angola	760$	760$	770$
Ag Cassequel	706$	705$	710$
Ag Incomati	—	—	—
Ag Neves	390$	350$	400$
Ag S Tomé e Príncipe	—	—	—
Boror	—	—	—
Buz	84$	83$5	84$
Cabinda	208$	207$	208$

Ultramarinas	Ltes	Compra	Vende
Diamantes Angola	1 540$	535$	1.545$
H E Revué	635$	635$	—
Ilha do Príncipe	—	—	—
Moçambique	120$	20$	2 $
Sonefe n	—	—	—
Sonefe p.	378$	378$	380$
Zambézia	82$	8 $5	82$
Angolana			
Diversas	1.7 0$	1 710$	1.720$
Cidla	—	—	—
Cim Leiria	—	—	—
Cim Tejo	—	970$	—
Co. Navegação	—	320$	1 350$
C U F	—	—	—
Na Aliança	—	—	—
Nac Navegação	2.300$	2 290$	2.3 0$
Petroquímica	—	570$	590$
Port e Colónias	—	3 660$	—
Port Celulose	1.230$	—	—
Port Pesca	—	920$	000$
Port Tabacos	—	—	5 300$
Sacor	1 460$	450$	470$
Siderurgia Nac	—	2 750$	—
Socel	—	—	—
Tabacos de Portugal	—	—	—
Tabaqueira	—	—	—
Azoto	—	405$	—
Água. Electr. e Gás	4 5$	4 5$	420$
Aguas Lisboa p	—	390$	—
Aguas Lisboa 34	—	580$	1.600$
Aguas Lisboa 36	426$	426$	—
Eléct Beiras	56$	—	56$5
Gás Electr	—	1.285$	1.290$
H E Alto Alentejo	1.285$	1 285$	1.295$
H E Cávado	—	—	3 0$
H E Douro	—	—	3 0$
H E Norte Portugal	—	1.750$	—
H E S Estrela	1 340$	330$	1 350$
H E Zêzere	—	1.370$	—
Nac Electricidade	1 375$	370$	1.377$
Termoeléctr Port	—	194$	96$
U E P			
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F I Atlântico	—	73$9	79$
D E S	—	14$	7$4

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65 100)

	9/6/69	12/6/69	16/6/69
ULTRAM.	123,9	125,1	**125,5**
GERAL	121,4	122,5	**122,9**
METROP	142,1	144,0	**144,6**

PAISES	Compras	Vendas
África do Sul		
— Rands de 1 e 2..	35$00	37$50
— Rands de 5 e 20...	36$00	38$50
América		
— Dollars de 1 e 2...	28$25	28$65
— Dollars de 5 a 000	28$40	28$80
Canadá — Dollar	26$20	26$70
Alemanha — Marco	7$05	7$30
Austria — Schilling	1$08	1$15
Brasil — Cruzeiro Novo	5$80	7$80
Espanha — Peseta	$40	$415
Holanda — Florim	7$75	8$00
Inglaterra — Libra	67$20	69$20
Itália — Lira	$04,45	$04,65
Marrocos — Dirhan	4$60	5$10
Bélgica — Franco	$51,5	$55
França — Franco	5$25	5$70
Suíça — Franco	6$55	6$75
Dinamarca — Coroa	3$65	4$00
Noruega — Coroa	3$80	4$10
Suécia — Coroa	5$35	5$65
Ouro:		
Inglaterra — Libra Isabel	350$00	365$00
Inglaterra — 1/2 Libra	260$00	280$00
Ouro fino — Barra	38$00	39$50

J. BURNAY, L.DA Notas estrangeiras Papéis de crédito
RUA DO OURO, 72 Tel. 821273

Necrologia

FALECIMENTOS

Carmindo Rodrigues Merca

Faleceu o sr. Carmindo Rodrigues Merca, de 62 anos, natural de Canas de Sabugosa, Tondela, enfermeiro-chefe dos Hospitais Civis de Lisboa (aposentado), casado com a sr.ª D. Aurora da Luz Merca e pai dos srs. Fernando da Luz Rodrigues Merca, António da Luz Rodrigues Merca e João da Luz Rodrigues Merca. O funeral, a cargo da Agência Salgado, realiza-se amanhã, ás 16 horas, da residência, Rua Marquês de Sá da Bandeira, 71, 4.º, dt.º para o cemitério de Benfica.

FUNERAIS

D. Margarida Machado de Almeida Lima

Da igreja de Benfica, onde foi celebrada missa de corpo presente, saiu, hoje, para jazigo no cemitério local, o funeral da sr.ª D. Margarida Machado de Almeida Lima que constituiu sentida manifestação de pesar.

Natural de Lisboa, contando 74 anos, a virtuosa senhora, viúva do sr. eng.º António José de Almeida Lima e filha do general Joaquim José Machado, antigo governador-geral de Moçambique e do Estado da Índia, era mãe das sr.as D. Maria Margarida Machado de Almeida Lima Lobo Antunes, casada com o sr. prof. dr. João A. F. Lobo Antunes, D. Maria Luísa Machado de Almeida Lima Falcão, casada com o sr. arquitecto Pedro Falcão e Cunha, e dos srs. drs. João Maria Machado de Almeida Lima casado com a sr.ª D Maria Isabel Monteiro Emauz Leite Ribeiro, e Joaquim José Machado de Almeida Lima, casado com a sr.ª D. Maria Henriette Nesbitti, irmã dos srs. comandante Álvaro de Melo Machado, Francisco Cardoso de Melo Machado, Álvaro Cardoso de Melo Machado, e cunhada do sr. prof. dr. Pedro de Almeida Lima e da sr.ª D. Maria João de Almeida Lima

João Dinis Nunes

Saiu, esta manhã, com grande acompanhamento, do quartel dos Bombeiros Voluntários de Queluz para o cemitério daquela vila o funeral do sr João Dinis Nunes, empregado bancário e presidente da direcção dos Bombeiros Voluntários de Queluz, que era muito estimado pelas suas qualidades. Natural de Lisboa, contava 67 anos

José dos Santos

PEDRÓGÃO GRANDE, 17 — Realizou-se para o cemitério de Tomar, com grande acompanhamento, o funeral do sr José dos Santos, também conhecido por José André, casado, construtor civil, natural da freguesia de Albiubeira, daquele concelho. Foi uma grande manifestação de pesar, em homenagem á memória do sr. José dos Santos, pessoa muito estimada pelas suas qualidades Era irmão do sr. Artur dos Santos, comerciante, casado com D. Maria de Jesus Bravo dos Santos, e da sr.ª D. Emília dos Santos, viúva; do sr. Luís Gonçalves, casado com a sr.ª D. Natália Jesus dos Santos e do sr. Paulino Elias Correia Simões David, casado com a sr.ª D. Maria Fernanda Santos David.

SUFRÁGIOS

D. Feliciana Varela Romeiras Lopes Tavares

Seus filhos participam que, amanhã, dia 18, pelas 19 e 15, na igreja de S. João de Deus, mandam celebrar missa do 2.º aniversário, pelo seu eterno descanso.

D. Berta Maria Dias Bispo Duarte Costa

Na igreja paroquial da Amadora celebra-se amanhã, ás 19 horas, missa de sufrágio, do segundo aniversário, por alma da sr.ª D. Berta Maria Dias Bispo Duarte Costa e mandada dizer por seu marido e filhos.

Canon
A MELHOR ÓPTICA FOTOGRÁFICA DO MUNDO
STAND 565 — F.I.L.

UMA PROFISSÃO EM BUSCA DE LEI

Agentes comerciais confiam ao «Diário de Lisboa» os problemas que mais afligem a classe

(Continuação da pág. central)

tabelecidos, que *compram* de uma futura valorização—nomeadamente através da criação de uma carteira profissional. Outra das suas aspirações—e não menor—é a integração no sistema de protecção previdencial e assistencial.

Consideram os membros da classe que a situação desregrada em que se encontram não só ofende o interesse dos profissionais como também não pode satisfazer as entidades com quem trabalham. Na verdade, essa situação anómala origina, por vezes, descontentamentos que os próprios agentes são forçados a reconhecer como legítimos. Para obstar aos inconvenientes óbvios da situação presente, pretendem os agentes comerciais que lhes seja concedida mais liberdade e a mais firme segurança, á custa que seja de maior responsabilidade, até porque não dependem de entidades patronais, mas se encontram vinculados a certas empresas por relações organicas de trabalho, em virtude de estarem delas dependentes na direcção do seu próprio trabalho.

Em face da evolução constante do comércio, julgam ainda os agentes comerciais que a sua actividade pode e deve alargar-se a campos mais vastos, através da aplicação de conhecimentos mais amplos.

Embora entre os agentes comerciais exista a consciência dos inumeros problemas que afligem a classe, só há doze meses se constituiu um «grupo de estudos», que já entrou em contacto com as esferas competentes, aí apresentando as suas aspirações e um plano de trabalho. A ausência de espirito da classe que parece evidente não é mais do que o reflexo da pulverização dos seus membros, repartidos pelos mais diversos ramos da actividade comercial. Ora, foi justamente para lutar contra esse alheamento que se constituiu esse «grupo de estudos», que não pretende representar a classe—já que para tanto não possui mandado—mas apenas procura congregar esforços para uma futura actuação.

Jantar para esclarecer

Essa comissão, constituida por alguns homens de boa vontade espontaneamente congregados, promove no próximo dia 27, na Casa do Alentejo, um jantar de confraternização, para o qual convocam toda a classe, a fim de apreciar os problemas comuns. Na base da reunião, estarão precisamente as perspectivas abertas pelo decreto n.º 48261, de 23 de Fevereiro de 1968 (conhecido como o Estatuto do Comerciante), que no seu articulado prevê a regulamentação da actividade dos agentes comerciais e das condições de acesso á profissão, bem como a sua disciplina.

No momento em que a legislação sindical portuguesa aparece alterada em certos pontos que a colocam a um nível mais europeu, parece que seria oportuno considerar o caso dos agentes comerciais—efectivamente uma profissão em busca da lei.

ACTIVIDADE FLUTUANTE

Sai o agente comercial a desenvolver a sua actividade. Os seus argumentos convencem grossistas, retalhistas ou exportadores a comprarem quantidade x de produtos que fábricas, armazéns, ou importadores têm para colocar no mercado. Mas basta que a entidade vendedora não esteja em condições de fornecer aquela quantidade x, mas sómente y, para que o agente veja substancialmente diminuído o seu ganho na operação.

Leca agregado ligeiro de argila expandida

fabricado brevemente em Portugal

por

argilex sociedade de argila expandida s.a.r.l

licença de fabrico para a Metropole e Ultramar da Leca(world) ltd de Copenhague

inicio da produção em Maio de 1970

produção anual.....150.000 m³

APLICAÇOÈS

1 isolamento termicò e terraços, coberturas e pisos terreos

2 betões ligeiros para enchimento de pavimentos

3 isolamentos de aviarios e estabulos

4 revestimentos refractarios de fornos, chaminés condutas etc

5 fabrico de paineis para paredes e lages de cobertura

6 fabrico de blocos:

ligeiros

resistentes

de grande isolamento térmico e acústico

de grandes dimensões (8 a 10 peças por m²)

nos tipos de:

face a vista colorado ou não

para receber estuque ou massa de areia directamente sobre a superficie

f.i.i. stand nº 289 - 291

argilex av. antonio augusto de aguiar, 150 F - 2ºesq - telef 47862

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

«AVENTURA» NO LUXEMBURGO

Joaquim Agostinho
—Ataques em massa fizeram-no «sucumbir»
Na classificação geral: 12.º lugar

Um ataque em massa, impiedoso, decidido, «feroz», movido pela «clã» europeia que se sentiu «ofendida» com o atrevimento do português desconhecido, que rompeu todas as normas de respeitabilidade e resolveu dar nas vistas — destruiu, ontem, numa estrada sinuosa do Luxemburgo o sonho maravilhoso de Joaquim Agostinho.

Não pôde o magnífico estradista, mal protegido por uma equipa frágil e desmembrada, suportar os sucessivos ataques que lhe foram movidos por todas as outras equipas.

O primeiro lugar na classificação geral tinha de provocar uma fortíssima reacção — aliás prevista pelo excelente ciclista em entrevista concedida ao jornal «A Bola» — de todos os outros ciclistas. Um português perdido numa «aventura» europeia, não poderia, necessàriamente resistir a verdadeira coligação de tanto adversário categorizado. Porque, vem a talhe de foice dizer que, entre outros, estiveram presentes no Luxemburgo, homens como Wagtmans, Vlaemuick, Peter Post, Lemans, Van Closter e outros.

*

Foi a etapa da manhã que decidiu tudo e fez com que Joaquim Agostinho perdesse cerca de 15 minutos, exactamente, 14 m 46 s. Aproveitando bem — a experiência a funcionar em conjugação tem muita força... — algumas sinuosidades do percurso todas as equipas desencadearam um ataque em forma lançando golpes sucessivos e poderosos que não deram qualquer hipótese ao ciclista português. Resistiu até ao limite, Joaquim Agostinho. Mas, no final, tinha perdido, irremediàvelmente, a «camisola» referente ao primeiro lugar.

*

À tarde, porém, o brioso e valente ciclista gravou bem a sua fibra e real valor. Reagindo de forma extraordinária á «débacle» da manhã, logrou vencer a última tirada, contra-relógio, com o tempo de 30 minutos e 12 segundos. Em 2.º lugar classificou-se o holandês Peter Post, com 30 minutos e 59 segundos; e em 3.º, outro ciclista da Holanda, René Pijnen, com 31 minutos e 20 s.

Um feito notável do ciclista português e altamente demonstrativo da sua verdadeira categoria — uma categora que o vai levar a disputar a «Volta á França», a prova em que só têm assento os «grandes» do ciclismo mundial. Como último apontamento: o italiano Boifava foi o vencedor da «Volta ao Luxemburgo», tendo-se classificado em 11.º lugar o português Joaquim Agostinho.

DR. SÁ LIMA
NOVO INSPECTOR DO DESPORTO UNIVERSITÁRIO

«Há que fazer muito neste campo. Há que esclarecer, consciencializar, fazer compreender. O melhor caminho para interessar os estudantes é o de contar com eles e confiar neles. Deverá ser-lhes entregue o maior número de funções de organização e terá de apelar-se largamente para a sua iniciativa». — afirmou o ministro da Educação, dr. Hermano Saraiva, ao conferir posse ao novo inspector do Desporto Universitário, dr. Sá Lima.

A cerimónia realizou-se ontem, ao fim da tarde, no gabinete daquele ministro, tendo a presença dos subsecretários de Estado da Administração Escolar e da Juventude e Desportos, além do director-geral dos Desportos, dr. Armando Rocha — que desempenhava também, anteriormente, o cargo em que foi agora empossado o dr. Sá Lima.

No seu discurso, o novo inspector do Desporto Universitário salientou que *«a percentagem de praticantes desportivos em relação ao número de alunos matriculados é desoladoramente diminuto»* pelo que, para além das condições materiais já existentes, muito haverá ainda a fazer.

Jackie Ickx
(vencedor em Le Mans) teve um acidente de viação...

PARIS, 17 — (A.N.I.) — O automobilista belga Jackie Ickx, co-vencedor das «24 horas de Le Mans», á velocidade de 360 quilómetros por hora, esbarrou com o seu automóvel pessoal num poste telegráfico, na estrada, ontem á noite, quando regressava á capital francesa.

Ickx, de 24 anos, teve de desviar-se repentinamente para evitar um pequeno carro que vinha na sua direcção, mas no embate apenas sofreu pequenos ferimentos e escoriações. Prosseguiu viagem para Paris no carro de uns amigos.

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

QUASE CERTO...

PEDRO
– DA CUF PARA O BENFICA

Está praticamente decidido: Pedro, o hábil futebolista do Grupo Desportivo da CUF, passará a representar o Benfica na próxima temporada. Em contrapartida, a colectividade barreirense passará a contar com três jogadores benfiquistas, sabendo-se que Costa Pereira sugeriu já os nomes de Pavão, Vítor Martins e ainda um outro não nomeado nas conversações que têm vindo a decorrer.

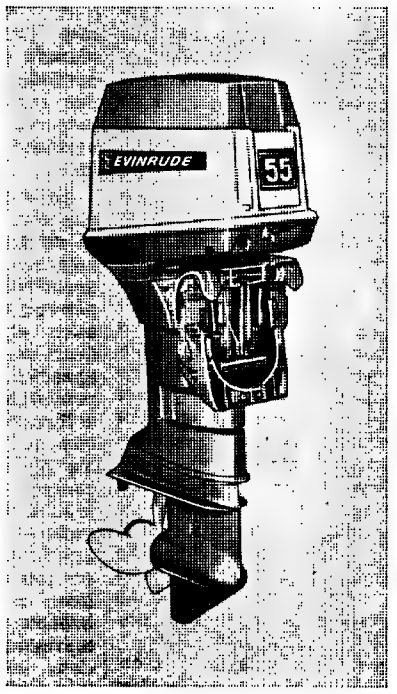
PEDRO

A HOMENAGEM A JOÃO HAVELANGE

Ao fim da tarde de hoje, o dr. João Havelange, presidente da Confederação Brasileira de Desportos e grande amigo de Portugal, parte para Bruxelas A sua presença em Lisboa, a convite do Ministério da Educação Nacional, foi de decisiva importancia para resolução dos ultimos pormenores sobre os próximos Jogos Luso-Brasileiros, que vão efectuar-se entre 16 de Julho e 3 de Agosto próximo em vários estados do Brasil.

Ontem, o dr. João Havelange foi alvo de significativa homenagem a que presidiu o subsecretário da Juventude e Desportos, dr. Elmano Saraiva e a que assistiram o director-geral dos Desportos, dr. Armando Rocha; os generais Kaulza de Arriaga e Pereira de Castro; o almirante Henrique Tenreiro e várias outras individualidades, além dos representantes dos órgãos de informação.

Os drs. Elmano Saraiva e Armando Rocha manifestaram o alto apreço pela acção do ilustre dirigente da C. B. D., enaltecendo quanto êle tem representado no estreitamento das relações luso-brasileiras. O dr Havelange agradeceu o convite que lhe foi feito, manifestando a sua satisfação por se encontrar, uma vez mais, em Portugal.



EVINRUDE
O poder da experiência

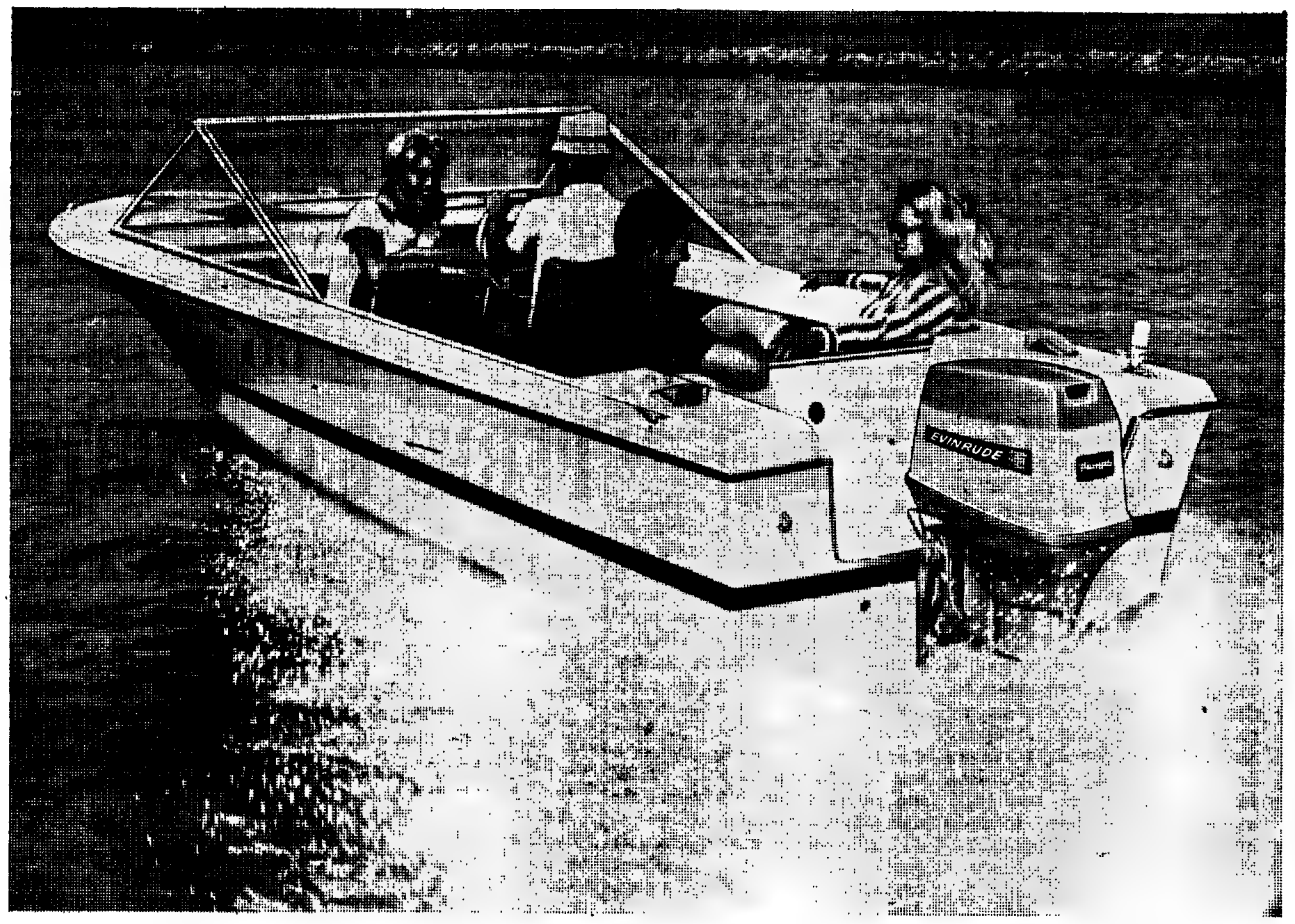
Tem um longo dia à sua frente — sabe que com o Evinrude de 55 CV faz o trajecto de ida e volta poupando ainda combustível. Isto porque é o motor de popa, na sua categoria, capaz de melhor rendimento com o menor consumo.

Pode voltar ainda a tempo de almoçar — o 55 CV permite todas as velocidades — tem a classe de um verdadeiro campeão e a sua capacidade, em força, é muito grande. Pode, por exemplo, rebocar alegremente, em «slalom» 3 ou 4 esquiadores — assim, todo o grupo esquiará em conjuntol Ao seu dispor ficará, ainda, uma reserva de potência.

Rochedos submersos? A facilidade de manobra, instantânea e sensível apenas com a ponta dos dedos, é uma das razões de preferência do Evinrude de 55 CV. E o seu novo comando de marcha torna as mudanças extraordinàriamente fáceis.

É revolucionário na sua concepção — o nosso primeiro motor de popa a adoptar o novo desenho da câmara de combustão, para limpeza dos gases de escape, com saída pelo cubo do hélice. O 55 CV está totalmente protegido contra a corrosão, em quaisquer condições. E beneficia ainda da famosa Garantia EVINRUDE e Serviço de Assistência após venda. Dirija-se ao Distribuidor Exclusivo: MENDES DE ALMEIDA, S. A. R. L. — Av. 24 de Julho, 52, A/G- Lisboa — Telef. 66 77 10.

João Filipe, com o seu Evinrude de 55 CV em acção, consegue o mais alto rendimento com o mais baixo consumo de combustível.



DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

RÂGUEBI: PELA BELEZA DO JOGO

JOGOS AO SÁBADO — ANTES DA «FESTA» ...E NÃO DEPOIS DA «FESTA»...

No remanso deste fim-de-semana algarvio veio-me á memória o ultimo jogo da época, final da «Taça de Portugal», pleno de ilações para quem tiver o gosto da análise.

Em primeiro lugar, o impróprio da quadra. Pensar-se que na loira e frígida Albion práticamente não se joga depois de Abril e que, entre nós, a época se arrasta ainda dentro de uma canícula pré-estival, como é habitual nos fins de Maio, faz-nos ver que algo não está certo. E não só pelo tórrido, e, por isso mesmo, pungente e impróprio condicionalismo que impera durante a hora e vinte que dura normalmente o jogo, como também pelas solicitações, absolutamente compreensíveis, que a praia começa a exercer e que, se não levam os rapazes uma vez por outra mesmo a faltar a um jogo, muitas vezes os tentam a um sábado de «mar e sol» com todas as suas consequências no rendimento do dia seguinte e causa frequente de acidentes musculares.

E ainda — e este argumento não será o menos válido — por tratar-se de uma época em que os praticantes, estudantes na sua enorme maioria, difícilmente podem conciliar esta condição, em altura de exames de frequência ou de intensa preparação para os finais, com as imposições de preparação e recuperação de um desporto duro e exigente como o raguebi. Aliás o ideal seria que a actividade oficial se encerrasse na Páscoa, deixando o 3.º período para entrega total ao estudo e actividades ludicas próprias da quadra, tais como o atletismo, a natação e outras sem os mesmos problemas de recuperação mas com o necessário contributo para o equilíbrio psicofisiológico dos jovens estudantes.

Raguebi é um desporto que conquista adeptos

ARTIGO DE

VASCO PINTO DE MAGALHÃES

Caberá aqui uma referência a um ponto por que me venho batendo há largos anos e que considero de suma importancia para o progresso do jogo. O facto é que sendo a noite de sábado tradicionalmente «de festa» para os rapazes que observam durante toda a semana horários escolares muito cheios, que lógicamente se iniciam cedo e exigem o aproveitamento das vésperas para estudo, está bem de ver o que o raguebi ganharia e os seus próprios praticantes se os jogos se disputassem, mormente para os os mais jovens, nas tardes de sábado, isto é, antes da festa *e não, como actualmente, nos domingos de manhã* depois da festa. *Isto explica muitas das faltas de comparência das equipas secundárias, a falta de cumprimento dos horários e programas estabelecidos e a irregularidade de exibiçõcs dos que não observam as devidas condições de repouso e outras antes das provas, o que tudo redunda em prejuízo do raguebi e dos seus praticantes. E a utilização das tardes de sábado teria ainda a vantagem de aumentar o rendimento do escasso numero de campos de que dispomos.*

A segunda nota de interesse é a patenteada pelo contraste entre as provas de tipo «Taça» — de «bota-fora», como se dizia nos meus bons velhos tempos — e as de tipo «poule» — «todos contra todos». Nestas, provas de regularidade, com margem de tempo suficiente para que se compensem precalços aleatórios, em obediência a uma certa «lei dos grandes numeros», é o «melhor do período» que vence sagrando-se como verdadeiro campeão; naquelas, cada jornada é por si só independente, sem possibilidade de rectificação das leis do azar e o vencedor final, foi o «melhor de cada jogo», geralmente um «out-sidder» que soube aproveitar parcelar e acumulativamente as vantagens que lhe foram oferecidas. Por isso penso que á «Taça» se devem manter todas as suas intenções de imprevisto e aleatoriedade: nada de cabeças de série ou de jornadas em duas mãos, tudo por sorteio, nomeadamente os campos, quando ambos forem retirados, entenda-se.

*

Foi evidente, para quem assistiu ao jogo, que, neste caso, uma perturbadora e estranha influência lhe alterou o normal resultado. Mas isto em nada diminui o Técnico, pois, na realidade, o seu grande mérito foi o de, valendo, em padrão de jogo e posto por posto, menos uma vintena de pontos do que o seu antagonista, se ter apresentado em campo dentro de um verdadeiro espírito «Taça», sem quaisquer complexos, e, inconformista, ter sabido aproveitar todas as oportunidades que lhe foram oferecidas pelo adversário... e pelo árbitro.

Foi também nesse espírito que, paralela e recentemente, em França o Bègles eliminou o Narbonne e bateu na final o Stade Toulousain, por 11-9, clubes que normalmente lhe são muito superiores como, aliás, se verificou uma semana depois na meia-final do «Béguère» em que o Stade esmagou o Bègles, por 21-3.

Seja-me permitido apenas um reparo ao jogo do Técnico: se a sua actuação como «spoiler» e a utilização sistemática de «contras» pode ser táctica certa num torneio como este, sobretudo em fim de época, a verdade é que vem ultimamente repetindo exibições deste estilo e é realmente pena pelo que já mostrou no passado e pelo que revela de atitude mental errada perante um jogo que o «all-black» Ch. Saxton, o maior estratego de todos os tempos, assim define lapidarmente no seu extraordinário «The ABC of rugby»: «rugby is an attacking game».

E é esta filosofia, aliás, que tem permitido ao C. D. U. L., mantendo todas as suas equipas dentro deste mesmo espírito, fazer continuamente a alimentação da sua equipa principal, sem quebras, antes melhorando continuamente o seu padrão e a alegria do jogo ofensivo.

E é muito difícil, realmente muito difícil, conservar-se uma equipa durante meia duzia de anos como «l'equipe à battre». Há que criar e manter «reservas nervosas» para utilização na melhor oportunidade, contra tudo e contra todos, pois é fenómeno sabido que, perante uma posição como a que o C. D. U. L. vem ostentando, todos espreitam o seu tropeço. E não há sadismo nisto, é um fenómeno de normal curiosidade: até quando...? Também é verdade que para além desta natural curiosidade se geram invejas, desconfianças e más vontades. O seu estendal é longo mas delas habitualmente não cuidamos.

O que é realmente certo é que disto resulta simultanea e paradoxalmente um embotamento pela monotonia dos acontecimentos e um desgaste nervoso por vezes de difícil recuperação. E' o caso do jogo anterior (Benfica-C. D. U. L.) em que de um resultado desfavorável de 3-8 ao intervalo, proveniente de natural saturação, se passa para um 29-11 no final do jogo. Isto não se faz sem «hemorragias», sem escoamentos do fluxo nervoso de tal monta que os «acumuladores» não se carregam numa só semana, sobretudo em fim de época. E, muito embora no jogo agora em apreço lhe pertencesse sempre o comando táctico-ofensivo do jogo, as jogadas do C. D. U. L., bem delineadas, foram as de uma equipa saturada e sem nervo: sem «finishing», na maioria das vezes por culpa sua, muitas por mérito do adversário e outras... por demérito do árbitro.

Este foi, tem sido e teme-se que continue a ser por muito tempo o problema n.º 1 do raguebi nacional. Sem árbitros que façam jogar o jogo dentro do seu espírito e verdade, como conseguir bons jogadores, e, sobretudo, boas equipas?

A um juiz impõe-se o ser visceralmente honesto e estar bem informado da matéria a julgar. A primeira condição é intrínseca e fundamentalmente selectiva; a segunda adquire-se, está mais ou menos ao alcance de uma inteligência mediana e a virtude está em apreender-lhe mais o espírito do que a letra, mormente nisto de dirigir um jogo tão largamente deixado ao arbítrio do seu juiz como é o caso do raguebi. Quando tal não acontece — e, salvo raras e honrosíssimas excepções, é a panoramica dominical do nosso jogo — a arbitragem é má e desvirtua o jogo, sempre com prejuízo daquele que planeia e tenta construir na verdade e em benefício do que vive das oportunidades, maçando e cansando o espectador conhecedor e atento.

Ao árbitro incumbe impor que seja observado o espírito do jogo e só interromper este se tal não se verifica, desvirtuando-o. Mas não impor-nos a sua presença mímica e, sobretudo, sonora. Costumo dizer que se pode apreciar uma arbitragem só pelo ouvido e não me refiro á forma de o fazer que também tem a sua importancia. Na realidade, se um juiz de campo exibe no findar do jogo a mesma ou maior frequência de apitadelas que exibiu no princípio, pode não ser um mau árbitro mas realizou com certeza uma má arbitragem. Não sendo um mercenário, um árbitro não deve considerar-se um polícia mas sim um amador — na verdadeira acepção do termo — que recebeu um convite para colaborar numa festa, festa campestre, á laia de animador; e porque «ama» a festa — se não tem ali nada que fazer — colabora com os outros intervenientes ajudando-os a interpretar os respectivos papéis. No princípio da festa explica e interrompe esta para voltar a explicar como é que no seu entender ela se deve desenrolar e, conseguido isto — cedo, se for «potável» — «integra-se na paisagem». Se o seu excesso de personalidade não lhe permite, ao abrigo da extraordinária «lei da vantagem» (regra 10, n.º 15) onde se expressa todo o conteudo da mensagem que deve receber, velar discretamente pelo êxito da festa, deve procurar um conjunto que necessite de um solista... de pífaro.

Sem discursos nem retóricas, tem que ser muito explícito nas suas decisões. E se assim for, não terá de apitar do princípio ao fim pelas mesmas razões ou sem razões incompreensíveis para o publico e, para cumulo, para os próprios jogadores. Até porque a insistência na mesma falta deve ser considerada comportamento grosseiro e como tal sancionada como mandar as leis (regra 33). E se assim tivesse acontecido, em condições «de verdade», seria concebível que o C. D. U. L., de longe a equipa mais evoluída e individualmente melhor informada, incorresse em infracções sancionadas pelo árbitro numa proporção que estou certo de não exagerar — embora não tivesse feito a respectiva estatística como tantas outras vezes — de um mínimo de 5 para 1? Algo de anormal se passou. O que seria?

*

Outro ponto curioso reside na cronometragem do jogo. É de facto que é o árbitro o seu unico cronometrista (regra 10, n.os 1, 5, 6 e 7). Mas isso não obsta a que outros o controlem e critiquem. Assim, no findar da primeira parte do jogo em apreço, o árbitro concedeu dois minutos para compensação de paragens: razoável. No 2.º tempo, para um conjunto de interrupções que não excederam 5 minutos, concedeu o árbitro mais 8 minutos de compensações! Isto é, foi exactamente ao 90.º minuto de um jogo que tem de tempo oficial 80 minutos que se deu a «bronca», o fantástico (no sentido de fantasia) ensaio com que o árbitro resolveu findar o encontro, sem mesmo esperar a respectiva tentativa de transformação como a lei determina (regra 10, n.º 14 m). Para quê? O vencedor estava encontrado... de 5-3 passava-se a 5-6.

E vale falar da «bronca» para esclarecimento de interessados honestos — de outros não curo. A jogada (?) conta-se assim: acossado pelos jogadores do C. D. U. L. postados ao ataque, um defesa do Técnico na sua área chuta a bola a qual é captada por um seu companheiro de equipa colocado 25 a 30 metros á sua frente (!), o qual, seguidamente, a pontapeia por cima do defesa do C. D. U. L. e, valorosamente, acaba por recuperá-la e marcar ensaio.

É extraordinário mas foi assim mesmo. Ouvi que a justificação estava no facto de a bola, na sua viagem, ter batido no braço de um jogador do C. D. U. L., o que poria automáticamente em jogo o jogador do Técnico. Tanto quanto se fixou na minha retina e me foi dado ver na televisão não me parece que assim tenha sucedido. Mas, mesmo que assim fosse, a lei neste caso interpreta muito fielmente o espírito do jogo quando condiciona o facto á «intenção», quer dizer, só se um jogador do C. D. U. L. tivesse tocado a bola «voluntáriamente» e não tivesse conseguido agarrá-la ou apanhá-la o jogador do Técnico teria ficado em jogo (regra 19, n.º 2, alínea c). E de tal modo isto é importante que nas regras inglesas a palavra INTENTIONALLY aparece em versaletes e nas francesas «voluntairement» em itálico.

De tal modo foi patente a «bronca» que o «capitão» do C. D. U. L. veio imediatamente perguntar-me se deveria protestar o jogo pois para todos era óbvia a procedência de um tal protesto. Atendendo porém a todas as razões já atrás passadas em revista, do adiantado da época, do mérito do Técnico em nada diminuído pela «distracção» do árbitro e porque é sempre muito pouco simpático ter de recorrer á Secretaria para resolver estes problemas, recusei. Que me perdôem os edulistas ter-lhes negado a possibilidade de uma nova tentativa da conquista de mais um título.

E quem tiver duvidas e quiser honestamente esclarecer-se não perca tempo em discussões, não terá mais do que ler as regras e rever o filme que a R. T. P. não deixará certamente de facultar. E isso seria certamente muito util para certos federativos, jogadores, árbitros e até cronistas — destes nem um só se apercebeu do caso ou referiu nas suas reportagens um facto de monta tal que mudou radicalmente o vencedor da Taça! — para um futuro melhor do nosso desporto, tendo sempre em vista «la beauté du jeu».

NOTÍCIAS DO FUTEBOL

PERES E O SPORTING

— CASO A RESOLVER PARA A SEMANA

Parece haver, desde já, acordo completo entre Peres e o Sporting. Tudo se conjuga, portanto, para que o conhecido «internacional» regresse á equipa «leonina» depois de um ano de ausência, em Coimbra.

No entanto o caso só será totalmente resolvido depois da final da «Taça». Nessa altura Peres ficará alguns dias em Lisboa a fim de serem ultimados todos os pormenores. De somenos, diz-se...

Também está tudo bem encaminhado entre Saporiti e o Belenenses. As negociações desenvolvem-se em pleno entendimento devendo o jogador argentino assinar com os «azuis» um sompromisso por três épocas.

■

Foi adiado para Julho, o curso de treinadores organizado pela Federação francesa e em que tomam parte os técnicos portugueses (designados pelo sindicato) Manuel de Oliveira, Orlando Ramin e Manuel Coelho Barros.

■

A final da «Taça de Portugal» terá inicio ás 17 horas, no Estádio Nacional.

PERES

CARTAZ DOS CINEMAS

ESTREIA DE HOJE
A RAPOSA — no Monumental

IMPÉRIO
(12 anos) Tel. 555134

OSCAR para o MELHOR FILME ESTRANGEIRO DO ANO!

Às 15.15 e 21.30

4.ª e ÚLTIMA SEMANA

O INCÊNDIO DE MOSCOVO — A VITÓRIA

3.º episódio de «GUERRA E PAZ»

70 m/m — Moscolor

ESTÚDIO
(12 anos) Tel. 555134

Às 15.30, 18.30 e 21.45

12.ª SEMANA

CHARLY

com

Cliff Robertson e Claire Bloom

EUROPA
(M 12 anos) Tel. 661016

Às 15.15 e 21.30

Um êxito que regressa em todo o seu esplendor

Um filme de **Joshua Logan**

3.ª SEMANA

NO SUL DO PACÍFICO

em 70 m/m

Mitzi Gaynar e Rossano Brazzi

SÃO LUIZ
(Adultos) Tel. 327172

As 15.15, 18.15 e 21.30

2.ª SEMANA

Uma comédia original e divertida com

Peter Sellers e Jocker Flint

A BORBOLETA VERMELHA

TECHNICOLOR

ALVALADE
(Adultos Tel. 763080

As 15.45 e 21.45

2.ª SEMANA

Uma comédia original e divertida com

Peter Sellers e Jocker Flint

A BORBOLETA VERMELHA

Technicolor

LIZ
(Adultos) Tel. 48560

As 21 horas

BOA NOITE SRA. CAMPBELL

MAROC 7

TIVOLI
(M 17 anos) Tel 50595

Às 3 e 6.15 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite

10.ª semana de um grande êxito que se despede

Alain Delon, Romy Schneider e Maurice Ronet em

A PISCINA

Um filme de **Jacques Deray**

MONUMENTAL
(M. 17 anos) Tel. 555131

Às 21.30 — ESTREIA

O mais adulto filme que o cinema nos deu até hoje

A RAPOSA

com **Sandy Dennis e Keir Dullea**

MUNDIAL
(M 12 anos) Tel. 388743

As 18.30 e 21.30

David Niven, Shirley McLaine e Cantinflas no espectacular filme baseado no famoso livro de Júlio Verne

A VOLTA AO MUNDO EM 80 DIAS

uma fabulosa aventura vivida por **44 grandes artistas**

Metro: **Estação Picoas**

ODEON
(12 anos) Tel. 326283

15.15 e 18.15 (p. r.) e ás 21.30

2.º MÊS SENSACIONAL!

8.ª SEMANA DO FABULOSO ÊXITO DE GARGALHADA

BONANÇA & C.ª

com **Eugenio Salvador, Nicolau Breyner, Mariema e outros consagrados artistas.**

CONDES
(17 anos) Tels. 322523-326710

As 15.15, 18.15 e 21.30

Elizabeth Taylor e Laurence Harvey numa apaixonante história de amor

O NÚMERO DO AMOR

a mais desejável mulher da cidade e a mais difícil de encontrar

CHIADO TERRASSE
(17 anos) Tel. 320917

As 21 horas

UM PERIGO EM CADA ESQUINA

A MARCA DO VINGADOR

IMPERIAL
(M. 12 anos) Tel. 45933

OS CANHÕES DE NAVARONE

3 ESTAROLAS NUM HARÉM

SÃO JORGE
(M 17 anos) Tel. 54153

As 15.15, 18.15 e 21.30

Uma espectacular super-produção

A CAMINHO DE OREGON

com **Kirk Douglas, Robert Mitchum e Richard Widmark**

ROMA
(17 anos) Tel. 727778

As 21.45

Um crime enigmático lança o inspector (Maigret) no mais difícil e perigoso dos seus inquéritos

MAIGRET E O ESPIÃO

c/ **Heinz Rubmann e Françoise Prévost**

EDEN
(Adultos) Tel. 320768

As 15.15, 18.30 e 21.45

BALADA PARA UM PISTOLEIRO

Um «WESTERN» de classe invulgar e grande realismo em **Eastmancolor e Ultrascope**

POLITEAMA
HOJE, ÀS 15.15 Tel. 326305

MATINÉE PARA CRIANÇAS

(MAIORES 6 ANOS)

AVENTURA NO JAPÃO

com **Teresa Wright e C. Mitchell**

HOJE, às 18.15 e às 21,30

(M. 12 ANOS)

CANTINFLAS na SUPER-FARSA

ENTREGA IMEDIATA

(O espia X-UI-777)

VOX
(Adultos) Tel. 720808

As 15.15, 18.30 e 21.45

Gargalhada permanente com **Bob Hope** na história de um pai em apuros

VIÚVO... MAS ALEGRE

com **Jill St. John, Shirley Eaton e Phyllis Diler**

RESTELO
(M. 17 anos) Tel. 610375

Um dos mais sensacionais roubos da história

OURO DE LONDRES

com **John Karlsen e Jeanval Mont**

ESTÚDIO 444
(M. 12 anos) Tel. 779095

As 18.30 e 21.45

2.ª SEMANA

A obra-prima de **Vittorio de Sica**

MILAGRE DE MILÃO

A maravilhosa fábula dos pobres

AVIS
(Adultos) Tel. 47163

As 15.30 e 21.45

EM 3.ª SEMANA

A mais expressiva obra do cinema italiano

FILHOS DE NINGUÉM

com **Amadeo Nazzari e Yvonne Sanson**

LIDO
(12 anos) Tel. 937593

As 21.30

Um filme policial e de mistério

O SEGREDO DE BILL NORTH

com **Hugh O'Brian e Cyd Charisse**

CASINO ESTORIL
(17 anos) Tel. 260729

As 21.30

A Companhia de Teatro «Gente Sem Nome» apresenta

UMA MULHER E O MESMO HOMEM

de **Tomás Ribeiro Colaço**

com **Maria Feio, Humberto Anjos e Carlos Canduzeiro**

BOM APETITE

XANGAI
Av. Duque de Loulé, 20-B
Telef 5 73 78
(frente à Embaixada Americana)
ESPECIALIDADE DIÁRIA
CARNE DE PORCO ACRE E DOCE e o célebre arroz CHAO CHAO

VIRIATO
RESTAURANTE
CERVEJARIA
SNACK-BAR
COZINHA PORTUGUESA
Rua Tomás Ribeiro, 55-57
(Aberto até 6s 2 h)
Telefone: 53 07 58

NOVO RESTAURANTE E SALÃO DE CHÁ NO POSTO SHELL EM
AZEITÃO
ESTRADA LISBOA - SETÚBAL
Telef. 22 82 44
LOCAL APRAZÍVEL PARA ALMOÇAR E TOMAR CHÁ

MONTE ALTO
Rua Filipe Folque, 10-B-C-D
Telef 51005
TODOS OS DIAS PRATOS VARIADOS
SERVEM-SE BANQUETES
LANCHES DE CASAMENTO

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef. 790211 (M/ 15 anos)
aos sábados e domingos
JANTARES DANÇANTES
c/ conjunto privativo

COZINHA ALENTEJANA
Serviços de almoços no jardim
Encerra ás 2.as-feiras
Av. do Aeroporto, 162
Telef. 72 70 71

APÓS AS REFEIÇÕES — CHAVE D'OURO — O MELHOR CAFÉ

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

TRINDADE — Às 21 e 30: Amélia vai ao baile (12 anos)
LAURA ALVES — Às 20 e 45 e 23 h: «Pepsie» (17 anos).
VASCO SANTANA: Às 21 e 45: Anatomia de uma história de amor (12 anos).
CAPITÓLIO: Às 22 h: O segundo tiro (17 anos).
VILLARET — Às 21 e 15: Black-Out (17 anos).
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 15 e 23 h: Mãos á obra (17 anos).

CINEMAS

OLIMPIA — Às 19: «Tarzan, filho das selvas» (12 anos).
CINE-ORIENTE — Às 21: «Testa de ponte» (12 anos)
ROYAL — Às 21: «A máquina do crime» (17 anos)
PARIS — Às 21: «O desconhecido desejado» (17 anos)
IDEAL — Às 2 : «Arizona Colt» (17 anos).
ARCO ÍRIS — Às 21: «Por um punhado de dólares» (17 anos).
MOSCAVIDE — Às 21: «Carabinas inimigas» (12 anos).
CINEARTE — Às 21: «Morto ou vivo» (17 anos)
SPORT LISBOA BENFICA — Às 21 e 15: «O visconde não perdoa» (17 anos).

● Linha de Cascais

OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «Jogos perigosos» (17 anos)
PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «O dia e a hora» (17 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 17 e 21 e 30: «Uma mulher e o mesmo homem» (17 anos); CINE-ESPLANADA — Às 21 e 30: «O incompreendido» (12 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Os ossos do ofício» (17 anos).

● Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «A roleta da morte» (17 anos).
MEM-MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30: «Luta inglória» (12 anos)

● Outra Banda

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «007 1/4 e os Bikinis de Ouro» (17 anos)

NOTÍCIAS DOS ESTÚDIOS

■ **Ainda a respeito do filme de que é protagonista, «L'Ardoise», disse Salvatore Adamo que gostava no cinema das personagens poéticas e que não estava disposto a interpretar cenas eróticas.**

■ **O actor Don Ameche vai interpretar, em Hollywood, o seu terceiro filme em vinte e um anos. No começo da sua carreira, nos anos 30 e 40, interpretou trinta e cinco películas em nove anos. Foi a figura principal em filmes como «Happy Landing», «Os Três Mosqueteiros» e «A Vida de Graham Bell» (o inventor do telefone), um papel que lhe deu grande notoriedade. Houve até uma geração de comediantes que fazia rir o publico ao chamar ao telefone «O Ameche».**

■ **O concurso de cinema amador para a disputa do «Troféu Istria» tem por finalidade a divulgação das belezas naturais de Istria e da costa Dalmata e a valorização de tradições, paisagens e monumentos. As películas, de oito milímetros, serão examinadas por um juri composto pelos críticos Carlo Ventura, Guido Miglia, Sergio Brossi e Giovanni Delise, no próximo mês de Outubro.**

■ **O filme «Justine», com a actriz Romina Power, em programação numa sala cinematográfica de Lodi, foi apreendido por ordem do procurador da Republica, Francesco Novello, por motivo de «perturbação do sentimento comum do pudor e da moral».**

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno D

AJUDA — Mendes Gomes, Calç. da Ajuda, 222 (638256) ✻ Tapada, Lda., Calç. da Tapada, 83-A (634721).
ALCÂNTARA — Ester Nogueira, R. de Alcântara, 5-A (637563)
ALMIRANTE REIS — Lusa, Av. Almirante Reis, 99-A (41269) ✻ Romano Baptista, R. Passos Manuel, 6-C (50593) ✻ Magalhães, Av. Almirante Reis, 4-D e 4-F (49479)
ALTO DO PINA — Dalton, Av. Mouzinho de Albuquerque, 7-A (ó Pr. Paiva Couceiro) (843571).
ALVALADE — Líbia, Av. da Igreja, 4-B-C (7[illegible]68) ✻ Nova Iorque, Av. Estados Unidos da América, 140-B (junto a Entrecampos, (760658)
AMOREIRAS — Amoreiras, Praça das Aguas Livres, 8-D (681515).
AREEIRO — Marbel, Av. de Roma, 3-A (776235) ✻ Lusitana, Avenida de Roma, 18-A (735443) ✻ Chinde, R. Agostinho Lourenço, 6-B (710331).
AVENIDAS NOVAS — Lungenit, Avenida da Republica, 55-A (772132) ✻ Providência, R. D. Filipa de Vilhena, 9-C (frente ao Bairro Social do Arco do Cego (770324) ✻ Só da Bandeira, R. Marquês Sá da Bandeira, 36-42 (4 96..-54672) ✻ Oliveira Viegas Rua Viriato, 29-A (48966-55360).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Zira, Casas Novas, lote 66 (310172)
BAIXA — Simões Pires, Rua da Prata, 115 (362350)
BENFICA — Benfiluz, E. de Benfica 444-A (782606) ✻ Alegria, Estrada de Benfica, 80-A-B (7805[illegible] ✻ Progresso, Estrada A-da-Maia, 64-C (702226) ✻ Macedo, Est. do Poço do Chão, 69-C (703697)
CAMINHOS DE FERRO — Cruz de Malta, L. Chafariz de Dentro, 36 (866126)
CAMÕES — Andrade, R. do Alecrim, 125 (322328-323446).
CAMPO DE OURIQUE — Linaldo, R. Ferreira Borges, 30 (660955) ✻ Findar, R. D. Maria Pia, 514 (687949).
CAMPO DE SANTANA — Peninsular Campo dos Mártires da Pátria, 17-18 (553308).
CAMPOLIDE — Ronil, R. Rodrigo da Fonseca 53 (683438) ✻ Zénel, Rua A 82 (Bairro da Liberdade 65 840) ✻ Nova, R. de Campolide, 297 (687475).
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Madre de Deus, R. do Margem, 58 (ao Bairro do Grilo), (382470) ✻ Zema, R. General Justiniano Padre Z (832580).
ESTEFÂNIA — Fonseca, Largo de D. Estefânia 4[illegible] 54808)
GRAÇA — Almeida Dias, Largo da Graça, 38-A-39 (862909) ✻ Higiénica, R. Heliodoro Salgado, 20-A (84436).
LUMIAR — Patutela, R. do Lumiar, 122 a 124 (790332) ✻ Douro, Alam Linhas de Torres, 93-A-B (79[illegible]
MADRAGOA — Moderna, R. Garcia de Orta, 24 (663117).
MOURARIA — Ferrão, R. da Mouraria, 12 (860464)
ESTRELA E LAPA — Alb, R. de Santano à Lapa, 56 (663562)
OLIVAIS — Simão Av. de Berlim, Rua D, [illegible], 6-A (310581).
PALHAVÃ — Canto, Est. dos Laranjeiras 202-B (780841).
PEDROUÇOS — Higilux, R. de Pedrouços 50-52 (610280).
PICHELEIRA — Marluz, Calç. da Picheleira 40 B-C (720703) a 728395)
S. PAULO — Marcos do Nascimento, Calç. Marquês de Abrantes, 36-A (664238)
SANTO AMARO — Botânica, Rua da Junqueira 38-40 (638132)
SANTA MARTA — Morais Sarmento, R. de Santa Marta, 15-A, 15-B (46490)
Sé — Santa Luzia, Rua da Saudade, 2-B (869831)
MOSCAVIDE — Varela, Av. Moscavide, 44 (Te. 25 8520).

● Linha de Cascais

ALGÉS — Almeida Nito — Av. Comb. G. Guerra, 54 (T. 212070)
CAXIAS — Nova, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (242839)
PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás, R. Costa Pinto, 82 (2432034)
OEIRAS — Godinho, Rua Candido dos Reis, 98 (2430090).
PAREDE — Brandão, Av. da República, 77-C (2471054)
ESTORIL — Sapadores dos Santos, R. Ferreira J. A., 15 (260 61).
CASCAIS — Cordeiro, Av. Comb. G. Guerra, 40 (280170)—Nova, Estrada de Alvide — Fontainhas (281044).

● Outra Banda

ALCOCHETE — Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 19 — (234100).
ALHOS VEDROS — Gusmão, Rua Cândido dos Reis, 30 (224020)
ALMADA — Castro Rodrigues, R. Capitão Leitão, 21-A (270076)
BAIXA DA BANHEIRA — Aliança, Est. Nacional, 174 (224302)
BARREIRO — Normal, Av. Alfredo da Silva, 116 (Tel 2273035)
COVA DA PIEDADE — Império — R. Cabo do Boa Esperança 3-A (274356).
MOITA — Silva Rocha, P. da República, 6 (239029)
MONTIJO — Moderna, R. Bulhão Pato, 60 (230 56)
SESIMBRA — Lopes, R. Cândido dos Reis, 67 (229028).
SETUBAL — Costa, Largo da Misericórdia (Te. 22160) Brasil, P. do Brasil (Te. 24788
SEIXAL — Godinho, [illegible] de Greia, 5 (22 8580

● Linha de Sintra

AMADORA — Dias, Av. Marquês de Pombal, Lote 1 (934589) — Campos Rua Elias Garcia, 85, (930072) — Clabel — R. António Sardinha, 23-D (938551).
DAMAIA — Damaia, [illegible] Alexandre de Gusmão 9-A (970523).
QUELUZ — Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (950 71) ✻ Simões Lopes, Av. Elias Garcia, 5 — (950123)
CACÉM — Central, R. Elias Garcia, 55 (Te. 2340034)
MEM MARTINS — Quimia — Est. Mem Martins, 295 (Tel 291002)
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel 980456)
SINTRA — Misericordia, Largo dr. Gregório de Almeida 2 (Telef. 980391)
VENDA NOVA — Nova, R. Elias Garcia, 9 (933920)
COLARES — Colares Abreia (Tel. 299088).

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

ÁGUA, GÁS e ELECTRICIDADE — Companhia das Aguas 361353 ✻ Companhias Reunidas, 537011 ✻ Gazcidla 538821 ✻ Gazcidla (dom. e feriados) 382069.
BOMBEIROS — Sapadores 322222 ✻ Voluntários 538524
POLICIA e G. N. R. — Serviço de emergência, 115 ✻ Segurança Publica, 366141 ✻ Judiciária, 535380 ✻ Marítima, 326456 ✻ Internacional, 362721 ✻ Viação e Trânsito, 42205 ✻ G.N.R. (área rural), 36865
SAÚDE — Cruz Vermelha, 665342 ✻ Enfermagem permanente, 766161 ✻ Enfermagem de urgência, 43738 ✻ Hospital de Santa Maria, 775171 ✻ Hospital de S. José, 860131 ✻ Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169 ✻ Transfusões, soros e oxigénio, 538524 ✻ Centro de Intoxicações (informativa), 767777 761176 e 763456.
TRANSPORTES — Aeroporto, 720111 ✻ Caminhos-de-ferro (C. P.), 869029 ✻ Caminhos-de-ferro (Estoril), 361121 ✻ Estação fluvial (T. Paço), 325345 ✻ Estação Marítima de Alcântara, 663195 ✻ Estação Marítima da Rocha, 672445 ✻ Estação fluvial (Belem), 638531.

Diário de Lisboa

DL

Propriedade de
Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Editor: João C. de Sá
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Publicidade 3 42 21
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

NÃO HÁ ÁGUA PARA BEBER (DESDE SEXTA-FEIRA) EM OLIVAIS VELHO

— *Queremos a este chafariz como as meninas dos nossos olhos* — diz-nos uma moradora de Olivais Velho. — *Mas desde sexta-feira que o chafariz não nos serve de nada, não deita nem pinga de água...*

É verdade. O chafariz de Olivais Velho, ali ao oriente de Lisboa, ali para os lados donde o sol nasce (embora, ao que parece, não nasça para todos) avariou-se na sexta-feira. Terá rebentado a conduta de água, esta borbulha na base exterior da parede do chafariz, faz um charco, uma fonte de chafurdo, onde, desde sexta-feira o povo se abastece.

O povo, em rigorosa bicha diante do charco, queixa-se da sua sorte. Apesar de todos os sacrifícios, aquela água não serve para beber. Agua boa têm de ir buscá la ao pé da estação, cerca de um quilómetro de marcha penosa. Dali, do charco, levam a indispensável para a limpeza e para outros gastos. Contam que na sexta-feira foram visitados pelo pessoal da Companhia das Aguas. Disseram-lhe que o caso era com a Camara.

— *Telefonámos para a Camara vezes sem conto* — relata-nos um morador de Olivais Velho. — *Mandaram-nos de secção para secção e no fim acabam por nos informar que não sabem ainda quando podem vir reparar isto. É claro que se fosse num bairro elegante, a Camara ia logo, mas como é a gente...*

O chafariz agora *desempregado* foi construido em 1891. Situado a meio da Praça da Viscondessa, o povo rodeia-o de carinhos especiais, evidentes nos enfeites de palma, balões e bandeirinhas de papel de que o povo o rodeou nesta época dos festejos dos santos populares.

Ali se realizou já um imponente baile em honra de Santo António. Mas o santo lisboeta que consertava as bilhas das raparigas, tem-se mostrado impotente para consertar o chafariz do povo de Olivais Velho... Também ele dirá, e com razão, o mesmo que disse a Companhia das Aguas: o problema é da responsabilidade da Camara...

...Entretanto, há cinco dias alguns milhares de pessoas não têm água para beber nesta Lisboa do século XX. Os moradores de Olivais Velho aguardam já impacientes, a solução de um problema que nenhum bailarico consegue fazer esquecer. Oxalá os santos populares metam uma cunhazinha na Camara Municipal, tão devota deles.

A «miss» luso-americana ao desembarcar na Portela

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal Continental o céu estava geralmente muito nublado; o vento era fraco do quadrante oeste; chovia ou caíam chuviscos em alguns locais para sul do rio Tejo.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, 18°,5; na água do mar, 18°.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Tavira, 24°,2; mínima: Penhas do Saude, 3°,8.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Nas regiões do Norte e Centro, céu muito nublado e vento moderado de sudoeste; agravamento temporário do estado do tempo, a partir da noite de hoje, com períodos de chuva e vento por vezes forte de sudoeste.
Nas regiões do Sul, céu geralmente pouco nublado e vento fraco ou moderado dos quadrantes de oeste.

Amanhã
Nascer ás 06 e 12
Ocaso ás 21 e 05

Dia 23 Dia 29 Dia 6 Dia 14

MARÉS:

PREIA-MAR: Dia 17 — 6 e 45 (3,5 m); 17 e 58 (3,8 m). Dia 18 — 6 e 20 (3,4 m); 18 e 32 (3,7 m). Dia 19 — 6 e 57 (3,4 m); 10 e 10 (3,6 m); BAIXA-MAR: Dia 17 — 11 e 08 (1,2 m); 23 e 40 (1,2 m). Dia 18 — 11 e 45 (1,3 m). Dia 19 — 0 e 17 (1,2 m); 12 e 22 (1,3 m).

O dr. Mário Soares fala hoje no Congresso da II Internacional em Eastbourne

Em Inglaterra encontra-se reunido neste momento o Congresso da II Internacional Socialista, com representantes de todos os partidos e movimentos socialistas do Mundo. Convidado a participar nessa reunião partiu para Londres o dr. Mário Soares, juntamente com o dr. Gustavo Soromenho.

O Congresso da II Internacional Socialista efectua-se em Eastbourne, desde há dias, nele tendo usado já da palavra homens políticos como Harold Wilson, Willy Brandt, George Brown, Papandreou e a sr.ª Golda Meier.

O dr. Mário Soares foi também convidado a falar na reunião, devendo subir á tribuna na sessão desta tarde. Por informações recebidas de Londres, sabemos que a importante reunião tem tratado de alguns dos principais problemas políticos mundiais.

Podemos lembrar que em Lisboa esteve há dois anos o secretário da II Internacional Socialista, sr. Albert Carthy, tendo-se avistado com algumas das principais figuras do movimento socialista português.

Além dos drs. Mário Soares e Gustavo Soromenho, sabemos também que outros socialistas portugueses ali se encontram.

Preso um larápio da zona do Lumiar

José Rodrigues dos Santos, larápio de galinaceos, carneiros e pombos - correios, bem como de telefonias e acessórios de automóveis, foi capturado por agentes da P. S. P. da esquadra do Lumiar.

Interrogado, o homem disse não agir sózinho: acompanhavam-no nas proezas máis dois indivíduos—o «Chitas» e o «Minhocas».

— Encontrá-los ainda não nos foi possível — informou aquela esquadra.

As investigações prosseguem.

Uma semana em Lisboa para a «miss» açoriana que mudou de nome

Ganha-se bem a vida nos Estados Unidos. Mas também se pode perder o nome de baptismo.

Mary Jane Enos, a luso-americana de 23 anos que hoje desembarcou no aeroporto com a mãe e um título de beleza (*«Miss Portuguese Society Queen Sta. Isabel»*), saiu em 1955 do Faial para os «States». Chamava-se então Maria Regina Inácio: a tradução foi rápida.

— *Estou muito contente, muito contente. Tudo isto ainda me parece um sonho* — balbuciou a ex-açoriana, misturando já vocábulos ingleses na língua de origem.

Morena, cabelo preto, olhos verdes, Regina-Jane trabalha (lá) como assistente de fotografia a cores. Eleita rainha de beleza de uma associação luso-americana com 16 mil membros, ficará entre nós uma semana. Espera-a ainda este mês a coroação da nova rainha.

O maestro André Kostelanetz em Lisboa

— *Tenho andado em órbita como os astronautas e escolhi Portugal para descansar* — disse o maestro André Kostelanetz, famoso nome da música ligeira norte-americana, ao desembarcar, esta manhã, no aeroporto.

Kostelanetz, russo de origem e quase septuagenário, queixa-se de uma vida profissional demasiado esgotante: 19 concertos em quatro semanas lançaram-no para estas férias de oito dias que hoje começam e deverão estender-se á Madeira.

— *Quero abraçar muitos amigos que tenho aqui* — disse o maestro —, *entre eles a fabulosa Amália Rodrigues.*

André Kostelanetz era aguardado na Portela pelo marido da fadista e por Rui de Carvalho (dos Estabelecimentos Valentim de Carvalho).

Quarenta e nove implicados num processo por furto de veículos

A Polícia Judiciária de Lisboa (6.ª secção, 3.ª brigada) completou e enviou aos tribunais criminais de Lisboa, Oeiras e Almada, um extenso processo em que estão implicados 49 indivíduos.

No processo, foram averiguados numerosos crimes de furto de automóveis e motorizadas e de falsificação de documentos para o seu consequente registo nas Camaras Municipais de Oeiras e Almada.

Após laboriosas diligências, que levaram á detenção de quinze indivíduos, os quais, uma vez avaliada a respectiva responsabilidade foram soltos, uns com pesadas cauções e outros sem qualquer outra formalidade, os investigadores concluíram que era lugar comum o registo ilegal de velocípedes a partir de Janeiro de 1967, altura em que se tornou obrigatória a alteração das chapas de matrícula.

De tais investigações resultou não só a identificação e o apuramento das responsabilidades dos indivíduos proprietários das motorizadas que procederam ilegalmente àquela alteração, por intermédio dos arguidos detidos, como ainda se conseguiram localizar outros indivíduos que furtavam motorizadas e as registavam, fazendo-se passar por vendedores das mesmas.

Embora continuando a instrução de outros processos que surgiram e nos quais estão implicados vários indivíduos ainda por identificar e localizar, aquela Polícia, concluída a instrução do primeiro processo, onde se detectaram os crimes de furto, burla, falsificação, simulação, falsas declarações e encobrimentos vários, que se compõe de cinco grossos volumes, remeteu-o àqueles tribunais com os indivíduos ainda detidos.

PINHEIRO CORREIA INTERNADO NUMA CLÍNICA EM COPACABANA

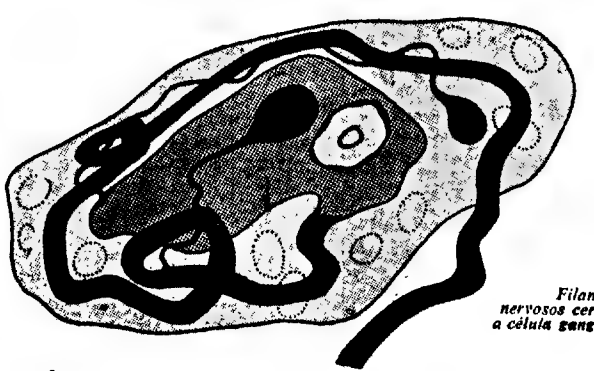
RIO DE JANEIRO, 17 — (A. N. I.) — Por sofrer de um edema pulmonar, foi internado numa clínica, em Copacabana, o coronel Pinheiro Correia, figura de vulto da aviação militar lusitana e um dos elementos da missão especial portuguesa ás comemorações brasileiras do centonário de Gago Coutinho.

O ministro brasileiro da Aeronáutica, marechal do Ar Marcio de Sousa e Melo, tomou providências para que ao coronel Pinheiro Correia fosse prestada toda a assistência possível.

Devido a esta inesperada ocorrência, o coronel Altino de Magalhães, adido militar junto da embaixada de Portugal, deixou de acompanhar á missão portuguesa a Salvador e a Pernambuco.

CITROEN-1967
ID-19
IMPECÁVEL COM EXTRAS
Vende particular. Motivo à vista
Telefs 846062/3/4
das 10 às 13 horas e das 15 às 18 horas

Os seus nervos podem torná-los irritável



Filamentos nervosos cercando a célula ganglionar

Quando uma pessoa saudável, se torna irritável e com mau génio, a causa pode ser atribuída aos «nervos». Se você ou alguém da sua família tem períodos frequentes de irritabilidade, o Sanatogen ajuda-o eficazmente.

COMO O SANATOGEN DOMINA OS «NERVOS»

O equilíbrio do sistema nervoso depende do bom funcionamento das células nervosas. Se elas não recebem proteína e fósforo suficientes, *morrem de fome.* O Sanatogen fornece grandes quantidades de proteína concentrada e fósforo orgânico. Por meio desta vigorosa acção tónica o Sanatogen alimenta e fortalece o seu sistema nervoso. Elimina assim, esses «nervos».

Recomendado pelos médicos
Mais de 25.000 médicos alemães, ingleses e de outros países estão a recomendar o Sanatogen. Testes clínicos evidenciaram que o Sanatogen dá sempre óptimos resultados. Experimente-o no seu caso.

Para todas as formas de «nervos»
Os «nervos» podem manifestar-se de várias formas: irritabilidade, insónia, depressão, preocupações exageradas, quebra de energia, cansaço permanente e até indigestão. Ao fortalecer o sistema nervoso, o Sanatogen ajuda-o a gozar a vida sem contrariedades.

Sanatogen
THE PROTEIN NERVE TONIC

Dipsa Produtos Dietéticos, Lda. - Apartado 1382 — Lisboa 1

DESLUSTRAGEM A SECO
Garantia absoluta, igualmente em limpeza a seco com acabamentos por alfaiate Bastará ligar a 323422, Rua da Prata, 156, s/l. (unico no género).

Diário de Lisbôa
juvenil
N. 626
DOS JOVENS PARA TODOS

2 POEMAS

por Vasco Dias

ATLÂNTIDA

Continente perdido
Flutuando nas trevas
Por elas engolido
Sentindo o Oceano
Vogando no fundo
As almas sem rumo
As almas...
Outro Mundo floresceu
Atlântida morreu.

O MAR

O Mar de Neptuno
De ninfas e nereidas
Outrora foi nosso
Algo se passou
Ele acalentou
Esperanças de antigos
Reserva segredos
Virgindade pura
Qual fruta madura
Que ninguém tragou

PRÉMIO FÓSFORO FERRERO DE FOTOGRAFIA (1.ª SEMANA)

CONSCIÊNCIA

por António Maria Maia de Lima

PRÉMIOS DO CONCURSO FÓSFORO FERRERO

(5.ª SEMANA)

CONTO - MARIA LEITÃO
«O HOMEM»

POESIA - JOAQUIM LUÍS ALVES
«ESTE MEDO DE NAS MÃOS SÓ TER MEDO»

ARTES PLÁSTICAS - LUIZA M. DINIZ FERREIRA
«DESENHO»

FOTOGRAFIA ENSAIO - NÃO FORAM ATRIBUÍDOS PRÉMIOS

DE C. A. CARINHAS AO PROTESTO DE DENIS CINTRA

E O PROTESTO «A PISCINA»

por PEDRO EIROSO

Quando li o que Denis Cintra disse acerca de «A Piscina» deixei-me estar sossegado. Não que estivesse de acordo com ele, mas porque ao fim e ao cabo estávamos do mesmo lado: não gostei. Além de não gostar detestei. Mas, tenha paciência, sr. A. Carinhas, o que escreveu perturbou-me ao ponto de escrever alguma coisa sobre isto tudo.

Não concordo que para se fazer uma crítica a uma sociedade de aparências (se aquilo é crítica), tenha a crítica de ser igualmente uma aparência vazia. Já a torci toda e ainda não saiu nada. «A Piscina» é um filme dificilmente fácil. É de facto difícil encher uma sala de espectáculos com tanta facilidade.

Realmente o que se encontra na «Piscina» encontramo-lo nós mais acessivelmente em revistas. A História compete ás patovelas. As imagens a, por exemplo, um «playboy». É pena que se faça do cinema um caixote do lixo. Ou melhor, um caixote de luxo.

Quando saí do Tivoli senti-me frustrado. Roubado por uma publicidade facetada ao grande publico, infelizmente ingénuo e descaradamente enganado. Não sei se tu, C. Carinhas, fazes parte dessa massa vulnerável.

Vou-me abstrair da ideia de que foste ver o filme e que gostaste. Francamente não acredito que tenhas gostado. Jura, se quiseres, mas não acredito. Gostaste da Romy Schneider? Também eu! Isso acredito. Agora que tenhas gostado do filme...

No fundo, muito no fundo da «Piscina» está o ralo por onde escoa a água e não fica nada.

Amen!

PANORAMA

LIVRO: CULTURA PARA TODOS

A questão é esta: o livro, todo o bom livro — que de más obras está o inferno cheio — de todos os bons autores, nomeadamente portugueses, «ajuda» a desenvolver e consolidar a cultura geral. Ora atendendo a que, num país como o nosso, o Povo tem uma cultura geral, mais do que suspeita, rudimentar, não se compreende lá muito bem, que se tenha desprotegido até agora a actividade editorial. Temos para resolver, com urgência evidente, muitos e angustiantes problemas ligados ao nosso desenvolvimento social, cultural e económico.

E o povo deve ser esclarecido, tem de ser esclarecido. Deve ser consciente, tem de ser consciente; deve aprender a conhecer os seus problemas, aprender até, a conhecer-se a si próprio. Do mesmo modo o livro não pode nem deve ser tido por «mercadoria proibida». Pode e deve ser acessível a todas as camadas sociais para que se lhe possibilite a sua verdadeira missão de veículo de cultura geral. Desejamos ardentemente, o esclarecimento do nosso Povo. Porque dos homens esclarecidos e lúcidos é que há a esperar a construção de uma sociedade melhor.

(Democracia do Sul)

DAS FOTOGRAFIAS ÀS LEGENDAS

— Para planear é necessário conhecer as necessidades do povo, ser-se seu íntimo.
— Para desenvolver é preciso transformar as mentalidades, ensinar o povo que se pode lutar contra o destino.
— Apelo à caridade — peditório para o Instituto de Reumatologia — forma triste de subsídio para um organismo de utilidade pública.
— Actualizar o ensino é (também) fazê-lo beneficiar das técnicas que ele próprio cria.

(«Vida Mundial»)

AS RECEITAS DO FUTEBOL

O Benfica, campeão nacional, arrecadou 3 164 710$40 (mais 469 contos que na época passada). A seguir ficou o Sporting com 1 869 678$30 (menos 447 contos que na época passada). O Benfica teve no seu estádio as maiores receitas de sempre: contra o Sporting e contra o Porto 1 049 720$00 por cada jogo.

Em resultados financeiros a C. U. F. ficou em último lugar com 391 347$70.

A soma total do dinheiro recebido pelos 14 clubes da 1.ª Divisão dá o montante de: 15 251 306$80.

A LINGUAGEM DAS VEDETAS

...a nossa música é demasiado boa para estarem a dar cabo dela, estarem a estragar tanta coisa boa que se tem feito. Até porque não acredito, nem nunca acreditei nos compositores que fazem música em cima do joelho, pois a nossa música que passou além-fronteiras é válida e foi criada por compositores a sério. Só acredito ainda nas músicas que vêm para a rua, que o povo canta. Os autores que compuseram essas melodias e essas letras, são os nossos compositores autênticos, os bons poetas que a nossa terra tem, e a quem devemos tudo aquilo que somos. Sim porque sem eles que seria dos artistas?

Depois destas declarações que a vedeta da canção Maria José Valério deu ao «Diário de Lisboa», todos ficámos mais ricos. Mais ricos em palavras e em idelas. Olé senão. Assim é que se fala. Isso, isso, em compositores a sério e autênticos e os bons poetas que a nossa terra tem e a quem devemos tudo aquilo que somos. Puxa. E a gente que julgava as nossas contas liquidadas. E afinal... Bolas!... E só o que é bom é o que o povo canta na rua. Por outras palavras — o popularucho. E sabe a Valério o que é o popularucho? (aí este subdesenvolvimento intelectual). O popularucho é um dos muitos grandes crimes que se comete contra todo um povo. E a vedeta ainda tem a coragem de falar do povo... e terá a coragem de ouvir estas palavras frias, frias, assim ditas terra-áterra — AS SUAS CANÇÕES NÃO VALEM NADA. A cotação, um zero muito grande e redondinho. E olhe que não lhe estamos a fazer nenhum favor. Apenas a divulgação da verdade.

● O GRÉMIO dos Armadores de Pesca da Sardinha tornou pública a informação dos quantitativos de pesca da sardinha e outras espécies miúdas, verificado de Janeiro a Novenmbro de 1968 nas lotas metropolitanas. Estes dados vieram confirmar a situação de crise deste sector da produção durante o ano de 1968. Os dados fornecidos apenas abrangem Janeiro a Novembro mas, quando comparados com as produções do mesmo período de 1967, esclarecem a flutuação da produção, principalmente no que se refere á sardinha com uma diminuição de produção de cerca de 40.000 toneladas em relação ao mesmo período de 1967.

Note-se que, em 1966, a produção de sardinha foi de 124.830 toneladas, em 1965 de 137.762 e em 1964 de 163.294 toneladas.

● A CARIDADE foi sempre uma das virtudes do nosso povo. Onde quer que se encontre um português, sempre a sua bolsa esteve e está pronta a abrir-se em socorro do seu próximo, mas tudo tem limites, mormente quando se busca exactamente, explorar essa tendência. Nos ultimos tempos, os peditórios sucedem-se sob os rótulos mais dispares. Mesmo tão amiúde, que não tardará muito que qualquer cidadão, antes de sair de casa, busque indagar primeiro se nesse dia se realiza algum. E se o seu ganha-pão o obriga a sair, então já vai preparado para jogar ao esconde-esconde.

Contudo, o exagero (íamos quase chamar-lhe desaforo) chegou a tal ponto, que até em casa já ninguém se encontra seguro contra a pedincha. Se ela não surge na caixa do correio, bate mesmo á porta. Pede para as vitimas de Biafra e para quanto não lembra ao próprio diabo. Dizemos «pede», mas nisto deveríamos ir mais longe, pois a lamuria não raro se torna tão insistente que toca as raias da pura exigência. Ora, se é certo que a nossa tradicional caridade nos nobilita, não o é menos que, posta demasiado á prova, nos torna em mendigos, degradando-nos. Sim, não será altura de se meter a mão na consciência, perguntando: «Não estaremos a exagerar?».

(«O Comércio do Porto»)

● NO NOSSO INSTITUTO (Instituto Superior de Agronomia), a par de uma população em que só 9 por cento dos alunos provêm das classes sociais economicamente mais débeis (que, contudo, constituem 70 por cento da população activa do país), existe, segundo inquéritos concluídos, um baixo rendimento escolar (48 por cento de médias inferiores a 13 e baixo índice de conclusões).

— de uma mesa redonda com estudantes de Agronomia.

(Vida Mundial)

● PARECE HAVER HOJE carreiras novas para que as nossas universidades tradicionais não oferecem preparação adequada, fenómeno que, aliás, tem vindo a defrontar-se noutros países. Isso justificaria a criação de novas escolas de nível universitário. Mas, se isto parece inevitável, necessário se torna acautelar os exageros: saber distinguir entre o que é preparação para carreiras profissionais e o que é simplesmente educação de base, que valoriza para tudo mas não habilita por si só para coisa nenhuma. Não vamos a preparar fornadas de universitários a que não possa dar-se destino.

— Nota do Dia, «Diário de Lisboa»

● O GOVERNO NORTE-AMERICANO vai iniciar um estudo sobre a violência nos programas de televisão e os seus efeitos sobre os telespectadores, especialmente crianças. O estudo será dirigido pelo cirurgião-geral dos Estados Unidos, dr. William H. Stewart, e terá a colaboração de psicologistas, psiquiatras, sociólogos e especialistas no desenvolvimento infantil. Se se verificar que há uma ligação entre a violência na Televisão e o comportamento emocional, espera-se que as restrições quanto a programação sejam feitas pela indústria de radiodifusão numa base voluntária.

PRÉMIO FÓSFORO FERRERO DO CONTO

O HOMEM

por MARIA LEITÃO

Sempre que saía de casa fugia-me qualquer coisa. Fujo sempre que devo dar e, no entanto, eu gosto de dar.

Cheguei, não sei bem donde.

Todas as manhãs que apanhava o sobretudo para sair, sabia-me a boca a fel, ou talvez fosse antes ao café amargo que era obrigado a beber.

Sorria, puxava do chapéu e ajoelhava no chão molhado e nojento.

Havia quem me chamasse doido. Talvez o fosse, mas isso que importa?

Ia sempre a um café muito caro. Pedia uma bica, todos os dias me diziam que só serviam cafés ao balcão, e todos os dias eu saía sem dizer palavra.

Chamaram-me doido. Mas isso que importa?

Seguia então para o emprego, eu era director duma fábrica qualquer, creio ser relacionado com farmácia.

Depois que fui internado custa-me a lembrar as coisas.

Concretamente eu devia mandar nos empregados.

Lembro-me que rebentava a rir sempre que devia dar uma ordem.

Chamavam-me doido. Mas isso que importa?

Todos os dias quando vinha a casa, comia os pratos por ordem inversa. Primeiro o doce, depois a fruta e assim sucessivamente, lembro-me que engolia uma bebida enjoativa duma caneca suja de borras de cigarro.

Adorava tesouras, e sempre que comprava uma camisa nova cortava os fios de todos os botões, depois entregava a alguém que os cosesse.

Era incapaz de fazer qualquer coisa normal.

Talvez tenha sido por isso que me internaram.

Todas as noites, ia a uma taberna, onde o único que se mantinha lúcido era o taberneiro, aí setia-me em casa. Estalava qualquer coisa nesses homens doentes.

Eu detesto homens sãos.

Fortes, elegantes. Homens.

Na rua nunca distingui homens de mulheres.

Lembro-me que nunca me deitava na cama, preferia o contacto frio dos azulejos da casa de banho.

Fugia da família, como cão de gato.

Tudo era confusão, e lembro-me de ver malmequeres verdes com folhas brancas.

Lembro-me de ter trocado violetas por cardos.

E ainda sinto o primeiro beijo que dei numa mulher, senti um nojo quente, cuspia-a toda e desatei a correr gritando por socorro. Deitei-me na berma da estrada e engoli lama até cair inerte.

Quando acordei lembro-me de ver tudo branco. Uma sujeita perguntava-me com uma sorriso delicioso: — sente-se melhor?

Não sei, creio que fugi.

Lembro-me do primeiro ser vivo que matei; era uma formiga mínima, matei-a. E depois de soltar uma longa gargalhada. Desatei a chorar.

Corri então até à praia e meti-me entre as ondas. Fui salvo por um pescador.

Chamaram-me doido. Mas isso que importa.

Lembro-me quando os meus pais morreram. Estava-se numa noite quente, linda, sinto ainda o perfume doce das pétalas, o expirar profundo da brisa contra o meu corpo. O telefone tocou: alguém foi atender. Eu estava no jardim entretinha-me a picar a minha pele flácida e humana, com os espinhos das rosas duma trepadeira muito, muito rara, fazia-me sentir importante a uniformidade da linha contornadora da pele nua da qual nasciam os espinhos da trepadeira rara. Esse alguém veio a chorar dizer-me: — Homem aconteceu uma desgraça; os teus pais morreram.

Eu nem tinha ouvido, e quando me deram o beijo e me cantaram lamúrias de consolo, eu levantei-me num repelão. Empurrei com tal rudeza o humano que estava á minha beira que este caiu por terra. Depois não me lembro de mais, só passados cinco anos me apercebi da morte deles e desatei a chorar convulsivamente picado pelos mesmos espinhos, com o mesmo cheiro a pétalas e a mesma brisa.

CORDÕES DE OURO, CASACO DE ANTÍLOPE E A LATA ENFERRUJADA

por MARIA JOSÉ BRANQUINHO

Tinha a pele encrespada, adivinhava-se áspera, os olhos metidos entre duas rugas de carne, eram mesmo pequenos. O cabelo, apanhado atrás, deixava ver o contorno desta cara, redondo. Quase que arriscava a dizer que nunca fora bonita. Não havia traços disso. Aproximei-me dela e disse: — Bom dia!

«Bom dia, menina» respondeu, voltando-se para alguém que estava ao meu lado, prestes a retirar-se, gritando depois: «Ó minha Senhora vá lá, pelo menos os oito escudos, ó queridinha pela saúde dum netinho que tenho lá em casa que não posso vender por menos». Mas a minha vizinha sabia que podia «espremer» mais. Retorquiu: «Não, é muito caro, oito escudos por uma couve lombarda que metade das folhas não vou aproveitar.» Voltando-se para mim: «Veja lá a menina isto, não se pode sair à rua a comprar qualquer coisa, pedem-nos por tudo um dinheirão, fazem cada choradinho.» Com a voz mais baixa acrescentou: «Olhe para aqueles cordões de ouro, deviam ter custado bom dinheiro, isto não está tão mau como ela diz.» Entretanto, a mulher da hortaliça parecia ter-nos esquecido e gritava noutra direcção: «Ó santinha venha cá, venha cá.» Voltei a olhar para a senhora que me tinha falado há momentos, reparei que vestia um casaco castanho de antílope, junto ao saco das compras uma elegante mala de «calf» e na mão branca e bem tratada que coçava a testa via-se um anel com um brilhante que gritava com o vermelho vivo do verniz das suas longas unhas. «Psst, Psst, olhe lá, fica ou não pelos cinco escudos», perguntou esta, enquanto segurava a couve. Por trás do balcão, a mulher levou a mão à cabeça, com a unha abriu um risco no cabelo, coçando, acompanhando este gesto duma expressão de impaciência: «Ó minha rica, dê lá mais os dez tostões e leve a couve, olhe que perco dinheiro, mas como já é tarde e é a última, valha-me o Santíssimo, que dia este!» A senhora do anel de brilhante abre o seu porta-moedas forrado a pérolas (era bem bonito), enquanto vai dizendo: «seis escudos por isto, cabe lá na cabeça de alguém, o meu marido é que tem razão, vale muito mais almoçar no restaurante», donde retira uma nota de cem escudos entregando à mulher, que apregoava a plenos pulmões: «Ai que ricas couves portuguesas, ó vizinha venha cá, ó D. Judite hoje não me compra nada? olhe para isto é um regalo!» Olha para a nota e diz: «A Senhora não tem mais pequeno, ainda hoje não fiz negócio para lhe trocar esse dinheiro!» Mas não, ela não tinha mais dinheiro trocado. Então, a vendedeira entra lá para dentro do lugar e debaixo dum molho de cenouras retira uma caixa de latão, enferrujada, que devia em tempos ter contido bombons ou «drops». Abre a lata, faz o troco, voltando a colocar o seu «cofre» no mesmo lugar. A senhora retira-se, sem não deixar de me dizer: «Ai menina, não é casada pois não?, nem se case, não vê como está a vida? Adeus.» Limitei-me a responder com um Bom Dia sorridente.

De repente, pensei se foi o marido que lhe ofereceu o casaco de antílope no dia dos seus anos, a mala pelo Natal e quase que assegurava que o tal anel de que eu tanto gostei tinha sido há anos atrás, prenda de noivado. «Não, não se case, não vê como está a vida.» Bem, opiniões.

A mulherzinha da cara redonda, sem cerimónia alguma, interrompeu os meus pensamentos, para me dizer: «A menina faça o favor de desculpar, já está aqui há um ror de tempo, mas não vê aparecem-nos estas «madamas». Qualquer dia deixam de comer para não terem que pagar seis escudos por uma couve!» Mas vamos lá o que é que a menina deseja?»

— Bem, eu agora não desejo nada. Bem... «Ah! Já sei quer-me fazer uma encomenda. Pois faça o favor de dizer, que por acaso amanhã é dia de ir à ribeira, e trago-lhe tudo fresquinho.» — Não, não é isso, respondi sem saber como explicar àquela mulher que ela apenas me servia de tema para quando chegasse a casa escrever qualquer coisa. Queria-lho dizer. Mas onde encontrar as palavras adequadas? Ela não podia compreender! «Olhe estas alfaces, minha rica, faço-lhe por estas duas cinco escudos.»

— Sabe, disse eu, entrei no mercado apenas para conseguir alguma coisa que me sugerisse um artigo. Olhei para si, ouvi o diálogo com a senhora a quem vendeu a lombarda e pareceu-me o indicado.

A mulher sorriu, sorriu para não fazer qualquer outra coisa, mas um sorriso que nada queria dizer. — Adeus e bom negócio — disse, retirando-me. «Obrigado menina, Bom Dia.»

E lá ficou a mulher da hortaliça, olhando-me com o mesmo sorriso, as mãos nas ancas largas, talvez a pensar: «Estas "madamas".»

DO TEMPO QUE VIVEMOS JUNTOS

por CARLOS ORTIL

das noites é que eu guardei recordações
dos dias não
porque não havia um passo a mais
na monotonia das horas
nem um grito a menos no bulício das praças.

eram dias iguais
hora por hora homem por homem
e os nossos gestos geralmente
nunca tinham nada de novo para os outros.

até o horário do emprego
continuava com os olhos sobre nós
às nove e às duas horas
(à saída não era preciso)

e se era
ouvíamos logo palavras gastas
caírem sobre nós quando nos aproximávamos
da porta.
nas noites não era assim
não havia horários a cumprir
nem havia as mesmas caras paradas
na mesma rua
nem os sinaleiros mandavam em nós
nem nos carros.
além disso havia homens embriagados
a atirar palavras inconscientes às pedras da rua
enquanto nós mediamos a profundidade dos becos
[e das horas.
da lua não te falo por já saberes
como ela existe no meu mundo.

PRÉMIO FÓSFORO FERRERO DO CONTO (4. SEMANA)

ORAÇÃO

por AMÂNCIO RESENDE

(Mea culpa)

No canto direito da boca, obliquamente e no fim, um charuto. Uma montanha de cinza enraizada no local onde possivelmente seria um tapete, a crescer, a crescer para um tecto de esquecimento. Haveria decerto um cinzeiro qualquer, inútil, se nos interessasse uma escavação. E um leito velho, um divã. Com uma coberta de morte franjada nessa lã pálida do desespero. Tudo o que resta do meu desastre, para a minha velhice de séculos. É uma história já longa que teria fatalmente de caír em súbita doença. Eu a sofro. O primeiro e o último sintoma é o cansaço. Dos membros, principalmente dos membros. As mãos quase desfeitas, unhas imperceptíveis. As pernas a tremerem de desequilíbrio. Depois há ainda dois olhos curtos, lacrimejantes. E um crânio exagerado, com o seu terrível peso mortal.

A seguir escorrego inevitàvelmente para os lençóis frios, e sou capaz duma prodigiosa memória, porque sou tão irrecuperàvelmente velho, e onde a possibilidade do milagre, do fascínio da imaginação?

Depois converso. Converso muito com eles, com os meus mortos, pela noite fora, fumamos. Tenho-os todos à disposição ali no quarto, surgem dos móveis e ordeno-lhes que desfilem; que dancem a fúria dos tempos, que me distraiam a morte. Peço qualquer coisa a Beethoven, por exemplo, e eis a oportuna batuta que ensurdece e comanda a Quinta Sinfonia.

Depois eu chamo-lhe mentiroso, ele não acredita, digo-lhe que já tem o piano desafinado e ele castiga-me com a Sonata ao Luar. Aqui também Lídia tem lugar, evidentemente. Também Lídia já é morta, e também ela me visita e me surge pela porta da memória, sonâmbula, um crucifixo nas mãos trémulas. Estás velha, Lídia, velha. Gastaram-te. Serás capaz ainda de sorrir? Senta-te, senta-te na beira da cama. Beija o teu crucifixo. Dá-me as tuas mãos ou toma antes as minhas e olha-as em silêncio como tanta vez fizeste. Seria tudo mentira, mas era bom, Lídia, seria tudo mentira.

Eu gosto muito, eu adoro, eu sofro a Sonata ao Luar, Mestre, mas fecho os olhos, claro, porque estou moribundo e a razão está seguramente do meu lado.

Vêm muitos ainda, uma multidão. Trazem todos a sua razão, protegem-na bastante, escondem-na no sangue, pois todos estão incrivelmente convencidos dela.

Amanhã, e depois e depois e até quando? Eu sou perfeitamente igual como é uma circunferência. Salvo evidentemente o fenómeno da barba que me cresce para o centro da terra e me envolve já e me resguarda duma tempestade de qualquer que já não sei conhecer. E os olhos que já se perdem lá no fundo. E a tosse que me verga.

Porque, de resto, os meus dias são viajados em redor deste quarto onde me sento a um piano em que só sei tocar uma nota, uma nota antiquada. E triste. Como aquelas rosas de plástico, além, junto à janela.

(Mea culpa)

Quando eu tinha qualquer coisa a dizer-te, Lídia, eu ia contigo pela noite fria, caminhando ao lado dos cigarros e das músicas que dançavam no prato do gira-discos. Lídia. Agora. Agora estou cansado. E sujo. E só. Quieto. Uma solidão que só agora compreendo, sim, na pele. Tudo longe, tudo, E perto, muito perto, um corpo desconexo, dois olhos grandes a nichar para uma cidade louca, que grita, e esbraceja e se esforça. Uma cidade que chora uma chuva triste e tristemente vai nua, os seios pendentes, para o túmulo. Cidade na manhã, na tarde. Na noite. Cidade imensa. Para onde vamos, Lídia, para onde? Lídia! Lídia. Uma verdade, agora. Um olhar sereno, um traço calmo, cheio de convicção. Lídia. A única presença distinta na memória. Um olhar sereno. Um olhar sereno. Sereno. Que não cansa nunca. Por ser um olhar sereno.

— Que tinhas depois do concerto? Estavas tão só. Eu respondo, Lídia, eu respondo ao teu alarme. Não tinha nada. Eu nunca tenho nada, acredita. O que eu sinto é que as coisas me têm a mim. E são elas que me atraem ou me repelem. E me fazem rir e chorar. É o mundo que nos tem, nós não o temos, possuí-lo seria um sonho de crianças, é ele, é a vida que nos educa, que nos bate, que nos admite, e que, por fim, nos lança no desespero e nos mata, nos arruma definitivamente.

Tudo isto será inútil porque tudo isto vive um clima de morte. Contudo a morte é também do meu tempo, Lídia. E não será de mais falar do espaço e do tempo que nos deram.

Sabes? Sinto-me esgotado. Tenho muitas dores de cabeça. Acordo, a meio da tarde, a suar, e depois choro. Devo ter febre. Febre, sim, febre tens tu de viver, meu velho, febre tens tu de coisas novas, de coisas que estão para além deste horizonte pobre.

Ontem trouxe comigo muitos livros e muitos papéis, uma caneta. Depois tinha sono. Tinha muito sono. Tudo se quedava estético, alinhado em letras. Tinha muito sono. Ao meu gesto a luz coalhou, morta, na lâmpada. E depois fui viajar pelo sonho fora, à procura de uma voz qualquer que me acordasse.

Temos de nos decidir, minha triste Lídia, digo eu, e limpo-lhe as lágrimas com os dedos.

Depois, eu próprio sinto uma humidade estranha nos olhos.

(Mea maxima culpa)

— Mas ouve, sou eu que falo. Dá-me um pouco de atenção. Sou eu, uma mulher triste que te acompanha. Tenho cabelos escorridos, dedos magros, e fumo e fumo, sentada neste sofá. São seis horas da manhã, a cidade começa a enlouquecer. E eu creio que ainda não te compreendo. Ouvi a tua história, pus uma música ali ao canto e pensei muito, pensei com amor, com raiva. Que significa tudo isso? Que verdade nos traz, a mim, ao meu filho, ao mundo, que mensagem?

Lídia. Lídia uma vez mais.. Sou eu, mulher de cabelos tristes, sou eu quem te fala e se confessa. Sou um homem cansado que chegou ao limite e quer começar de novo.

Tenho estado a ouvir o teu Brahms, o maravilhoso Brahms que te fulminava e te trazia o esquecimento, a plenitude. E de novo te ergueste, Lídia, da memória que me resta. Ouve.

A minha história não traz mensagem. A minha história nem é minha, Lídia, é um objecto, um simples objecto que dei à rua e que pertence a quem quiser amá-lo. A quem quiser redescobri-lo. Vamos esquecer tudo, Lídia, vamos recomeçar em simplicidade absoluta. Vamos despir-nos e ter simplesmente um corpo. Ensina isto ao teu filho. Explica-lhe o mundo que lhe deixaste, leva-o a ver as ruínas. E depois morre. Morre, Lídia, que estás velha, e o teu nome já nos é distante.

A manhã azulada acena-me da janela.

E tenho esperança. Tenho muita esperança.

POEMA

por Vítor Oliveira Jorge

na intensamente arborizada Alea dos Físicos desenvolvia-me ele
a sua Teoria do Misticismo. com frequência
demoravam-se aí connosco homens dos quatro ventos, na sua maioria
[mantos verdes e
azul escuro, isto é, semiólogos e matemáticos. púrpura só
eu, jovem gaduado numa jovem paleantropologia, que ele
fitava particularmente como seu mais chegado, fazendo-me
doer os olhos.
escutava-o também ao longo das Pedregosas Praias Nórdicas, onde ao fim
[do dia
o sol é longamente vermelho. lembro-me
das pedras e dos poetas que encontrávamos, umas e outros
à flor das espessas águas negras. o Senhor visitou-nos
disse-me ele uma dessas vezes. só passados dias tornei a vê-lo junto
do IBM 1440 com um rasgado sorriso: o vermelho sol havia-o momentâ-
[neamente
enlouquecido, pensei, sossegado sobre o meu mestre.

ESTE MEDO DE NAS MÃOS SÓ TER DEDOS

por Joaquim Luís Alves

1

Não canto as coisas
Falo por exemplo das pedras que piso
todos os dias
porque só sentindo nos pés
a dureza do chão que me sustenta
entre os outros me reconheço

por isso
não me peçam que cante o mar ou as ondas
ou os pássaros — nasci para cumprir
a minha viagem com os pés na terra
ainda que por vezes o faça
com lamentável má vontade

(quero que saibam também que me recuso
a cantar as flores
coloridos e cheirosos adornos para
embelezar a morte nas campas dos
cemitérios ou para entontecer a vida
na inutilidade das jarras)

2

Falo do que piso e do que toco
do que como e do que bebo
do que desprezo e do que amo
mas sem decorações de espuma
de asas ou de pétalas

falo sabendo o peso das sílabas
na saliva
falo deste medo de nas mãos só ter
os dedos
só os dedos e mais nada

é portanto inútil que me peçam
que esqueça a existência do suor no
dia a dia das fábricas
ou a sombria resignação nos olhos
das crianças tristes
ou tudo
tudo aquilo onde o sangue corre
com a mesma cor para todos

PRÉMIO FÓSFORO FERRERO DE POESIA

REGULAMENTO DO CONCURSO FÓSFORO FERRERO

1. — FÓSFORO FERRERO organiza, com o patrocínio do «Diário de Lisboa-Juvenil», um concurso denominado «Concurso de Letras e Artes» a iniciar em 13 de Maio e com encerramento a 1 de Julho do corrente ano.

2. — O concurso fica aberto a todos os jovens de ambos os sexos até ao limite de vinte e cinco anos de idade que não tenham qualquer livro publicado.

3. — São abrangidas as seguintes modalidades:

Reportagem ou ensaio.
Conto.
Poesia.
Fotografia.
Desenho, Pintura ou Escultura.

4. — As reportagens poderão fazer-se acompanhar de fotogafias, o que constituirá elemento valorativo.

5. — Os originais deverão ser inéditos, nunca publicados antes, total ou parcialmente.

6. — Não se impõem normas relativas à extensão dos originais, sendo certo, porém, que mais nos interessa a qualidade que a quantidade O sentido das realidades dos nossos concorrentes lhes aconselhará os limites a que devem atender tomando em linha de conta as possibilidades de espaço do nosso «Juvenil».

Apenas para a Reportagem ou Ensaio será permitida a continuação num «Juvenil» seguinte.

7. — As fotografias devem ser em papel brilhante, sem margens, formato 18×24.

8. — Os originais destinados ao concurso devem estar em nosso poder até sábado de cada semana.

9. — Não haverá devoluções.

10. — Os originais podem ser dactilografados. Considerando, porém, a dificuldade que a cópia à máquina suscita, aceitam-se os originais manuscritos.

Neste caso, só duas normas há a considerar:

1. — A letra deve ser bem legível;
2. — Os autores devem ficar com uma cópia em seu poder.

11. — A cada original premiado será atribuída a importância de quinhentos escudos. Isto significa que, durante as oito semanas do concurso, FÓSFORO FERRERO entregará em prémios a importância de vinte mil escudos.

12. — Os originais podem ser assinados com o nome do concorrente ou, se assim o preferirem, com um pseudónimo. Mas ainda neste caso a identificação é obrigatória.

13. — Da identifcação consta:

a) Nome completo.
b) Idade.
c) Profissão.
d) Morada.
e) Número de telefone, se o tiver.
f) Retrato tipo passe ou qualquer outro, para efeito de publicação, em caso de prémio.

14. — Os originais recebidos e que não tenham sido premiados ficarão em poder do «Juvenil», que poderá distingui-los com a publicação.

15. — Todos os originais deverão ser enviados a partir de hoje com o seguinte endereço:

«CONCURSO FOSFORO FERRERO» — «Diário de Lisboa-Juvenil» — Rua Luz Soriano, 44 — Lisboa-2

16. — Os casos omissos serão resolvidos pelo redactor-orientador do «Juvenil» tendo em atenção a valorização do concurso, o interesse do Suplemento e a Justiça devida aos concorrentes.

Cada concorrente pode enviar um número ilimitado de produções, numa ou várias modalidades. Mas cada qual em seu sobrescrito.

Os concorrentes só poderão ser premiados uma vez em cada modalidade.

Basta enviar uma vez os elementos de identificação. Os retratos devem trazer no verso o nome do concorrente para evitar extravio ou confusão.

OS PRIMEIROS CIGARROS

por Mário Contumélias

Menina! menina! menina! Carlos encolhido num canto sentia arder a cara e as orelhas. Parecia-lhe mesmo ensurdecer. O barulho que a malta fazia ribombava-lhe nos ouvidos. Como os trovões, à noite, de que tinha medo e o obrigavam a esconder a cabeça debaixo da almofada, Carlos tentara ser amigo deles mas não fora aceite. Embirravam com ele, com os seus bibes brancos. Bem, não os queria vestir, mas que fazer se a mãe o obrigava? Também o invejavam porque Carlos era o melhor aluno da classe e quando a professora saía da sala por momentos mandava-o escrever no quadro preto os números dos meninos mal comportados. Então eles ameaçavam-no e ele que não gostava muito daquele papel de queixinhas, e também porque temia a vingança dos colegas, não apontava número nenhum.

Uma vez a professora tinha dito que o cigarro dava classe aos homens. O marido da professora era um tipo desagradável, baixo, gordo e careca, mas fumava cigarros estrangeiros. Tinha dito também que aquela história de ser o Pai-Natal a pôr os brinquedos na chaminé era uma grande treta. Que eram os pais que compravam as prendas e as lá punham. Ah! Ele não acreditara nisso, mas quando falara no assunto à mãe ela tinha ficado muito aborrecida. Tinha murmurado mesmo, acerca destas professoras de agora e qualquer coisa de como era no seu tempo. Carlos na altura não percebera bem.

Havia também a Ana, a Ana era uma miúda muito gira, Carlos gostava dela. Pensava que era bom se namorassem os dois e dessem grandes passeios à beira-mar e se sentassem na relva do jardim. Seria um namoro mesmo a sério, para um dia se casarem. Tinha porém dificuldades em dizer-lho. Era difícil chegar ao pé dela e gritar — queres namorar comigo? Nunca tinha arranjado coragem. Tinha-lhe escrito uma carta bonita, gastara mesmo cinco croas num envelope rosa perfumado. Ele já tinha ouvido dizer a uns rapazes mais velhos lá da sua rua que não se podia confiar nas mulheres. E era verdade, a fulana tinha mostrado a carta às outras, tinham gozado com ele pela brava.

E o pior é que a coisa transpirara e agora a classe atormentava-o. Carlos perdeu a cabeça. O pai tinha dito uma vez que os verdadeiros homens não andavam com brigas, que a falar é que as pessoas se entendiam. Já não se lembrava a propósito de que mas fora isso que ele dissera. A mãe uma vez lhe tinha batido por ele aparecer em casa com os calções rotos de jogar a bola.

Mas Carlos já não podia mais, grossas lágrimas corriam-lhe quentes dos olhos quase o cegando. Investiu contra eles ao pontapé e ao murro.

— Olha o tipo arma-se em teso, disse o Ventura, o Ventura era um fulano lixado para a pera de quem toda a malta tinha medo, e postou-se na sua frente. Carlos lançou-lhe um murro com toda a violência de que era capaz, atingiu-lhe os dentes, os lábios e o sangue jorrou vivo. O outro enraiveceu-se, engalfinharam-se numa luta tremenda que prometia cabeças partidas. A volta deles os outros, não fazendo o menor gesto de intervir incitavam-nos. A cólera dera a Carlos novas e desconhecidas forças. Derrubou o outro, sentou-se-lhe sobre o peito sempre a torcer-lhe um braço até que o obrigou a pedir-lhe perdão. O sino tocou. Com um sentimento esquisito um mal estar que ao mesmo tempo sabia bem, ou o contrário, arranhado, sujo de poeira, Carlos encaminhou-se para a aula. Os outros olhavam para ele agora com um novo respeito e comentavam:

— Eh! pá, afinal o tipo é teso. Quando as aulas terminaram, Carlos arrumou os livros e saiu. Ao cruzar-se com Ana à porta da escola riu-se-lhe na cara.

Depois de virar a esquina entrou numa tasca e comprou um maço de cigarros.